

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Migrações, Inter-Etnicidade e Transnacionalismo, realizada sob a orientação científica do Professor Doutor José Mapril, Professor Auxiliar Convidado na FCSH-UNL, Investigador integrado no CRIA-IUL

*Aos meus pais António e Ana,
à minha irmã Cátia*

AGRADECIMENTOS

Ao professor Mapril, pelos bons conselhos, disponibilidade e orientação.

Aos membros da equipa do REMIGR, pela oportunidade de colaborar num projeto verdadeiramente multidisciplinar e por me permitirem aprender com os melhores.

Um agradecimento especial à Bárbara Ferreira, colega e amiga, pelas sugestões de leituras, críticas construtivas e pelo acompanhamento ao longo deste ano.

Aos grandes contribuidores deste trabalho – os portugueses residentes em Londres – que, no meio da azáfama da grande metrópole, encontraram tempo e disponibilidade para colaborar neste trabalho.

À Mariana Campos, pela amizade e pelos lindos mapas.

Aos amigos que estiveram presentes nesta etapa.

Um obrigado especial à Cátia Gomes, sem a qual esta pesquisa não teria sido possível.

Ao Miguel, os dias todos.

Estabelecidos e Recém-Chegados: complexidades da emigração portuguesa em Londres

Alexandra Rosa Ferro

RESUMO

Problematizando a cidade do ponto de vista das migrações, e em particular a migração de portugueses para Londres, a presente dissertação visa contribuir para o conhecimento da atual emigração portuguesa para o Reino Unido, e em especial para Londres, procurando compreender a relação dos portugueses com o espaço, com os seus habitantes e as suas perceções sobre a «comunidade» portuguesa emigrante.

A partir dos dados recolhidos através de entrevistas e do trabalho de campo foi-nos possível identificar a existência de dois discursos que separam portugueses estabelecidos dos emigrantes recém-chegados, dicotomia que servirá de base à nossa análise. Estas dissemelhanças manifestam-se sobretudo em relação a: i) perceções da cidade; ii) formas de interação (com outros portugueses, com outros migrantes e com os autóctones); iii) discursos sobre identidade.

Tendo como base esta análise, ao longo deste trabalho iremos desenvolver três argumentos principais: em primeiro lugar, defenderemos a impossibilidade de retratar os emigrantes portugueses em Londres enquanto membros de uma «comunidade» homogénea; em segundo lugar, argumentaremos que esta fragmentação se reflete no espaço originando diferenças tanto nos padrões residenciais dos estabelecidos e dos recém-chegados como nos espaços ocupados por estes; em terceiro lugar, enfatizaremos a imensa complexidade da atual migração portuguesa e a sua reprodução nas diferentes conceções de «comunidade» na própria forma como cada um vive a sua *portugalidade*.

PALAVRAS-CHAVE: emigração; cidade; reabilitação urbana; Londres

ABSTRACT

While problematizing the city from the migration perspective and particularly the Portuguese migration to London, this dissertation aims to contribute to the knowledge of the ongoing Portuguese migration to the United Kingdom, especially to London. Simultaneously it grasps the Portuguese people's relation with their surrounding space, its inhabitants and their perceptions of the Portuguese emigrant "community". From the data collected through interviews and field work we were able to identify the existence of two groups among Portuguese emigrants: established and newcomers. This dichotomy will serve as the basis for our analysis. These dissimilarities stand out particularly in relation to: i) perceptions of the city; ii) forms of interaction (with other Portuguese people, with other migrants and with natives); iii) discourses on identity. Based on this analysis we will develop three main arguments throughout this paper. Firstly, we will defend the impossibility of portraying Portuguese emigrants in London as members of a homogeneous "community". Secondly, we will argue that this fragmentation is reflected upon the space itself creating differences in the residential patterns of established emigrants and newcomers, as well as the spaces they occupy. Lastly, we will emphasise the current complexity of Portuguese migration in its depiction of the different conception of "community" translated into how each person embraces its own "Portugueseness".

KEYWORKDS: emigration; city; urban regeneration; London

ÍNDICE

Introdução

<i>Apresentação do tema e problematização</i>	1
<i>Metodologia</i>	3
<i>Caracterização dos inquiridos</i>	4
<i>Estrutura da dissertação</i>	5

Primeira Parte - Enquadramento Teórico

1. O Estudo da Emigração em Portugal	7
<i>Emigração qualificada</i>	9
<i>Emigração portuguesa no Reino Unido</i>	12
2. Emigração em Números: análise das principais fontes estatísticas	15
3. Cidade, Migração e Reestruturação Urbana	20

Segunda Parte – Análise do estudo de caso

4. A Cidade	30
<i>Experiência Migratória</i>	35
<i>Espectativas e Realidade</i>	40
<i>Redes de sociabilidade</i>	54
5. O “Bairro”	58
<i>Processos de nobilitação urbana</i>	59
<i>Os portugueses em Lambeth</i>	66
6. O Emigrante.....	72
<i>Continentais versus insulares</i>	72
<i>Estabelecidos versus recém-chegados</i>	74
<i>Emigração «tradicional» versus Emigração recente</i>	80

Conclusão	88
------------------------	----

Bibliografia	92
---------------------------	----

Anexos	103
---------------------	-----

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1.1 Migrações internacionais de e para Portugal (2004-2014).....	8
Figura 2.1 Emigração portuguesa segundo o INE e a OCDE (1992-2013).....	15
Figura 2.2 Fluxos de entrada de portugueses nos principais países de destino (número médio de entradas anuais 2001-2008).....	17
Figura 4.1 Situação perante o emprego antes e depois de emigrar para o Reino Unido	36
Figura 5.1 Mapa de recolha de dados em Little Portugal	68

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 2.1 Principais países de residência da população portuguesa (último ano disponível).....	18
Quadro 2.2 Registos NINos (National Insurance Number) atribuídos a portugueses, por região de Inglaterra (2002-2015, 1º trimestre)	19
Quadro 4.1 Distribuição de NINos, pelas principais regiões de nacionalidade (2002-2015)	32
Quadro 4.2 Distribuição de NINos a nacionais do sul da Europa (2002-2015)	33

Introdução

Apresentação do tema e problematização

Nas últimas décadas as cidades sofreram grandes transformações em vários domínios, tornando-se importantes nódulos do sistema internacional na circulação de capital, informação e pessoas (Sassen 1996). De igual forma, cada vez mais indivíduos são atraídos para os centros urbanos onde têm acesso a um mercado de trabalho diversificado com maior capacidade de absorção e melhores condições de saúde e educação. O último relatório da Organização Internacional para as Migrações (OIM) foca-se precisamente na relação entre cidade e migrações, lançando o ímpeto para que se reúnam esforços para teorizar a relação entre a migração, o espaço e a globalização de forma a capturar as diferentes formas como os migrantes são parte integrante dos processos de reestruturação urbana que vão para além da escala nacional (OIM 2015).

Num contexto de globalização, em que as redes de transportes e comunicações se democratizaram e o inglês ascendeu a língua franca, o Reino Unido tem-se afirmado como um dos destinos europeus preferenciais dos emigrantes portugueses. É preciso notar, contudo, que esta *nova emigração* é substancialmente diferente da emigração mais antiga, quer pelo seu volume, quer pelas características da sua população. Neste sentido, e no seguimento de estudos desenvolvidos noutros contextos (ver, por exemplo, Brettell 1981, Foner 2005, Foner, Rath *et al* 2014, Price e Benton-Short 2008, Salzbrunn 2011), quisemos, recorrendo a dados empíricos, estudar a relação dos portugueses com a cidade de Londres. Duas razões motivaram a escolha deste estudo de caso.

Em primeiro lugar, a singularidade de Londres enquanto destino migratório e a sua relevância estatística nas saídas de portugueses para o Reino Unido. Segundo os dados do recenseamento britânico, o *stock* de portugueses passou de 19 535 em 1991, a 35 867 em 2001, e mais recentemente para 88 161 em 2011 (Góis *et al* 2016, 73), concentrando hoje 43% dos portugueses que emigram para o Reino Unido (ver

Quadro 2.1). Apesar da sua relevância estatística, e salvo alguns estudos recentes (Estrela 2003; Almeida 2007; Almeida e Corkill 2010a e 2010b; Pereira *et al.* 2015; Góis 2016), pouca atenção tem sido dada ao estudo das migrações portuguesas para o Reino Unido e para a relação destes migrantes com a cidade.

Em segundo lugar, Londres congrega pelo menos duas vagas migratórias de portugueses com estratégias de integração bastante diferentes entre si. O primeiro grupo é composto por emigrantes que chegaram a Inglaterra nos anos 80 e 90 do século passado. Estes emigrantes são mais velhos, menos qualificados e a sua migração tem tendencialmente um carácter definitivo, concentrando-se (ainda que não exclusivamente) nas zonas de Vauxhall, Stockwell e Lambeth, conhecidas como *Little Portugal*. O segundo grupo é composto por jovens portugueses qualificados que emigraram para a cidade no início dos anos 2000. Estes jovens incorporam sócio-demograficamente o que se tem vindo a denominar por emigração/circulação de “cérebros”, ainda que nem sempre consigam integrar-se profissionalmente nos sectores da sua formação académica, e apresentam padrões residenciais dispersos.

Assim, e tendo como inspiração a obra de Elias e Scotson “*Os Estabelecidos e os Outsiders*” (1994), procuramos dar resposta à seguinte pergunta: quais são as principais diferenças entre os portugueses emigrados há mais tempo e os portugueses jovens que emigraram recentemente no que respeita: i) perceções da cidade; ii) formas de interação (com outros portugueses, com outros migrantes e com os autóctones); iii) discursos sobre identidade?

Tomando o Reino Unido, e mais concretamente a cidade de Londres, como estudo de caso, o nosso trabalho pretende contribuir para o conhecimento da atual realidade migratória portuguesa, englobando os emigrantes recém-chegados e portugueses estabelecidos. As nossas hipóteses de trabalho são as seguintes: a) o local de residência dos migrantes está relacionado com a sua perceção da «comunidade» (por exemplo, viver em *Little Portugal* traduz-se num melhor relacionamento do indivíduo com os portugueses estabelecidos); b) os migrantes mais jovens têm uma melhor integração no país de destino que se traduz no desenvolvimento de redes de sociabilidade mais diversificadas; c) os emigrantes recém-chegados têm um discurso

identitário mais cosmopolita, contrariamente aos emigrantes estabelecidos que têm laços mais fortes com o país de origem.

Metodologia

O desenho metodológico desta dissertação assentou numa estratégia mista. Para além da recolha de estatísticas oficiais, realizámos entrevistas presenciais semiestruturadas e entrevistas informais a emigrantes portugueses em Londres, complementando a nossa recolha com dados obtidos através de observação participante. Apesar da inclusão de métodos de recolha etnográficos, a nossa pesquisa não se assume como uma «etnografia» no bairro de *Little Portugal*. A nossa estratégia foi de encontro ao postulado por Giddens: (1991, 219): “*All social research, in my view, no matter how mathematical or quantitative, presumes ethnography*”, e nesse sentido procurámos enriquecer a nossa investigação com métodos de pesquisa etnográfica. Assim, realizámos trabalho de campo na cidade de Londres entre 20 de Abril e 3 de Maio. Partimos de Portugal com 3 entrevistas previamente agendadas com jovens recém-chegados com o plano de visitar o “bairro” de *Little Portugal* e recolher entrevistas a emigrantes estabelecidos, de forma a podermos estabelecer um ponto de comparação.

Ao longo das entrevistas, alguns dos nossos interlocutores manifestaram explicitamente o desejo de anonimato, e nesse sentido substituímos o seu nome por nomes fícticos. Optámos, no entanto, por não identificar estes casos ao longo da dissertação com o objetivo de não levantar atenção desnecessária aos seus discursos. As entrevistas foram realizadas de duas formas. Obtivemos os primeiros contactos de emigrantes jovens através de contactos pessoais e posteriormente através do efeito “bola-de-neve”. Os migrantes mais velhos foram abordados em restaurantes e cafés em *Little Portugal* nas visitas frequentes ao “bairro”.

Caracterização dos inquiridos¹

Foram entrevistados 15 indivíduos, 6 do sexo feminino e 9 do sexo masculino. Dos portugueses entrevistados, 5 indivíduos têm cursos superiores, e os restantes têm níveis de escolaridade inferiores ao ensino secundário. Dois terços dos nossos entrevistados residem em *Little Portugal* (zonas de Vauxhall e Stockwell), os demais vivem em zonas dispersas da cidade. O local de residência dos entrevistados reflete a importância da apropriação do espaço urbano pelos diferentes perfis de emigrantes: os emigrantes qualificados, inseridos em profissões liberais, residem fora de *Little Portugal*, enquanto os migrantes estabelecidos e os migrantes recém-chegados que não foram absorvidos por estes sectores de mercado, habitam sobretudo no “bairro” português.

Em *Little Portugal* a média de idades é de 42 anos, sendo que o entrevistado mais novo tinha 21 anos e o mais velho tinha 84 anos. Já entre os portugueses recém-chegados que residem fora do “bairro” a média de idades situa-se nos 32 anos, e regista-se uma menor discrepância de idades.

Relativamente à inserção profissional, metade dos entrevistados exercem profissões ligadas ao comércio e restauração, os emigrantes qualificados trabalharam em áreas ligadas à saúde, finanças, arquitetura, design e hotelaria. Em *Little Portugal* a percentagem de entrevistados que exercem profissões ligadas ao comércio e restauração é de 70%. Esta elevada percentagem é justificada pela estratégia de recolha de informação adotada que consistia em abordar os emigrantes estabelecidos em cafés e restaurantes portugueses e pela maior disponibilidade de migrantes que trabalham ou frequentam estes espaços em colaborarem com a nossa investigação.

Entre os emigrantes qualificados que residem noutras áreas de Londres, 2 entrevistados chegaram depois do início da década de 2010 e os restantes nos anos 2000. Entre os emigrantes que residem dentro no «bairro» português, 3 entrevistados iniciam o seu período migratório depois da década de 2010, 2 entrevistados no ano

¹ Ver Anexo 1 - caracterização dos entrevistados.

2000, 1 no final da década de 1990, 4 nos inícios das décadas de 1980 e 1990 e um dos entrevistados emigrou para Londres no final da década de 1960.

Estrutura da dissertação

A presente dissertação está organizada em duas partes: enquadramento teórico e análise do estudo de caso. O enquadramento teórico compreende três secções que pretendem contextualizar e fornecer as bases conceptuais para a discussão do estudo de caso. Desta forma, iremos analisar criticamente a bibliografia acerca (mas não exclusivamente) da emigração portuguesa qualificada e os estudos (ainda que escassos) sobre a emigração de portugueses para o Reino Unido. Seguidamente, analisaremos as estatísticas nacionais e internacionais sobre a migração portuguesa em geral, e sobre o caso específico da emigração para o Reino Unido de forma a percebermos a evolução dos fluxos, *stocks* e da distribuição geográfica dos portugueses no país de acolhimento. A secção “Cidade, Migração e Reestruturação Urbana” pretende examinar o surgimento da questão urbana nas ciências sociais e, colocando em diálogo os estudos clássicos com estudos mais contemporâneos, explanar teorias e conceitos que no darão as ferramentas necessárias para a posterior análise das entrevistas recolhidas.

A segunda parte desta dissertação corresponde à análise do estudo de caso. Assim, partindo do todo para a parte, organizámos os dados das entrevistas em subdivisões sequenciais: a cidade, o “bairro” e o emigrante. Na primeira secção analisaremos as imagens dos portugueses sobre Londres tendo em conta a sua história migratória, o confronto entre as expectativas sobre a cidade e a realidade vivida e as redes de sociabilidades desenvolvidas pelos portugueses na grande metrópole. O objetivo desta secção é ilustrar e perceber a relação entre os portugueses e o espaço da cidade e de que forma é que os percursos dos emigrantes estabelecidos diferem das estratégias utilizadas pelos recém-chegados. Descendo à escala do “bairro” iremos contextualizar os processos de nobilitação e reestruturação urbana na zona popularmente conhecida como *Little Portugal*. Posteriormente, serão analisados os discursos dos portugueses sobre o “bairro” e os seus habitantes opondo visões de portugueses que habitam em *Little Portugal* às opiniões de portugueses que vivem em

zonas dispersas de Londres. Por último, o foco estará nos discursos e práticas sobre identidade, nomeadamente na auto e hétero identificação. Nesta seção quisemos dar especial enfoque à multiplicidade de formas de incorporação e identificação entre os emigrantes portugueses independentemente do seu período de chegada, de forma a evidenciarmos a complexidade da emigração portuguesa contemporânea.

Primeira Parte - Enquadramento Teórico

Considerada num momento bem recente como um resquício de um passado que se recusa, uma espécie de sintoma de subdesenvolvimento que se pretende artificialmente apagar do quadro social, os últimos anos vieram demonstrar que a emigração nunca deixou de estar presente e que continuará, com características alteradas e diferentes graus de intensidade, a marcar o futuro do país.

Malheiros, Marques e Góis (2016, 273).

1. O Estudo da Emigração em Portugal

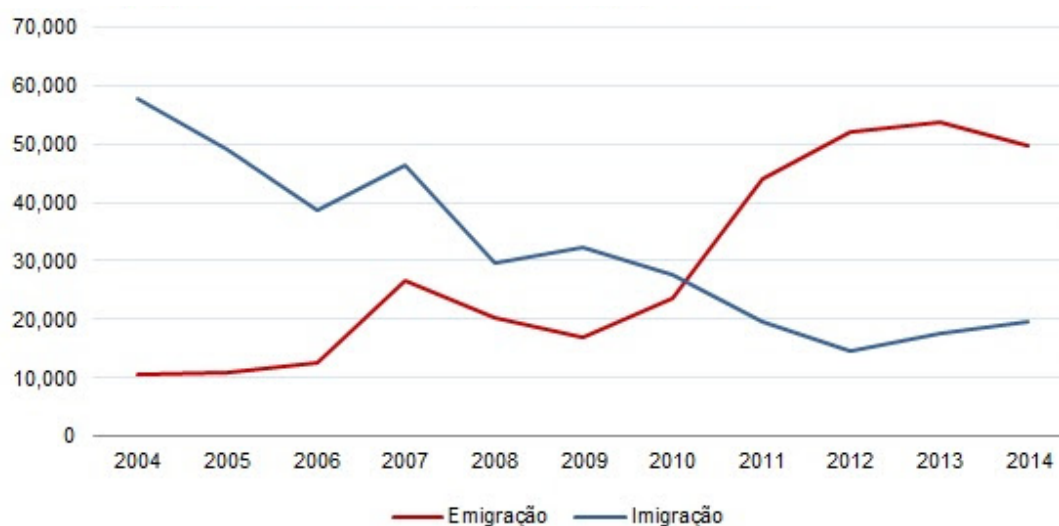
A história do estudo da emigração em Portugal é pautada, sobretudo, por um descuro da academia portuguesa pelo tema. A falta de interesse da academia, dos media e da esfera política pelos fluxos de saída teve maior expressão na década de 80, e foi criticamente analisada e discutida por diversos autores (Baganha 2001, Baganha e Góis 1998/1999, Malheiros 2011, Marques 2009 e 2010, Peixoto 2004). Todos os autores citados consideram como causa do desaparecimento da emigração das agendas políticas nacionais o estereótipo existente em torno dela. A persistência dos fluxos de emigração era vista como um embaraço para a elite portuguesa, um atraso num país que disfrutava de “uma situação próxima do pleno emprego” (Baganha e Góis 1998/1999, 249).

De facto, com a entrada de Portugal para a então Comunidade Europeia, e o conseqüente desenvolvimento económico, era expectável que o país se tornasse um polo de atração de imigrantes e que os movimentos de saída diminuíssem acentuadamente. As taxas de imigração aumentariam em proporcionalidade inversa às

taxas de emigração que tenderiam a diminuir, dado que o desenvolvimento económico do país intensificaria a sua capacidade de fixação da população. Esta perspetiva não pôde, contudo, ser aplicada ao caso português. Ainda que tenha enfraquecido nos anos 70 e 80, é sobretudo nos anos 90 que o volume da emigração portuguesa aumenta, numa altura de forte crescimento e expansão económica, o que levou Maria Baganha a classificar estes movimentos de saída como “anomalia teórica” (2001, 142).

A persistência da emigração poderá, para Arroiteia, ser encarada como reflexo de uma “cultura migratória” portuguesa, construída sobre séculos de emigração e consolidação de importantes «comunidades» de emigrantes, muitas vezes formadas por indivíduos da mesma região (Arroiteia 2001). Ou, segundo Almeida (2004; 2005), constituir parte do imaginário coletivo de Portugal “nação de emigrantes”, integrando um conjunto de conceções generalizadas sobre identidade nacional. Facto é que a emigração é uma constante na realidade portuguesa, facto que se tem refletido no aumento do saldo migratório negativo em Portugal.

Figura 1.1 – Migrações internacionais de e para Portugal (2004-2014)



Fonte: Pires 2016.

Todavia, o peso estatístico das saídas dos portugueses produziu impacto no aumento da produção científica sobre o tema. Candeias *et al.* (2014) realizou a análise bibliométrica de 806 publicações científicas referentes à emigração portuguesa entre

os anos de 1980 e 2013. O estudo reflete sobretudo a necessidade de uma atualização do conhecimento científico sobre a emigração portuguesa contemporânea, e gostaríamos de salientar dois resultados do estudo que espelham esta ideia. Em primeiro lugar, apesar do relativo crescimento na produção científica sobre a emigração portuguesa, a maior parte dos estudos ou têm uma janela temporal anterior ao ano de 1974 ou não têm um foco temporal definido. Do total de obras analisadas pelos autores (n=806), 65% (n= 522) dos estudos não foram possíveis de classificar segundo as categorias temporais *século XIX-1945*, *1945-1974* e *pós 1974*, ou por se tratarem de estudos transversais, ou por ignorarem ou impossibilitarem o conhecimento da situação temporal em análise. Das obras classificadas temporalmente (n= 284), 70% têm como objeto de estudo saídas não contemporâneas anteriores a 1974. Em segundo lugar, e articulado com o exposto anteriormente, as investigações realizadas são sobretudo centradas em destinos tradicionais da emigração portuguesa como França (33%), Brasil (22%), Estados Unidos da América (15%) e Canadá (13%) havendo pouco material escrito sobre os novos destinos da emigração portuguesa.

Tendo em conta o reduzido número de trabalhos que focam a emigração portuguesa contemporânea, optámos por dividir a nossa revisão bibliográfica em duas grandes categorias: estudos sobre emigração qualificada e estudos sobre emigração portuguesa para o Reino Unido. Esta divisão foi pensada tendo em conta as duas populações em estudo: emigrantes estabelecidos que tem padrões migratórios semelhantes aos estudados em outras regiões no norte de Inglaterra (Almeida e Corkill 2010a e 2010b), e jovens emigrantes qualificados que foram estudados noutros contextos europeus (Delicado e Alves 2013, Lopes 2014, Gomes 2015).

Emigração qualificada

No estudo da emigração portuguesa contemporânea, a atenção tem recaído particularmente sobre os emigrantes qualificados. A literatura portuguesa focou-se, nomeadamente, na mobilidade dos quadros das empresas (Peixoto 1999), dos profissionais de saúde (Pereira *et al.* 2015, Ribeiro *et al.* 2013), académicos e alunos

de doutoramento (Delicado 2008 e 2010, Fontes e Araújo 2013, Fontes 2007, Gomes *et al.* 2014) bem como na mobilidade de mulheres nas áreas científicas e de investigação (Delicado e Alves 2013). Esta preferência pelos qualificados poderá ser explicada tanto pelo mediatismo dado à saída de portugueses qualificados como por um maior acesso dos investigadores a este grupo.

Recentemente, um estudo coordenado por Rui Gomes (2015) debruçou-se precisamente sobre os jovens portugueses qualificados que migram para a Europa. Recorrendo a retratos sociológicos, os autores levantam algumas pistas sobre a atual emigração qualificada portuguesa. Em primeiro lugar, a quase totalidade destes percursos resulta de experiências de mobilidade estudantil internacional, o que reflete o “impacte das políticas de construção do espaço europeu por meio de propostas formativas internacionais, focadas na geração mais nova de cientistas” (Gomes 2015, 31). A mobilidade académica é encarada por estes jovens como uma estratégia de carreira, experimentação de novos contextos culturais e um acelerador da transição para a idade adulta. Estes jovens estão inseridos naquilo que o World Bank (1999) denominou de *knowledge economy* (“economia de conhecimento”) na qual existe uma grande procura de trabalhadores com muitas qualificações e capacidade de adaptação a novos contextos e a ambientes multiculturais. Em segundo lugar, a mobilidade científica parece ser o resultado direto do fracasso das políticas públicas para a ciência em Portugal. O subfinanciamento das pesquisas científicas intensificou a precariedade dos jovens cientistas em Portugal, o que os levou a saírem do país à procura de maior estabilidade e progressão nas suas carreiras científicas. Em terceiro lugar, apesar da pluralidade dos projetos de vida futuros destes jovens, a maioria não pensa regressar a Portugal. Para estes jovens a mobilidade parece não ser reversível, situação que representa um enorme desafio político para o Estado português.

Sobre o mesmo tema, Lopes (2014) centra a sua pesquisa em França. O país concentra atualmente o número mais elevado – 617 mil – de portugueses residentes no estrangeiro (Pires *et al* 2014). A emigração para França é sobretudo representativa de um perfil de emigração «tradicional»: feita por migrantes pouco escolarizados e com estadias de longa duração. Segundo os dados do Recenseamento Anual Francês de 2013 (Insee 2014), em França os portugueses eram os imigrantes menos qualificados. Dos portugueses residentes em França, mais de metade (56%) não tinha

qualquer tipo de certificado escolar. Já o número de emigrantes portugueses qualificados é reduzido – 14% - especialmente quando comparado com os resultados dos seus congéneres europeus: Espanha (56%), Itália (55%), Reino Unido (50%), Alemanha (41%) e Roménia (35%). Face à fraca preponderância da emigração qualificada, o autor teve dificuldade em constituir uma amostra, mas justifica a pertinência do estudo exatamente pela invisibilidade estatística desta população. O argumento principal do estudo de Lopes é que a emigração representa um marco emancipatório para estes jovens e, ainda que, por vezes, não se encontrem a desempenhar funções que correspondem ao seu nível de qualificação, conseguem adquirir um certo nível de autonomia que os permite sair da dependência familiar. Em suma, e na mesma linha do estudo de Gomes (2015), estes jovens saem do país para “escapar à possibilidade de uma instalação desqualificante na precariedade” (Lopes 2014, 87).

Quando falamos de emigração qualificada é importante pensarmos nas terminologias utilizadas na sua análise. Enquanto a “fuga de cérebros” está comumente associada à saída de cidadãos qualificados dos países em vias de desenvolvimento para os países mais desenvolvidos, outros conceitos (como “mobilidade” ou “circulação de cérebros”) estão igualmente envoltos de significado político e social. A este propósito, Araújo e Ferreira (2013) mostram-nos que o discurso mediático sobre a emigração qualificada oscila entre discursos de sentimento de perda de nacionais qualificados e a consequente incapacidade governativa em reter os seus nacionais e os discursos de carácter mais individualista e liberal que legitimam “os processos e globalização de conhecimento e circulação de pessoas, remetendo o mesmo debate para a “circulação do conhecimento”” e as vantagens da internacionalização de Portugal através dos bons resultados da sua diáspora (Araújo e Ferreira 2013, 76).

Em Portugal, a emigração - e a qualificada, em particular - é endereçada segundo estas duas formas: uma que assenta no discurso do êxodo forçado face às escassas oportunidades laborais; e outra, que exalta os benefícios da diáspora para o estado de origem (internacionalização, transnacionalismo, cooperação). Estas abordagens espelham a complexidade da relação dos migrantes com o seu país de origem, temática explorada na segunda seção da presente dissertação.

Emigração portuguesa no Reino Unido

Acompanhando o crescimento relativamente contemporâneo do número de portugueses que migram para terras de Sua Majestade, os estudos sobre esta população emigrante são, além de recentes, pouco numerosos. Se adicionarmos aos estudos da emigração portuguesa uma componente urbana podemos mesmo afirmar que estamos num terreno estéril e que pouco ou nada tem sido escrito sobre os processos de integração dos portugueses nas cidades. Falemos então dos estudos realizados sobre a população portuguesa emigrada no Reino Unido.

A este propósito, Taylor e Rogaly (2004) elaboraram um relatório acerca das condições de trabalho dos imigrantes presentes em East Anglia, na região de Norfolk. Neste documento encontram-se relatadas as dificuldades de inserção laboral, a precariedade dos trabalhos temporários, e em alguns casos, situações de abuso de trabalhadores imigrantes chineses e portugueses. Os autores advertem que, apesar dos portugueses entrarem no Reino Unido de forma legal, estão amiúde empregados ilegalmente, sem contratos nem seguros, auferindo salários abaixo do estipulado. A exploração laboral não está assim circunscrita aos indocumentados, mas também aos que gozam de cidadania europeia.

Através da metodologia das histórias de vida, Estrela (2003) estudou o percurso de várias mulheres emigradas no Reino Unido. As entrevistas focaram os seguintes pontos: impressões dos primeiros tempos no país de destino, estratégias de reconstrução da vida diária e as dificuldades inerentes, representações da sua educação e exigências da educação dos seus filhos, relações com a «comunidade» emigrante portuguesa e projetos para o futuro. A autora foca-se sobretudo nas alterações que o processo migratório exerce sobre a identidade destas mulheres. A análise é sobretudo psicossocial, e dela iremos extrair apenas as conclusões que se relacionam, de alguma forma, com o nosso estudo.

Estrela (2003) conclui que a mulher portuguesa sai sobretudo para ver cumprido no estrangeiro o seu direito à igualdade. O contexto familiar (o facto de ter familiares que emigraram ou ter passado por uma experiência migratória na infância) também

pesa na sua escolha, além da insatisfação perante o contexto de crise. A identidade cultural é analisada a dois níveis: a autoidentificação enquanto membros de uma «comunidade» emigrante “mais em termos de valores humanos e éticos”, num sentido mais abstrato do que é “ser português”; enquanto a hetero identificação é essencialmente reforçada pela pertença ao grupo, embora exista um certo desconforto em pertencer a uma “minoría” (Estrela 2003, 136). Relativamente à relação com Portugal, metade das mulheres entrevistadas afirma não querer regressar ao país, e quem quer regressar apenas o pretende fazer nos anos de reforma, com o objetivo de reagrupamento familiar.

Em Portugal, são sobretudo os trabalhos de José Carlos Almeida (Almeida 2007; Almeida e Corkill 2010a e 2010b) que melhor caracterizam a população portuguesa residente no Reino Unido. O autor, apoiando-se em diversas fontes estatísticas, refere que os novos fluxos de emigração portuguesa para o Reino Unido se apresentam como uma nova tendência migratória integrada naquilo que são as saídas dos portugueses quase exclusivamente para países europeus. Esta nova emigração para o Reino Unido tem um carácter laboral e é sobretudo temporária. Mais tarde, em colaboração com Corkill, Almeida desenvolve o seu trabalho de campo junto dos trabalhadores portugueses residentes em Thetford. O objetivo é compreender os mecanismos de integração no mercado laboral (Almeida e Corkill 2010a) e as tensões decorrentes da competição por trabalhos (Almeida e Corkill 2010b). Os autores inovam sobretudo na consideração da variável “espaço” no estudo da migração portuguesa (Almeida e Corkill 2010b, 71):

Although they are an understudied population, the Portuguese have been living in the UK for more than 30 years, concentrating in large urban areas such as London. However, the increase in numbers since the early 2000s occurred with important shifts in the migration patterns, in particular the trend from urban to rural settlement. In fact, whilst many features of the new Portuguese emigration into the UK remained little changed, in other aspects there were important distinguishing features. Foremost among these was the spatial distribution. Previously, as noted, the community had concentrated in the south-east of the UK, especially in and around the capital. Latterly, the migrants spread across the country and can be found in East Anglia,

Scotland, Wales and Northern Ireland. As a result, there are significant numbers of Portuguese-speakers in places as diverse as Boston (Lincolnshire), Thetford, Wrexham, Sefton, Crewe and Dungannon, among others.

O grande limite dos trabalhos de Almeida e Corkill está na superficialidade com que abordam a relação entre o emigrante e o espaço. Os autores referem brevemente a importância de examinar as migrações dos portugueses em contexto rural, em oposição ao contexto urbano que tem sido mais estudado, mas não aprofundam as ligações entre os migrantes portugueses e o espaço onde se inserem. Além da mera descrição das trajetórias migratórias, seria interessante perceber a relação destes emigrantes com a cidade/ região onde residem e de que forma diferentes padrões residenciais se traduzem em diferentes estratégias de integração e sociabilização.

Não será excessivo dizer que a variável espacial tem sido negligenciada ou até mesmo ignorada nos estudos sobre emigração portuguesa. Da literatura analisada parece existir uma multiplicidade de fatores que contribuem não só para a saída, mas também para a manutenção de relações com o país de origem e que não se prendem necessariamente com os percursos profissionais dos intervenientes. Estes fatores, gostaríamos de propor, podem estar (também) ligados ao contexto sócio-espacial onde os migrantes estão inseridos e a todas as variáveis que daí advêm (sociabilidade, vizinhança, espaços circundantes).

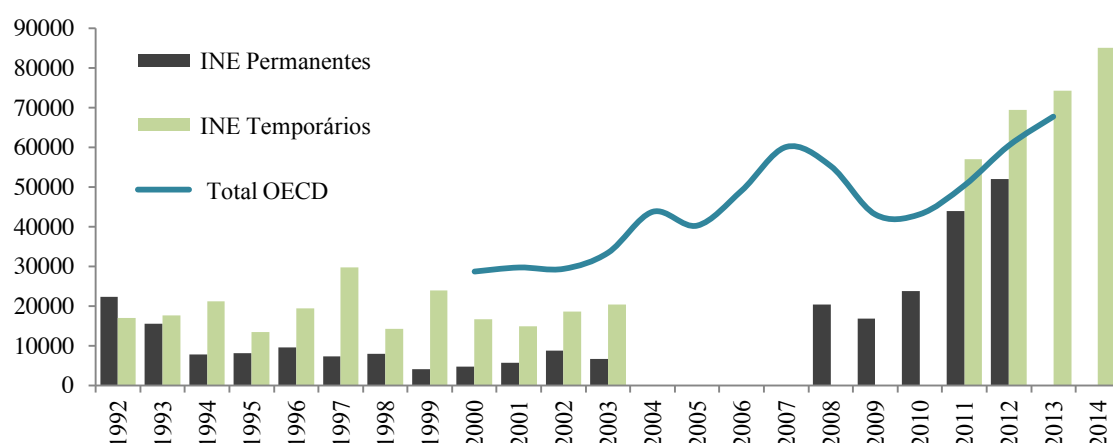
Antes de passarmos à análise da dimensão espacial iremos analisar os dados sobre emigração portuguesa contemporânea, que nos permitirão olhar para o quadro geral da emigração e seus principais destinos, mas também compreender a sua relevância estatística.

2. Emigração em Números: análise das principais fontes estatísticas

Segundo um relatório do Banco Mundial em 2010, Portugal tinha 2,2 milhões de emigrantes espalhados pelo mundo. Ou seja, mais de 20% dos indivíduos com nacionalidade portuguesa residiam fora do país. Em termos proporcionais, Portugal é o primeiro país da União Europeia e o décimo segundo do mundo com maior número de emigrantes em proporção da sua população residente. Estes dados apontam naturalmente para a importância do fenómeno migratório na realidade portuguesa.

Calcular os movimentos de saída de um país é uma tarefa árdua e raramente bem-sucedida. Os dados sobre migração intraeuropeia nem sempre recolhidos nos países de destino, e mesmo dentro da União Europeia, além do obstáculo metodológico levantado pela livre circulação no espaço Schengen (largamente coincidente com a EU), essa informação não está harmonizada. Nesse sentido, é bastante difícil estipular comparações entre dados de diferentes países. As diversas fontes estatísticas adotam diferentes metodologias na recolha dos dados e muitos países não têm instrumentos de contabilização da sua população imigrante. Tomemos como exemplo os números da emigração portuguesa.

Figura 2.1- Emigração portuguesa segundo o INE e a OCDE (1992-2013)



Fonte: INE, Emigrantes (Série 1992-2003; 2008-2014) e Emigrantes Temporários; OECD.Stat

Podemos observar uma grande disparidade entre os dados recolhidos pelo INE e pela OCDE. Até 2011, os números agregados (emigração temporária e emigração

permanente) do INE são sempre inferiores aos dados recolhidos pela OCDE. Sobre estas duas fontes estatísticas gostaríamos de tecer algumas considerações que nos elucidam sobre a dificuldade de contabilizar a emigração.

Os dados do INE sobre emigração portuguesa sofreram duas interrupções estatísticas. A primeira, entre 1988 e 1992, foi resultado da abolição do “passaporte emigrante” nos anos 80 por força da entrada de Portugal para a Comunidade Europeia. O INE adota um novo instrumento operacional - o Inquérito aos Movimentos Migratórios de Saída – feito por inquérito direto a uma amostra representativa da população. Peixoto aponta duas fragilidades neste método: em primeiro lugar, as informações não são fornecidas pelo próprio migrante o que pode resultar em imprecisões; em segundo lugar, os inquéritos são feitos por amostragem o que os torna sujeitos a margens de erro substanciais e incapazes de identificar fluxos menos expressivos (Peixoto 2004, 8). A metodologia de mensuração do fenómeno migratório do INE também foi criticada por Baganha e Góis:

Apesar de reconhecermos a dificuldade do empreendimento, o facto é que, desde 1992 até hoje, o INE não foi capaz de afinar os instrumentos de observação utilizados, pelo que a mensuração feita continua a ser uma ténue e errónea imagem da realidade. Ao mesmo tempo, o fenómeno continua e, pelos vistos, continuará a ser drasticamente subestimado nas estatísticas oficiais.

(Baganha e Góis 1998/1999, 246)

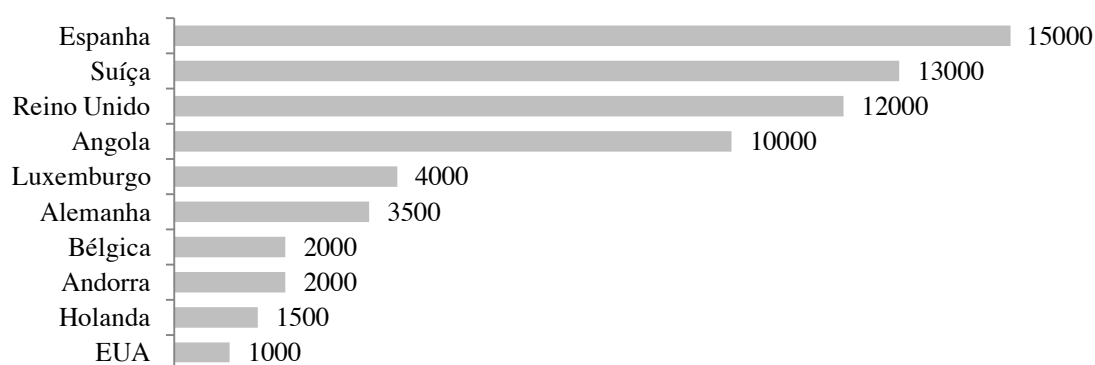
Em 2008, a operação estatística é novamente alterada originando uma segunda interrupção na série de dados sobre emigração portuguesa entre 2004 e 2007. Como vimos, desde 1992 até 2013 os dados são obtidos por inquérito amostral. A partir de 2008 os dados são obtidos através de um estudo estatístico que tem por base as Estimativas Anuais da População Residente. Embora, parafraseando Baganha e Góis (1998/1999) o empreendimento seja difícil, a falta de consistência das sucessivas operações estatísticas resulta na impossibilidade de comparação dos dados entre períodos em que foram aplicadas diferentes metodologias na recolha dos dados.

As estatísticas da OCDE, por seu lado, apenas contabilizam os dados relativos aos estados-membros da organização, deixando de fora a emigração para países sul-

americanos e africanos, por exemplo. Outra grande lacuna destas estatísticas está na inexistência de dados sobre a saída de portugueses para França, principal país de destino da emigração portuguesa, o que subestima bastante os valores finais de emigração portuguesa. Feita esta ressalva, iremos analisar o fluxo e o *stock* de emigrantes portugueses, tendo como fonte o Relatório Estatístico do Observatório da Emigração.

Na primeira década do século XXI, o fluxo de entradas de portugueses dirige-se sobretudo para países europeus como Espanha, Suíça e Reino Unido. Os números para Angola situam-se nas 10 000 entradas anuais, número que certamente será bastante maior uma vez que são inúmeros os fatores (guerra civil, destruição de infraestruturas, escassez de recursos humanos, política governativa, entre outros...) que dificultam a tarefa de obter dados estatísticos fidedignos sobre a realidade do país (Candeias *et al.* 2016).

Figura 2.2 - Fluxos de entrada de portugueses nos principais países de destino (número médio de entradas anuais 2001-2008)



Fonte: Pires *et al.* 2014, 34.

Podemos observar que, apesar da crescente popularidade dos novos destinos europeus, os tradicionais destinos de emigração continuam a registar números significativos de entradas. O padrão atual da emigração portuguesa agrega assim destinos migratórios tradicionais (França, Suíça, Luxemburgo, EUA, Canadá e Brasil) e novos destinos migratórios (Espanha, Reino Unido, Angola), tendência que já tinha

sido apontada por diversos autores (Almeida 2007, Malheiros 2011, Marques 2009 e 2011, Peixoto 2004, Pires 2010 e Pires *et al.* 2004).

Quadro 2.1 Principais países de residência da população portuguesa (último ano disponível)

País	N	Ano
França	588 276	2010
Suíça	194 840	2012
EUA	158 002	2013
Canadá	140 310	2011
Brasil	137 973	2010
Espanha	134 248	2013
Alemanha	104 084	2013
Reino Unido	90 000	2012
Luxemburgo	60 897	2011
Venezuela	37 326	2011

Fonte: Pires *et al.* 2014, 46.

Relativamente ao *stock* de emigrantes portugueses, não é surpresa que os destinos tradicionais de emigração portuguesa continuem nos lugares cimeiros dos principais países de residência da população portuguesa. Estes números são facilmente explicados pela existência de segundas e terceiras gerações nos países de destino e pelo papel significativo que as redes de emigração têm na escolha do destino de emigração e na evolução dos fluxos migratórios ao longo do tempo. Podemos também presumir que, enquanto os destinos tradicionais (França, Suíça, EUA, Canadá e Brasil) têm números elevados de portugueses a residir no seu território por força de anos de acumulação de populações migrantes, os novos destinos (Espanha e Reino Unido) ganham importância nos últimos anos com o número elevado de entradas.

Dentro do Reino Unido, os portugueses concentram-se sobretudo na região de Londres (43%), e em menor número nas regiões de East of England (13%) e South East (13%).

Quadro 2.2 Registos NINos (National Insurance Number) atribuídos a portugueses, por região de Inglaterra (2002-2015, 1º trimestre)

Região	N	%
<u>London</u>	<u>83741</u>	<u>43,20</u>
East of England	26644	13,70
South East	25331	13,10
South West	16171	8,30
East Midlands	14792	7,60
North West	11373	5,90
West Midlands	8277	4,30
Yorkshire and The Humber	6136	3,20
North East	1559	0,8
Total	194024	100

Fonte: National Statistics, UK Government

A grande concentração dos portugueses em torno da capital britânica (anexo 2) justifica a nossa orientação para os estudos da cidade. Nesse sentido, importa explorarmos o contributo de vários autores das ciências sociais na teorização e na construção de metodologias para o estudo da relação entre os migrantes e a cidade.

An old axiom in urban sociology considers space as a reflection of society. Yet life, and cities, are always too complex to be captured in axioms.

Manuel Castells

3. Cidade, Migração e Reestruturação Urbana

A Revolução Industrial no final do século XIX potenciou uma extraordinária mudança nas estruturas socio-espaciais das cidades, despertando o interesse de estudiosos que, através da criação teórica e conceptual, desenvolveram ferramentas na tentativa de perceber as grandes transformações em curso. Os primeiros estudos de Marx e Engels sobre as relações de trabalho e os padrões residenciais das classes sociais influenciaram largamente o desenvolvimento dos estudos urbanos ao evidenciarem a manifestação e proliferação de novos papéis sociais. Em Manchester, o epicentro da Revolução Industrial britânica, Engels analisa *A condição da classe trabalhadora em Inglaterra*, obra que publica pela primeira vez em 1845. Através da recolha de relatos dos trabalhadores e das suas próprias observações, Engels crítica o modo como a industrialização e a rápida urbanização contribuíram para a degradação das condições de vida dos operários das zonas industriais de Inglaterra. Segundo o autor, era essencial conhecer a vida do proletariado, fortemente marcada pela pauperização extrema e pela degradação material, para compreender os novos processos de industrialização e para edificar as bases teóricas do socialismo (Engels 1975 [1845]).

Tendo igualmente como pano de fundo a industrialização e a expansão urbana, mas afastando-se da perspectiva de classes, Georg Simmel aborda as mudanças ocorridas segundo uma perspectiva individual. Os seus trabalhos constituem uma “herança para as ciências sociais como todo, não só para os seus seguidores de Chicago” (Velho 2009, 13), e influenciaram o trabalho de diversos antropólogos e sociólogos. Em *A Metrópole e a vida do espírito* (1997 [1903]), Simmel discorre sobre os efeitos da grande cidade no pensamento e na personalidade do indivíduo.

Os problemas mais complexos da vida moderna decorrem da vontade do indivíduo de preservar a sua independência e individualidade perante os poderes supremos da sociedade, o peso da herança histórica, a tecnicidade e a cultura da vida contemporânea.

(Simmel 1997 [1903], 11)

Simmel reflete também sobre o ajustamento da personalidade do indivíduo e da sua sociabilidade face às exigências das forças externas, leia-se da cidade, e sobre a maneira como estas estruturas sociais urbanas prescrevem um tipo de relação social muito diferente das relações sociais desenvolvidas nas «comunidades tradicionais» em ambiente não-urbano. Segundo o autor, só através da análise das diferenças entre o binómio campo-cidade é possível compreender a noção de liberdade do indivíduo na metrópole.

A importância de que se reveste, para a independência do indivíduo, a atitude de reserva e de indiferença, bem como as condições mentais da vida dos grandes aglomerados, só é realmente apreciada nas densas multidões das metrópoles, em que o limitado espaço de movimento e a proximidade física dos indivíduos justificam de imediato o seu distanciamento mental. É apenas por oposição a esta liberdade que, naturalmente, em determinadas condições, nunca nos sentimos tão solitários e isolados como no bulício das grandes cidades. Porque aqui, como noutros lugares, não é de modo algum necessário que a liberdade dos indivíduos se reflita na sua vida emocional como experiência agradável.

(Simmel 1997 [1903], 38)

A teorização da cidade, da sua ambiguidade - o constrangimento da solidão e a preponderância da *atitude blasé* em oposição às “trivialidades e aos preconceitos típicos das pequenas localidades” (Simmel 1997 [1903], 38) - e da própria figura do *Estrangeiro* desenvolvida pelo autor em 1908, terão uma forte influência no desenvolvimento dos primeiros estudos da Escola de Chicago. É na década de 1920 que um conjunto de sociólogos da Universidade de Chicago se volta para a cidade e a teoriza, estabelecendo uma correlação entre estrutura espacial e estrutura social. Os trabalhos de carácter etnográfico realizados na cidade de Chicago, entendida por Wirth como um “laboratório vivo” para o estudo dos processos sociais, marcaram o

prelúdio dos estudos urbanos. O mote destes trabalhos é dado por William I. Thomas e coautoria de Florian Znaniecki no clássico da sociologia *The Polish Peasant in Europe and America* (1918-1920), um estudo extensivo sobre as transformações ocorridas na sociedade polaca e nos polacos emigrados nos Estados Unidos. Os autores investigam os grupos primários de convivência (a família e a «comunidade») dos camponeses polacos e a reestruturação dos laços sociais em torno destes dois contextos: país de origem e país de destino. Mais tarde, Nels Anderson desenvolve o estudo *The Hobo* (1923), termo que designava os trabalhadores migrantes dos Estados Unidos que, não tendo residência fixa e desvinculados de laços familiares, se moviam pelo país como nómadas movidos pela paixão pela liberdade². A sociologia acerca-se assim do que até então estava confinado à antropologia – a etnografia - mas afasta-se, contudo, do exotismo da diferença e aproxima as ciências sociais ao contexto urbano.

A partir daqui, sob a orientação de Robert Park, antigo aluno de Georg Simmel e amigo próximo de William Thomas, desdobram-se os trabalhos sociológicos e etnográficos escritos no contexto urbano de Chicago (ver Park e Burgess 1925; Trasher 1927; Wirth 1928; Zorbaugh 1929; Cressey 1932; Whyte 1943). Park retoma o pensamento de Simmel e problematiza a “personalidade urbana” que é afetada pela perda dos laços locais, das tradições e do controle social. Dentro do *corpus* teórico da Escola Chicago é incontornável falar de *Urbanism as a Way of Life* de Louis Wirth (1997 [1938]). O ensaio paradigmático expõe um programa de investigação que se propõe analisar o modo como as cidades produzem formas de interação social distintas das existentes em ambientes rurais. Wirth identifica três aspetos da cidade – tamanho, densidade e heterogeneidade – que a distinguem da sociedade rural, e argumenta que as diferenças entre os habitantes do campo e da cidade são explicadas pela adaptação do indivíduo ao meio que o rodeia.

É igualmente atribuído a Wirth o primeiro esforço de teorização da vida na cidade, do qual resulta a definição sociológica de vida urbana e a partir do seu trabalho desenvolve-se um debate sociológico em torno da tipologia urbano-rural³, onde se destaca o trabalho de Redfield sobre a *Folk Society* (1947) no estado do

² A temática dos *Hobos* foi mais tarde desenvolvida, em plena época *New Age*, na obra literária de Jack Kerouac “*On the Road*” publicada pela primeira vez em 1957.

³ Para uma teorização mais aprofundada deste debate ver, por exemplo, o capítulo 3 “*The Search for the City*” de Ulf Hannerz (1980).

Yucatán. Também no México, Oscar Lewis (1979 [1961]) desenvolve o seu estudo sobre a família Sanchez, um trabalho seminal nos estudos sobre a cultura da pobreza. Ao analisar as atitudes e os valores de uma família residente num bairro no centro de uma cidade latino-americana em rápida expansão e crescimento económico, Lewis concebe a cultura como um “padrão de vida que passa de geração em geração” e refuta a tese de Wirth que postula que as cidades, pela sua diversidade e pela presença de imigrantes, têm maior propensão à desorganização social (Lewis 1979 [1961], 8).

Na Europa, importa destacar os estudos realizados sobre a égide da Escola de Manchester em cidades centro-africanas. Ligados ao Rhodes-Livingstone Institute e consequentemente à Universidade de Manchester, os discípulos de Gluckman, referência da antropologia social e funcionalista, desenvolvem pesquisas nas novas cidades mineiras da Zâmbia. Assim, estudaram-se em novos contextos urbanos fenómenos como a destribalização, a dominação colonial, a exploração económica e a condição laboral. Além do estudo de Gluckman (1940), destacam-se o trabalho de Wilson (1941-42) sobre a destribalização e a análise de redes de Mitchell (1969). Talvez o grande contributo de J. Clyde Mitchell para a antropologia seja *The Kalela Dance* (1956), um estudo que através da análise situacional, até então pouco desenvolvida em antropologia, evidencia os diferentes processos de diferenciação e de definição de fronteiras identitárias entre os habitantes de Copperbelt. A dança *kalela*, enquanto expressão de identidade étnica, evidencia a natureza situacional das mudanças de identidade étnica e da descontinuidade dos sistemas tribais rurais e urbanos, o que constitui uma alternativa ao pensamento *mainstream* sobre destribalização baseado em modelos dualistas simplificadores que concebiam o rural e o urbano como duas categorias estanques⁴.

O advento da descolonização e da modernização significou o fim do objeto de estudo primordial em antropologia: o estudo do «outro», «exótico» e «distante». Face a esta mudança drástica era preciso que a disciplina se reinventasse e se adaptasse à nova realidade social, descolando-se da sua proximidade ao colonialismo⁵ e às

⁴ Para uma leitura introdutória sobre os principais temas e debates que marcaram a história da antropologia urbana ver, por exemplo, Homobono (2000) e Cordeiro (2003).

⁵ Para uma análise compreensiva dos principais debates em torno da reconceptualização da antropologia no período «pós-colonial» ver Peirano 1998.

relações de poder inerentes (ver Lewis 1973). É neste contexto que, no início dos anos 1960 surgem trabalhos que exprimem preocupações com o futuro da disciplina (Lévi-Strauss 1961 e 1962; Goody 1966), que abrem caminho para sua a redefinição na década seguinte e para a viragem para a «antropologia em casa»⁶ (Jackson 1987). A partir daqui foram várias as metáforas criadas por cientistas sociais para construir modelos descritivos e analíticos que nos aproximassem destas novas dinâmicas e processos metropolitanos. Encontramos a sintetização clara destes esforços conceptuais nas palavras de Mattos (2001, 3):

Denominações como cidade informacional (Castells), cidade global (Sassen), metápolis (Ascher), cidade pós-moderna (Amendola), cidade pós-fordista (Dematteis), pós-metrópole (Soja), cidades em globalização (Marcuse e van Kempen), entre muitas outras, documentam os esforços que se vieram a desenvolver após a identificação das tendências que estariam na transição até à cidade do futuro e de apreender as características e a constituição morfológica que a caracterizam.

Em resposta às profundas alterações observadas em contexto urbano, a cidade ganha protagonismo, tornando-se um elemento central da análise antropológica. Nesta época vemos surgir o modelo da “cidade como contexto”, uma corrente que visa superar os limites da *antropologia na cidade* e progredir no sentido de uma *antropologia da cidade* (ver Fox 1977). Ou seja, procurou-se abordar os fenómenos específicos da cidade e evitar cair na tendência de estudar em ambientes urbanos temas clássicos da antropologia como a etnicidade ou pobreza urbana que, tendo a cidade como *locus*, não são fenómenos distintivos desta. Faltava, segundo Fox, uma problematização do urbano e para tal era necessário que o estudo da cidade fosse feito segundo três níveis de análise: microssistemas sociais, sistemas urbanos e macrossistemas nacionais e internacionais onde estão integradas as cidades (Fox 1972). Os autores que reivindicavam que o contexto da cidade influenciava os modos de incorporação dos migrantes apoiaram-se na análise comparativa de grupos de migrantes em duas cidades (Fox 1972; Rollwagen 1975; Lamphere 1992) ou em diferentes momentos da história (Foner 1987).

⁶ Tomando como estudo de caso os trabalhos antropológicos feitos nos Estados Unidos, Greenhouse (1985) questiona as noções de familiaridade, afinidade e conhecimento que estão associadas ao termo «casa» relativamente ao conceito «Antropologia em Casa».

Nos anos 1980, e sobretudo após a publicação de Castells sobre *A Questão Urbana* (1977), aumenta a preocupação dos teóricos na influência da estrutura dominante (para Castells os modos de produção capitalista) na cidade e na vida dos seus habitantes. O trabalho de Susser de (1982) sobre um bairro operário multiétnico em Brooklyn, a monografia de Ulf Hannerz (1980), as críticas de Mullings (1987) à antropologia urbana realizada nos Estados Unidos, e a teorização do *direito à cidade* feito num primeiro momento por Lefebvre (1970; 2001) e mais tarde recuperada por Harvey (1989; 2012) precederam e influenciaram o surgimento de etnografias inovadoras que documentam as formas como a estrutura influencia a experiência urbana. Estes trabalhos inovadores evidenciaram as desigualdades sociais e raciais e a sua reflexão na ocupação no espaço, nomeadamente, no crescimento dos *guetos* e subúrbios negros (Wacquant e Wilson 1989), nos enclaves de nacionais de populações imigrantes (Lin e Robinson 2005); e no papel das relações de género enquanto motores de mudança urbana (Castells 1983; Adler e Brenner 1992; Marry 2001).

Com uma nova abordagem, Caroline Brettell “traz a cidade de volta” e identifica um leque de variáveis (história migratória, dimensão espacial e acesso à habitação, economia política, composição da população migrante e cultura dominante) que moldam a experiência dos migrantes e, por essa razão, deverão ser fatores a ter em consideração aquando a análise da relação dos migrantes com o espaço (Brettell 2003: 190). Brettell, observou a influência do contexto na incorporação dos migrantes através de um estudo etnográfico realizado em Paris e Toronto sobre os imigrantes portugueses.

When I arrived in Toronto to conduct my research, I brought with me all the baggage of traditional participant-observation anthropology. I looked for an ethnic neighbourhood, and my search was rewarded by the Kensington Market area in downtown Toronto. In Kensington, Portuguese stores, a Portuguese church, Portuguese restaurants, and Portuguese families are all clustered together. I had found my “Little Portugal” just like Herbert Gans and William Foot Whyte had found their “Little Italy” and others their “Chinatowns and Cabbagetowns”. But when I arrived in Paris, I found no “Little Portugal” which

had carved out its social niche within the great French metropolis. Not only was I forced to adopt new methods of research, but I also had to revise my entire theoretical perspective on immigration and on the patterns of settlement of foreigners in cities. It was necessary to come to terms with the urban structures themselves as they influence the lives of newcomers. It was also necessary to view the formation of a “community”, be it a geographical community or one based on social networks, as a strategy appropriate in some situations and inappropriate in others. Individuals choose to associate or identify themselves with one another. What factors make such a choice advantageous? What institutions make it possible or likely?

(Brettell 1981, 1)

Esta passagem é particularmente interessante por ilustrar o confronto existente entre o objeto de estudo tradicional – uma «comunidade» imigrante residente num bairro étnico específico e geograficamente delimitado – e os desafios que a cidade coloca à definição clássica de «comunidade imigrante» – uma «comunidade» híbrida, dispersa por várias zonas, mas interligada por redes. O facto de os migrantes se movimentarem em vários pontos da cidade obrigou a uma mudança metodológica e à consequente observação não do indivíduo num espaço referencial fixo, mas numa multiplicidade de espaços (residência, trabalho, espaços de lazer...). A tomada de consciência de que o migrante podia pertencer a inúmeros espaços, por vezes não relacionados com a sua etnia, representou um momento decisivo na compreensão dos modos de incorporação migrantes, e na exploração da diversidade de estratégias de integração, com destaque para o transnacionalismo (ver, por exemplo, Basch *et al.* 1994; Levitt 1998 e 2001; Moya 2005; Portes *et al.* 2008).

Com base nos estudos de Brettell (1981; 2003) e nos trabalhos de diferentes geógrafos (Lefebvre 1970; 2001; Harvey 1989; 2012; England e Ward 2007; Brenner 2000; Brenner e Theodore 2002) Glick-Schiller e Çağlar constroem a hipótese que a escala da cidade influencia os modos de incorporação dos migrantes. Ao assumir os migrantes como agentes ativos nos processos de reestruturação urbana que se desenvolvem nas cidades, as autoras vão além da “cidade como contexto” e abandonam o foco na marginalização e segregação dos migrantes. Assim, a abordagem multi-escalar reconhece que cada localidade está posicionada de maneira

diferente no sistema global e que a rede relacional de um lugar pode incluir conexões com regiões específicas no globo, cidades ou países. Segundo as autoras, a posição relativa de cada lugar afetará as expectativas e oportunidades dos seus habitantes, nativos ou de origem migrante, e a forma como estes constroem as suas redes de sociabilidade (Glick-Schiller Çaglar 2011). A teoria formulada rompe com duas grandes barreiras conceptuais que frequentemente prejudicam a correta análise da relação entre os migrantes e a cidade: o nacionalismo metodológico (Wimmer e Glick-Schiller 2002), e a assunção que os migrantes de um Estado-nação ou de uma região específica constituem um grupo étnico.

The locality-specific opportunity structures and transnational connections that may shape migrants' in diverse networks very often remain veiled by the methodological nationalism of migration scholarship. (...) Furthermore, the ethnic lens, when used as the optic for transnational migration studies, has impeded researchers' ability to note, adequately document, and theorize the fact that migrants also build non-ethnic transnational social fields based on religious, political, professional, ideological, and economic networks.

(Glick-Schiller e Çaglar 2011, 80)

De facto, já nos anos 90 surgiram posições contra a utilização da etnia como unidade de medida por o conceito refletir lógicas de poder e dominação e congelar diferenças entre grupos vistos como internamente coerentes e culturalmente programados (Abu-Lughod 1991). O uso da palavra «comunidade» como sinónimo de «grupo étnico» agrava o problema, pois contribui para a definição de um determinado modo de incorporação e identificação feito *a priori*. Logo, assumir que os migrantes se organizam em «comunidades» unidas pela etnia significa uma completa negação da variedade de relações e formas de incorporação para lá da etnicidade⁷. A abordagem multi-escalar evita o enviesamento étnico ao colocar ênfase no espaço e no posicionamento das cidades. Desta forma, as diferentes estruturas de oportunidades de cada local irão influenciar diretamente os modos de incorporação dos migrantes.

⁷ Este assunto será aprofundado em maior detalhe aquando a análise do estudo de caso (Segunda Secção).

As autoras alertam ainda para a necessidade de construção de uma teoria da localidade que, através da análise comparativa entre estudos de caso, explique as sinergias entre os modos de acumulação de capital económico, social e cultural e a forma como os migrantes estão inseridos no espaço e o modo como os migrantes contribuem para os processos de reestruturação e reposicionamento das cidades (Glick-Schiller e Çağlar 2011). A análise crítica dos impactos da globalização no espaço urbano surge no seguimento dos ensaios de David Harvey (1989; 2012), e nos trabalhos de autores que destacam os esforços de contestação das agendas neoliberais ao nível urbano (Smith 2002; Brenner e Theodore 2002). Deste modo, a exploração comparativa destas ligações permite o estudo da constituição mútua dos processos globais e dos contextos económicos, políticos e culturais locais, processos que afetam diretamente a experiência dos migrantes.

These [processes] include the globally connected but locally based ongoing processes of capital formation, destruction, and restructuring; the positioning of localities within hierarchies of political, economic and cultural power that extend within and across nation-states; and the active role of migrants as place makers and space makers shaping neoliberal restructuring and rescaling through multiple their multiple social positions within and across space.

(Glick-Schiller e Çağlar 2011, 63)

Como há um século atrás, o que torna as cidades contemporâneas particularmente interessantes para o estudo das migrações, é a concentração de perfis migratórios bastante distintos num espaço circunscrito. Appadurai (1996) diz-nos que a diversidade de imigrantes, turistas, refugiados e exilados, trabalhadores convidados e outros grupos de transeuntes sitos no mesmo espaço transforma muitas cidades atuais em verdadeiras “etno-paisagens”⁸. A revisitação dos teóricos da cidade é-nos particularmente profícua para a construção do nosso quadro de análise. Reconhecendo o papel da cidade enquanto lugar primordial das manifestações da vida urbana (Low 1996), quisemos, à semelhança de outros estudos (Glick-Schiller Çağlar 2011; Salzbrunn 2011; Foner e Rath 2014) perceber a relação dos migrantes portugueses com a cidade de Londres. Assim, na análise do nosso estudo de caso iremos abordar a relação dos portugueses com os diferentes espaços (ou escalas) onde se inserem, que

⁸ Na língua original, *etnoscapes*.

incluem a relação com o país de origem, com o país de destino, com a cidade de Londres e com o “bairro” de *Little Portugal*. A grande mais-valia da abordagem multi-escalar é a possibilidade de perceber as diferentes estruturas de oportunidades de cada espaço e o modo como estas se refletem nos diferentes modos de incorporação dos emigrantes portugueses, e por esta razão incluímos os seus pressupostos na nossa análise.

Segunda Parte – Análise do estudo de caso

“Millions of people from across Britain were following the Lucks’s path to London, in what, until the late twentieth century, was history’s largest rural-to-urban migration. London was by far the largest city in the world, and at almost any time in the nineteenth century at least 40 percent of its citizens were born outside the city.”

Doug Saunders, “Arrival City”.

4. A Cidade

Londres foi destino de uma das maiores migrações campo-cidade da História. Nos finais do século XIX, milhares de pessoas deslocaram-se para a capital britânica em busca de trabalho e uma melhoria da sua qualidade de vida. Apesar dos avultados fluxos de migração interna, até à Segunda Guerra Mundial os registos da entrada de estrangeiros no Reino Unido eram reduzidos e demograficamente insignificantes. Até aí os fluxos de entrada eram sobretudo compostos pela imigração irlandesa nos séculos XIX e XX, e pela chegada massiva de judeus nos finais do século XIX e inícios do século XX, entre os quais estavam os primeiros portugueses emigrados no Reino Unido⁹.

Depois da segunda guerra mundial, o número de residentes nascidos no estrangeiro aumentou para pouco mais de dois milhões entre os anos de 1951 a 1991 (Migration Watch 2014). Este período é marcado pela chegada em larga escala de imigrantes Afro-Caribenhos da Jamaica, Trinidad e Guiana, e de países do Sul da Ásia como Paquistão, Bangladesh e Índia cujo direito de entrada foi progressivamente restrito durante as décadas subsequentes. Durante os anos 1960 e inícios de 1970,

⁹ Para uma leitura aprofundada sobre a história dos judeus em Inglaterra ver “A History of the Jews in England” do historiador judaico-britânico Cecil Roth, publicada em 1978.

apenas tinham direito de entrar no Reino Unido familiares de imigrantes já estabelecidos no país, e a reposição dos direitos de cidadania apenas ocorreu no período posterior à descolonização, através da celebração de acordos bilaterais (Hansen e Weil 2001)¹⁰.

Não obstante os fluxos migratórios oriundos das antigas colónias, é sobretudo a partir dos anos 90 que o ritmo da imigração no Reino Unido se amplifica a um nível sem precedentes. O número de cidadãos nascidos fora do Reino Unido mais do que duplicou, aumentando quase 4 milhões nos vinte anos que decorreram entre os censos de 1991 e 2011. O número de estrangeiros (sem nacionalidade britânica) passou a representar 12,5% da população residente no país. Nestas décadas o crescimento populacional na Grã-Bretanha foi largamente influenciado pelo aumento dos habitantes na sua capital. Entre os censos de 2001 e 2011, só em Londres, a população cresceu de pouco mais de 1 milhão para 8.17 milhões¹¹. Hoje, o número de cidadãos estrangeiros residentes em Londres atinge os 40%. Este número é bastante díspar da realidade nacional observada (13% de população estrangeira no Reino Unido) o que demonstra a excecionalidade dos movimentos migratórios na capital britânica. O fenómeno é bastante recente - em 2011 metade dos imigrantes residentes na cidade tinha chegado após o ano 2000 - e protagonizado por camadas muito jovens da população. Olhemos então para as tendências migratórias no Reino Unido.

Segundo os dados da Segurança Social do Reino Unido entre 2002 e março de 2016 o instituto emitiu quase 9 milhões¹² de novos registos (os chamados NINo, *National Insurance Number*)¹³. A maioria destes registos foram apresentados por cidadãos da União Europeia (59%), um número bastante superior à de outros grupos com tradição imigratória no Reino Unido (Figura 5.1).

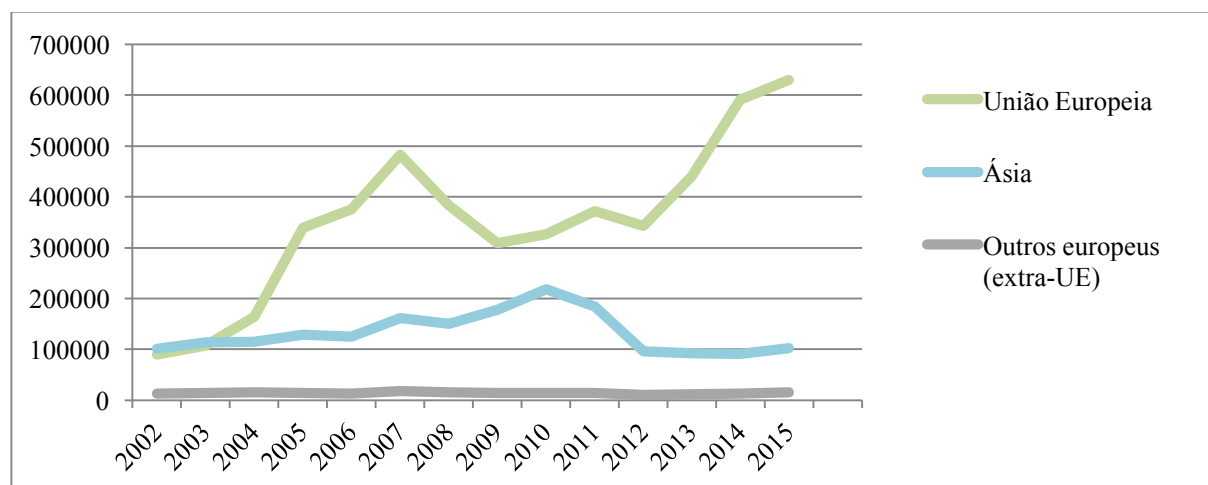
¹⁰ Para uma narrativa “alternativa” da história colonial ver *Imperial Encounters* de Peter Van der Veer (2001). Esta obra, centrada na experiência colonial indiana, é particularmente interessante por demonstrar a mútua influência entre metrópole e colónia na construção de discursos e práticas sobre identidade.

¹¹ Dados da Greater London Authority.

¹² Mais precisamente, 8.893.333 novos registos de Segurança Social.

¹³ O NINo é imprescindível para nacionais e estrangeiros com 16 anos ou mais que pretendam trabalhar ou obter determinados subsídios sociais ou créditos fiscais. Esta fonte apresenta, contudo, algumas fragilidades: o facto de não abranger crianças, reformados ou indivíduos que não exerçam atividade profissional (Almeida 2007). Outro problema resulta da não obrigatoriedade de cancelamento do registo na Segurança Social quando se sai do país (temporária ou permanentemente), pelo que não é possível aferir as partidas dos imigrantes ou eventuais padrões de mobilidade circular.

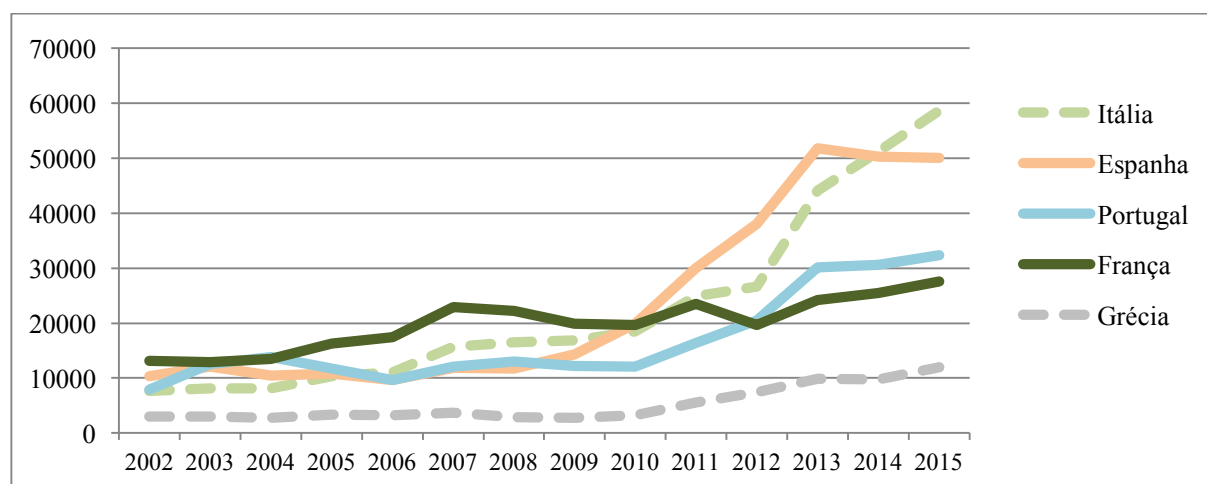
Quadro 4.1 Distribuição de NINos, pelas principais regiões de nacionalidade (2002-2015)



Fonte: Department for Work and Pensions (Stat-Xplore)

A ascensão da UE como um exportador de trabalhadores para o Reino Unido está intimamente ligada à adesão de países de Leste ao projeto europeu, particularmente a Polónia, que é hoje a principal nacionalidade de imigrantes presente no Reino Unido. A Bulgária e a Lituânia, assim como os países do Sul da Europa (Espanha, Itália, França e Portugal), são as outras principais nacionalidades imigrantes da região comunitária. É interessante olharmos para a Figura 5.2 e percebermos a influência da crise económica e financeira sobre a origem dos fluxos migratórios, especialmente após 2010. A curva de crescimento é mais acentuada no caso de Espanha e Itália e, em menor medida, Portugal.

Quadro 4.2 Distribuição de NINos a nacionais do sul da Europa (2002-2015)



Fonte: Department for Work and Pensions (Stat-Xplore)

Em traços gerais, podemos dizer que os fluxos de imigração europeia para o Reino são influenciados, em primeiro lugar, pelo impacto das entradas da Polónia (desde 2004); depois, pelo impulso dos fluxos oriundos dos países do sul europeu (após 2009-2010); e, por fim, pelo levantamento das restrições impostas à entrada de cidadãos nacionais da Bulgária e Roménia a 1 de Janeiro de 2014¹⁴.

A opinião pública face à imigração tem sido largamente influenciada pelos desenvolvimentos na cena política interna e externa do Reino Unido. A participação do Reino Unido na Guerra contra o Terrorismo, iniciada pelo governo de George W. Bush, no seguimento dos ataques de 11 de Setembro de 2001, canalizou as atenções políticas e militares britânicas para o Médio-Oriente, culminando no seu envolvimento nas invasões do Afeganistão e Iraque. A 7 de Julho de 2015, Londres foi alvo de vários atentados terroristas e onze anos volvidos mantém-se a mobilização de discursos centrados no “medo” e na “perda” de identidade britânica devido à volumosa imigração (primeiro, de originários da Nova Commonwealth, depois, do Leste europeu, e mais recentemente, de migrantes regulares ou irregulares do Médio Oriente e da África subsariana), ou ainda argumentos de ordem económica (sobrecarga dos sistemas de segurança social; desemprego), fizeram ressurgir nos

¹⁴ A entrada de cidadãos da Roménia e da Bulgária foi limitada em oito países europeus, por um período de sete anos a contar desde a sua adesão à UE (2007). 2014 registou mais de 140.000 entradas de cidadãos romenos e 10.000 búlgaros. Dados do primeiro trimestre de 2015 apontam já para 125.000 e 40.000 novos registos, respectivamente. Ver mais em: [http://www.jornaldenegocios.pt/economia/detalhe/londres teme invasao com o fim das restricoes a entrada de bulgaros e romenos.html](http://www.jornaldenegocios.pt/economia/detalhe/londres+teme+invasao+com+o+fim+das+restricoes+a+entrada+de+bulgaros+e+romenos.html)

últimos anos o discurso anti-imigração e o euroceticismo em todo o espectro político, nos media e na opinião pública (Duffy e Frere-Smith 2014). O aumento da adesão popular a ideologias xenófobas tornou-se mais evidente com a vitória do UKIP (United Kingdom Independence Party) nas eleições europeias de 2014 e com o aumento do número de votos no partido nas eleições legislativas de 2015. A expressão destes desenvolvimentos ocorreu na vitória do “sim” relativamente à saída do Reino Unido da União Europeia no plebiscito realizado a 23 de Junho de 2016. Ainda estão por conhecer as consequências reais deste referendo, mas certamente a circulação e permanência de trabalhadores estrangeiros será um dos temas fundamentais da mudança de paradigma político.

Como adiantamos atrás, a chegada de emigrantes das antigas colónias e dos países da União Europeia implicaram a redefinição da identidade nacional britânica que passará a assentar em discursos sobre multiculturalismo¹⁵. Existe, contudo, o risco de estes discursos contribuírem para a criação de uma imagem estereotipada do «outro», “numa encenação de uma espécie de feira das diferenças na qual os representantes de diversas «etnias» expõe as suas peculiaridades «culturais» perante um cidadão branco e ocidental que, segundo um modelo de clara derivação colonial, é pensado como eticamente «neutro» (Mezzadra 2012, 114). Do mesmo modo, é importante trazeremos à memória o trabalho de Baumann que nos alerta para a existência de um discurso dominante sobre «minoritas étnicas».

The dominant discourse relies on equating community, culture, and ethnic identity, and its protagonists can easily reduce anybody’s behaviour to a symptom of this equation. So long as its human objects can be logged under some ethnic identity other than, say, British, German, or American, it can even claim to speak ‘for’ them, ‘represent’ them, explain them to others. The ways in which Southallians spoke about each other and about themselves added up to a very different message: *culture* and *community* could be equated in some contexts, but were not the same in others. What the word ‘identity’ might mean in one context, was a question of context.

(Baumann 1996, 6)

¹⁵ Nuno Dias explora os fluxos migratórios de populações hindus numa interessante narrativa histórica que nos ajuda a pensar na forma como o imperialismo neocolonial continua presente nos atuais centros urbanos europeus (Dias 2016).

Este discurso dominante acerca dos migrantes presentes no Reino Unido perspetiva-os como membros de «comunidades» homogéneas, que partilham a mesma «cultura» baseada na sua identidade «étnica». No entanto, a realidade é muito mais complexa, e a cidade de Londres reúne diversos fluxos populacionais de indivíduos com características muito distintas, que não cabem em generalizações essencialistas.

Experiência Migratória

A recente crise económica em Portugal estagnou o mercado de trabalho e aumentou a precariedade dos vínculos laborais. A taxa de desemprego situava-se nos 13% em 2015, com 35% de desemprego jovem. Estas estatísticas não são isentas de crítica. Os indicadores que aferem estes valores “oficiais” são escassos e parciais, e tendem a deixar de parte informação sobre as frações mais desprovidas da população portuguesa, ainda que sejam estas franjas populares as principais vítimas do aumento do desemprego. Fogem à rede das contagens oficiais situações de emprego precário, marginal ou clandestino, que se multiplicam com o agravar da crise económica. Mas a precariedade não passa despercebida por todos. Apesar da sua invisibilidade latente, tem se registado um aumento de interesse académico por estas cifras negras, nomeadamente, através dos trabalhos desenvolvidos pelo Observatório das Desigualdades (ver, por exemplo, os trabalhos de Fernando Diogo¹⁶, Frederico Cantante¹⁷, Luísa Oliveira e Helena Carvalho¹⁸), que nos mostram os meandros das problemáticas do desemprego e da desigualdade.

Face a uma conjuntura nacional desfavorável, onde os empregos são escassos, mal remunerados e precários, os portugueses vêm-se empurrados para fora do país e partem em busca de emprego, e/ou de melhores condições contratuais e salariais. O

¹⁶ “Precariedade no emprego em Portugal e desigualdades sociais: alguns contributos”, <http://observatorio-das-desigualdades.cies.iscte.pt/index.jsp?page=projects&id=129&lang=pt> Acedido a 16 de julho.

¹⁷ “O desemprego em Portugal num contexto de crise financeira: números e desafios”, <http://observatorio-das-desigualdades.cies.iscte.pt/index.jsp?page=projects&id=114&lang=pt> Acedido a 16 de julho.

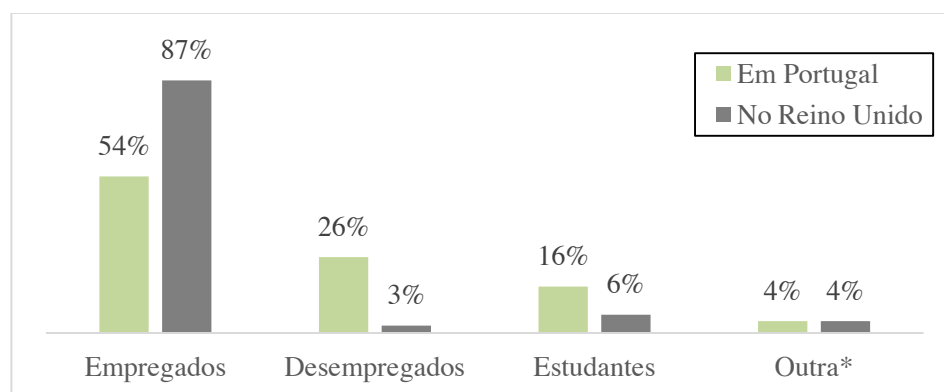
¹⁸ “Velhas e novas desigualdades no mercado de trabalho: Portugal no contexto europeu”, <http://observatorio-das-desigualdades.cies.iscte.pt/index.jsp?page=projects&id=97&lang=pt> Acedido a 17 de julho.

Reino Unido, país que tem registado um crescimento económico sustentado superior às médias europeias, e onde a taxa de desemprego se situava no mesmo ano nos 5,4%¹⁹, afigura-se como um destino preferencial para a migração laboral de imigrantes de todo o mundo.

O crescimento económico do país, as taxas de criação de emprego e os ordenados bem superiores aos auferidos em Portugal atraem uma camada de jovens qualificados portugueses (e outros imigrantes) para o país. Esta população qualificada (e não só) vem atrás de oportunidades em sectores profissionais específicos (nas indústrias criativas, banca e no tão noticiado sector da saúde), que não tiveram no seu país de origem. Por outro lado, a facilidade em aprender a língua e a proximidade relativa a Portugal (coadjuvada pela melhoria e democratização dos transportes e comunicações) puxam cada vez mais portugueses para terras de Sua Majestade.

Os dados disponíveis apontam para a crescente presença de portugueses no Reino Unido, particularmente após 2001, que tornam as saídas para o país num dos principais movimentos migratórios nacionais intra-União Europeia. As saídas são sobretudo motivadas por fatores laborais e regista-se uma grande melhoria da situação perante o emprego no momento após a chegada ao Reino Unido.

Figura 4.1 Situação perante o emprego antes e depois de emigrar para o Reino Unido



Fonte: Inquérito aos Portugueses no Estrangeiro – Projeto REMIGR

¹⁹ Dados disponíveis em:

<http://www.pordata.pt/Europa/Taxa+de+desemprego++dos+15+aos+64+anos++por+grupo+et%C3%A1rio-1798>

Podemos observar que existe uma elevada percentagem (26%) de respondentes que se encontravam desempregados antes de emigrar. Os valores de desemprego registam uma descida acentuada quando analisados no momento do inquérito – apenas 3% de desempregados e 87% de respondentes empregados. A elevada percentagem de pessoas desempregadas no momento anterior à emigração indica a natureza laboral da emigração recente para o Reino Unido e a bem-sucedida integração dos emigrantes portugueses no tecido laboral britânico.

É também importante assinalar a elevada percentagem de portugueses que se declararam estudantes no momento anterior à emigração (16%). Estes números poderão indicar situações de jovens que partem para o país à procura do seu primeiro emprego naquilo que será a extensão do mercado laboral nacional para outros espaços da União Europeia (Góis *et al* 2016) ou de estudantes que prosseguiram os estudos no Reino Unido. Este foi o caso de João que após um período a trabalhar na indústria da moda em Lisboa decidiu ingressar no mestrado numa conceituada escola de artes em Londres.

Eu vivi em Lisboa, trabalhei lá durante bastante tempo e o meio era muito pequeno. Sentia-me um bocadinho ostracizado por assim dizer. E achava que havia mais mundo para além de Lisboa ou Porto, ou onde quer que fosse em Portugal.

(...)

Já vivia sozinho em Lisboa, vivia num estúdio que era uma coisa um bocadinho precária. Depois viveres numa cidade completamente sozinho com outra língua... todas as oportunidades que te aparecem... e como vim relativamente novo não tinha muito medo de arriscar. Aqueles dois primeiros anos foram incríveis. (...) em Lisboa trabalhava na área da moda, o objetivo era vir dois anos e depois ver. Tinha um trabalho mais ou menos alinhado, podia voltar a regressar [a Portugal]. Depois de estares a estudar dois anos e de todas estas oportunidades te aparecerem à frente queres agarrar tudo aquilo que podes. Ficas mais um ano, e depois mais um ano... agora já não consigo ir porque já passaram quatro anos. Pensas “ah vamos tentar mais um ano, vamos fazer outra coisa”, “vamos tentar dar a volta de outra forma”. E ainda estou contente.

João 31 anos, em Londres há 8 anos

Londres é, nas palavras de Peter Hall, uma *complete capital*. A cidade é o epicentro do mundo dos negócios, da política dos meios de comunicação social e entretenimento, agregando os sectores de atividade que nos Estados Unidos, o autor dá o exemplo, estão distribuídos por Washington, Los Angeles e Nova Iorque (Valença 2014, 18). Estão concentrados em Londres, na sua região metropolitana e no Sudeste de Inglaterra um terço da população e dos empregos da Grã-Bretanha e face aos elevados números de empregabilidade dos portugueses à chegada, é compreensível que o Reino Unido, e em especial a região da Grande Londres, surjam como um espaço de oportunidades profissionais para diversos sectores da população.

Por outro lado, a proximidade a Lisboa é outro fator que pesa na escolha dos portugueses pela capital londrina. Falamos com Jorge, um jovem português que trabalha no sector da banca de investimento e viu na saída para o Reino Unido uma forma de apostar na sua carreira:

(...) achava que fora de Portugal poderia ter uma carreira mais interessante. Londres é uma capital financeira, provavelmente é a maior capital financeira do mundo, neste momento. E eu queria trabalhar nesta área, portanto era o sítio mais obvio. Além disso tinha a vantagem de estar relativamente perto de Portugal.

Jorge, 31 anos, em Londres há 9 anos

Além do investimento na carreira a emigração para o Reino Unido significa muitas vezes a fuga à precariedade e à dependência dos pais. Ainda que empregados, os jovens portugueses experimentam períodos de grande instabilidade profissional e servindo-se da emigração como ato emancipatório. Os jovens portugueses (qualificados) que entrevistamos não querem (voltar a) passar pela mesma experiência de precariedade que os seus amigos e colegas de curso que ficaram em Portugal vivem atualmente. Esse é um dos fatores que pesa bastante na sua recusa a voltar para Portugal, pelo menos enquanto a situação económica e de mercado de trabalho não apresentar melhorias.

Mas não é só a jovens qualificados que Londres oferece oportunidades. Também os portugueses vindos de vagas migratórias anteriores puderam melhorar a sua situação. Encontramos relatos de portugueses que, tendo começado em regime de voluntariado ou outra posição inicial, foram progredindo na estrutura da organização até desempenharem funções remuneradas e com contratos fixos. É o caso de Ângela, uma emigrante madeirense que aproveitou as oportunidades existentes em Londres para completar os estudos e seguir a área da educação. Ângela é hoje auxiliar de educação numa escola onde começou como voluntária.

Estive a estudar e a trabalhar cá, uma coisa completamente diferente do que estou a fazer agora, estudei hotelaria e trabalhei em hotéis aqui, mas agora estou na área da educação. É o que tem de bom aqui nesta terra, podemos mudar, temos as oportunidades e só temos de agarrá-las. Também estou envolvida na área da saúde mental voluntariamente, um projeto que envolve a saúde mental e a educação.

Ângela, 44 anos, em Londres há 22 anos

A elasticidade do mercado laboral em Londres permite a mudança rápida de área profissional num contexto onde surgem constantemente novas oportunidades de trabalho. Assim, portugueses qualificados e não qualificados disfrutam de uma maior diversidade de ofertas laborais e de uma mais rápida inserção no mercado de trabalho. No caso dos que emigraram há mais tempo, isto traduz-se na possibilidade de encontrar trabalho com melhores remunerações (ainda que não tenham qualificações académicas). No caso dos emigrantes mais recentes, e frequentemente mais qualificados, significa ter maior possibilidade de encontrar trabalho nas suas áreas de formação ou, caso isso não aconteça, de iniciar uma carreira noutra área sem prejuízo de terem qualificações noutra área.

Por outro lado, além da componente laboral e de rápida inserção no mercado de trabalho, os emigrantes encontram em Londres oportunidades para desenvolverem atividades de cariz cultural:

Eu e a minha namorada decidimos que lá não se estava bem. O que tínhamos era para pagar as contas. E achámos que cá poderíamos estar melhor. Primeiro, porque em termos de trabalho... eu estava à espera de arranjar na minha área, mas não arranjei e depois também cozinha sempre foi uma paixão minha, e então decidi enveredar para isso. E ela, como *graphic designer*, cá ganha 5 vezes mais do que ganhava lá. (...)

Depois também foi os nossos hobbies... eu porque toco e cá há muito mais mercado e ela porque é fotógrafa, principalmente o que ela gosta é fotografia de concertos ao vivo, ou fazer layouts para álbuns, fotografias para bandas... e então tudo isso nós sabíamos perfeitamente que cá ... era mais fácil e maior. Tens muito mais procura, tens muito mais mercado... e isso foi uma das coisas que também pesou bastante na nossa decisão.

Rafael 33 anos, em Londres há 2 anos e meio

Em suma, os resultados das nossas entrevistas vão de encontro àquilo que João Teixeira Lopes (2014) tinha auferido nas suas entrevistas a emigrantes qualificados em França: o que motiva os jovens portugueses a emigrarem é sobretudo a fuga à precariedade e à desqualificação no emprego. O Reino Unido apresenta-se como um destino preferencial entre estes jovens (e não só) pelas vantagens económicas, rápida inserção no mercado de trabalho e pela relativa proximidade a Portugal.

Espectativas e Realidade

Nesta secção iremos analisar as expectativas dos portugueses sobre Londres antes e após a sua deslocação para a cidade. Optamos por agrupar as respostas dos entrevistados em dois perfis. Um primeiro, composto por portugueses jovens, qualificados, que emigram com um carácter temporário e/ou de circulação e que, de certa forma, incorporam socio-demograficamente o que se tem vindo a denominar por emigração/circulação de “cérebros”, embora nem sempre consigam integrar-se profissionalmente nos sectores de ponta do pós-fordismo (TICs e sector financeiro, nomeadamente). O segundo perfil corresponde aos emigrantes estabelecidos, menos

qualificados e cuja migração tem um carácter tendencialmente definitivo, que corresponde ao perfil mais «tradicional» da emigração portuguesa, que no caso do Reino Unido tende a ir trabalhar para indústrias (sobretudo transformadoras) estabelecidas fora de Londres (por exemplo, Norfolk), e que em Londres tende a empregar-se em profissões de baixas qualificações, especialmente no sector do comércio e serviços (restaurantes, cafés, lojas, etc.). Esta divisão pareceu-nos a menos problemática²⁰, embora seja importante reconhecer que não pretendemos dar como garantida a homogeneidade e impermeabilidade destas categorias. Reconhecendo que existem inúmeros perfis e histórias de vida diferenciadas entre migrantes, a divisão feita serve o propósito de facilitar a organização e análise da informação.

Dito isto, perguntamos aos nossos entrevistados quais as suas expectativas sobre a cidade no momento antes de emigrarem. Encontramos duas tendências diferentes, e a linha divisória entre elas está relacionada com os dois perfis referenciados anteriormente. Junto da população emigrada há mais tempo encontramos sobretudo trajetórias de migração laboral com uma forte componente de reunificação familiar. Os emigrantes vinham com os pais, ou com irmãos que já estavam na cidade, não tinha conhecimento prévio de Londres. Estes emigrantes dizem não ter tido grandes expectativas sobre a cidade porque não as puderam construir, uma vez que informação na altura em que emigraram era escassa. No fundo partiam ao desconhecido.

Do lado dos que chegaram há menos tempo a história é diferente. Numa era em que o acesso à internet está relativamente democratizado e existe uma maior facilidade na pesquisa sobre o destino migratório, os indivíduos puderam obter informações acerca da cidade antecipadamente. Também redes de amigos têm aqui um papel importante na transmissão de informação, e nas próprias visitas turísticas feitas à cidade.

²⁰ A categorização pode ser feita segundo inúmeras variáveis, umas mais problemáticas que outras. Por exemplo, categorizar os emigrantes segundo a idade ou classe social acarretava inúmeros problemas de definição do termo «*jovem*» e «*classe*».

Recém-chegados

Os emigrantes mais jovens, chegados mais recentemente, já tinham algum conhecimento sobre a cidade. Oriundos de uma geração que tem um maior acesso e facilidade em utilizar tecnologias de informação, puderam tomar uma decisão informada, pesquisando de antemão informações relativas à vida na cidade, empregos e habitação.

Eu tinha estado em Londres antes, quando era muito novo, andava na quarta classe. Depois tinha vindo cá a entrevistas. Eu já sabia que era uma cidade enorme, com imensas pessoas, com imensas culturas. Portanto, a minha expectativa, nesse sentido, foi mais ou menos cumprida.

Jorge, 31 anos, em Londres há 9 anos

As viagens em companhias *low cost* também potenciaram o aumento do conhecimento destes jovens sobre a cidade. Face à evolução no sector das telecomunicações e transportes, a escolha de emigrar é bastante mais informada do que era no passado.

Na altura em que eu tinha visitado Londres, pareceu-me uma grande adição ao currículo em termos de hotelaria. Já tinha estado em férias um ano antes de vir. (...) foi uma junção de duas coisas: quando vim gostei muito da cidade e depois também porque queria encher o currículo e Londres era mesmo aquela cidade, pelo menos na Europa... e depois também estava mais ou menos perto de casa...

Fábio, 30 anos, em Londres há 4 anos

Reflexo de uma migração com forte carácter laboral os receios destes jovens dizem sobretudo respeito a incertezas quanto ao mercado e cultura de trabalho. Mais uma vez, as novas tecnologias funcionam como ferramenta para preparar uma ida mais esclarecida.

Como eu nunca tinha tido experiência fora e só tinha trabalhado em Portugal... esse era o meu grande receio. Era não conhecer a cultura e não saber como é que as coisas iam correr, não saber como eram as coisas na minha área. Eu tentei preparar-me a nível profissional para perceber como é que as coisas eram cá. A nível social, eu tinha vindo a Londres algumas vezes porque o meu namorado estava cá, já sabia mais ou menos como é que a cidade funcionava, a minha grande expectativa é que fosse uma cidade mais aberta e com mais ritmo do que Lisboa. Era vir para uma cidade maior e com mais oportunidades.

Bárbara, 33 anos, em Londres há 2 anos e meio

O que estes jovens procuram é sobretudo uma oportunidade de ingressar no mundo do trabalho, ansiando pelas vantagens que essa inserção lhes traria: independência familiar, prossecução de uma carreira, ajustamento das suas qualificações à função exercida, melhor remuneração.

Estabelecidos

As trajetórias migratórias dos portugueses que chegaram ao Reino Unido antes de 2000 tem na génese projetos de reunificação familiar. A maioria destes emigrantes nunca tinha visitado a capital britânica antes de se mudarem para a cidade e poucas expectativas tinham sobre a mesma. O facto de a decisão de emigrar não ter sido feita pelos próprios, ou não terem alternativa disponível, fez com que criassem sentimentos de animosidade relativamente à cidade. Londres era (e continua a ser) diferente do seu local de origem, e as diferenças sentem-se não só no clima e na língua, como em outros aspetos da vida quotidiana.

Ao principio não gostava de estar cá, nos primeiros anos... porque tinha saudades da minha terra. Nunca tinha vindo a Inglaterra, nem na altura conhecia bem o Funchal. Era mesmo da aldeiazinha (...). Não gostava, tinha muitas saudades, chorava muito. Mas pronto, depois fui-me habituando.

Ana Luís, 55 anos, em Londres há 34 anos

Entre os emigrantes estabelecidos ouvimos relatos de pessoas que iniciaram o seu percurso migratório nas Ilhas do Canal, celebrando contratos de trabalho sazonais (normalmente de meio ano) nas áreas da hotelaria e restauração (Almeida e Corkill, 2010b: 72). A emigração para estas ilhas funcionava como um período transitório antes da mudança para Londres.

Saí de Portugal, e vim para uma ilha inglesa... tens Jersey, Guernsey e depois é uma ilha muito pequenina [Saint Anne]. É uma ilha tão pequenita, mais pequenita que o nosso Porto Santo, eu estive lá 6 meses, fui na altura do verão e depois é que vim para Londres. (...) já tinha cá a minha irmã mais velha e então... Ela também esteve na ilha [Saint Anne] comigo, só que depois ela também veio para aqui e eu vim para cá também. A minha irmã veio primeiro para Londres e quando cheguei fiquei com a minha irmã. Vim sem saber... agora já não é o que era antigamente. Agora a gente já tem Verão. Não havia sol, sempre muito frio... na altura do verão, no mês de Agosto, andávamos com o pijama por dentro das calças. Agora o tempo está a mudar, e cada vez está a ficar mais quente.

Ana, 43 anos, em Londres há 26 anos

Na altura [em que emigrou para o Reino Unido] o contrato só era de 6 meses em Jersey. Tinha uma amiga cá em Londres e ela disse para eu a ir visitar antes de regressar para Portugal e acabei por ficar, ela arranjou-me trabalho cá.

Ângela, 44 anos, em Londres há 22 anos

As Ilhas do Canal, em especial Jersey, foram um importante destino da emigração portuguesa mais antiga, na sua maioria de origem madeirense. No final dos anos 1980, entre residentes permanentes e trabalhadores temporários contavam-se cerca de 8.000 portugueses em Jersey (Beswick, 2005: 97), e de acordo com os

Censos britânicos em 2001 os portugueses representavam entre 15% a 20% da população total em Jersey.

Os motivos migratórios mais frequentemente enunciados entre os emigrantes estabelecidos são sobretudo de ordem económica. Além da rápida absorção no mercado de trabalho britânico os portugueses encontram no Reino Unido ordenados em média três vezes superiores aos valores auferidos em Portugal (Peixoto *et al.* 2016, 60).

As libras (risos). Estou a ser honesta. Porque de resto.... Aqui não há vida. Aqui em Londres, minha querida, não há vida. É casa-trabalho-casa-trabalho... O pessoal é que lá está pensa que a gente vem para aqui e abanamos as árvores e já está. *We wish!* Mas pronto, é assim, uma pessoa habitua-se.

Ana, 43 anos, em Londres há 26 anos

De facto, as perspetivas económicas favoráveis e o conseqüente aumento do nível de vida são fatores habitualmente são identificados na escolha da maioria dos destinos migratórios. No caso do Reino Unido, os fatores económicos acabam por pesar mais que as dificuldades de integração experienciadas pelos entrevistados (saudades de casa, clima, maior carga laboral).

[A adaptação] foi boa. O tempo não me fez confusão. O que me fez confusão foi o trabalho que era muito, eram muitas horas. Se fizesse confusão não estava aqui há tanto tempo (...) Gostava da cidade e gostava do dinheirinho que naquela altura dava muito. Naquela altura valia muito.

Pedro, 39 anos, em Londres há 21 anos

Apesar destas dificuldades a decisão de emigrar para o Reino Unido parece ter compensado. Mesmo a exercer profissões não qualificadas estes migrantes melhoraram a sua situação financeira, podendo-se dar ao “luxo”, nas palavras dos próprios, de irem passar férias e irem a Portugal com mais frequência.

*

Pedimos aos nossos entrevistados para fazerem uma reflexão da sua experiência migratória em Londres confrontando as expectativas que tinham da cidade antes de emigrarem com a realidade vivida. Em traços gerais, os emigrantes recém-chegados sentiram dificuldade na adaptação ao ritmo da grande cidade, referindo que os horários de trabalho extensos e irregulares conjugados com a grande dimensão da cidade, contribuíram para a degradação dos laços de amizade e para a dificuldade em realizar novos contactos. Os portugueses que emigraram há mais tempo fazem sobretudo uma análise transversal da sua experiência migratória, apontando diferenças na morfologia da cidade (sua expansão e verticalização), mudanças nas políticas sociais do governo britânico e alterações na composição e dimensão daquilo que consideram ser a «comunidade» portuguesa.

Recém-chegados

Apesar destes jovens serem provenientes de zonas urbanas em Portugal, nada os podia preparar para a vida numa grande capital como Londres. Como dito anteriormente, as dificuldades apontadas prendem-se com a manutenção de laços de amizade no quotidiano. O ritmo da grande cidade impede que se encontrem com os amigos de forma tão regular como acontecia em Portugal, o que de certa forma contribui para a construção de uma imagem nostálgica da vida que deixaram para trás.

Para ser honesta os primeiros cinco anos, para mim foram um bocado... senti-me sozinha, muitas vezes. É uma cidade tão grande que cada um foca-se na sua própria vida e no que tem de fazer e no trabalho, e depois para te encontrares com alguém é mais complicado porque um vive num sitio, o outro se calhar vive a 40 minutos de distância. Não é tão rápido como em Lisboa que vais para um cafezinho. Não me senti com muito apoio quando vim. (...) sempre fiz as coisas por mim. As pessoas podiam-

me dar opiniões, mas isto é tão grande que tu não te focas muito no que as pessoas te estão a dizer. Focas-te mais em ir procurar e fazer.

Rita, 31 anos, em Londres há 8 anos

As diferenças de clima são um fator que contribui igualmente para o isolamento e para as mudanças nos modos de sociabilidade destes migrantes, conjugada com os horários de trabalho forçam os jovens a adaptarem os seus tempos de lazer à conjuntura da grande cidade.

Foi um choque mais ou menos. Estou habituado ao Algarve e ao bom tempo, a estar com os amigos todos os dias, a sair do trabalho e encontrar-me com eles numa esplanada... esse tipo de vida. Cheguei aqui, foi diferente. Habituá-me à temperatura, habituá-me ao mau tempo... depois em termos de amizade... fiz algumas no trabalho, mas não passou disso. Foram amizades de trabalho. As pessoas vêm aqui, ficam um ou dois anos e depois vão-se embora, e é sempre esse ciclo que acontece em Londres. [A cidade] é muito solitária. Em termos de expectativas da cidade é a mesma coisa, mas em termos de relações interpessoais é completamente diferente do que estava habituado. É muito mais complicado encontrá-te com os amigos. Por mais que tenhas os transportes que tens... Londres tem um sistema de transportes arrasador, mas é sempre ... toda a gente trabalha por turnos, ou aqueles que não trabalham por turnos só têm folga ao fim de semana, depois quando é para estarmos todos juntos, estou eu a sair do trabalho, quando saio do trabalho já não me apetece ir ter com eles porque tenho de apanhar transporte ... depois encontram-nos a meio caminho, mas há sempre quem não queira. Há sempre um senão. Não é tão fácil por ser uma cidade tão grande.

Fábio, 30 anos, em Londres há 4 anos

Neste confronto entre expectativas e realidade também encontramos discursos de diferenciação entre os modos de sociabilidade dos portugueses *versus* os dos britânicos. Nas ruas da *city*, ao final do dia, é comum encontrar os *pubs* cheios de grupos de pessoas que saídas do trabalho aproveitam para beber um copo antes de se

dirigirem a casa, naquela que é conhecida como a *rush hour*. Este tipo de sociabilização entre os jovens trabalhadores londrinos contrasta bastante com a imagem que os portugueses tinham dos ingleses.

Logo nos primeiros tempos tive sempre aquela ideia que o pessoal aqui era porreiro e mais impecável e respeitador, mas não é... isso foi só no início. Não é. Isso é só uma ideia que eles tentam passar até começarem a beber cervejas depois de saírem do trabalho e começam a ser do pior. Nós somos diferentes, nós somos mais equilibrados. Não te sei explicar porquê, estes gajos saem do trabalho às 5 da tarde e vão direitos aos pubs e passado um bocado já estão todos bêbados, e portam-se mal. E nós em Portugal não. Nós saímos do trabalho, mesmo que vamos beber uns copos não há excesso. Nós bebemos muito, simplesmente não perdemos a cabeça. Eu acho que eles têm muito aquela cena do, são tão controlados, autocontrolados, por uma parte e depois extravasam demais noutra. E nós não. Nós somos mais médios. Não somos tão controlados, mas também não extravasamos muito. É mais normal. Nós bebemos e está-se bem, se for preciso até bebemos durante o dia. Eles não. Por exemplo, em Portugal tu vês pessoal que sai das empresas e vai almoçar e pede ou um copo de vinho ou bebe uma cerveja... eles aqui não. Eles para fazerem isso é um dia especial em que vai muita gente do trabalho almoçar fora. Eles bebem os batidos, bebem os sumos... e acho que isso faz parte um bocado dessa libertação que há depois e então depois há um exagero brutal e portam-se mal. Isso também foi uma das cenas que me fez confusão.

Rafael, 33 anos, em Londres há 2 anos e meio

Durante o seu trajeto os jovens vão identificando pontos de diferenciação entre a «cultura britânica» (entendida aqui como cultura laboral, relações de sociabilidade e a própria estrutura social) e a realidade em Portugal, o que acaba por originar sentimentos de desconforto ou inadaptabilidade ao contexto do país de destino, ainda que estes não constituam um fator determinante na sua experiência migratória.

A imagem que eu tinha inicialmente era super cor-de-rosa, de que era realmente uma cidade super multicultural e uma alegria. Opa, é uma cidade que te come quando tu estás um bocadinho mais em baixo ou quando estás cansado, é muito difícil, nós como portugueses, habituados ao nosso ritmo, é muito difícil às vezes acompanhar este ritmo. É tudo muito a correr, é muito desorganizado, por incrível que pareça as pessoas têm esta ideia de que eles devem ser muito melhores do que nós, mas na realidade não são. E tens de te habituar a um outro tipo de cultura e às vezes é difícil para ti pensar que isso pode ser uma possibilidade porque somos todos europeus e fazemos todos parte da mesma receita, mas na realidade a cultura deles e a maneira de estar deles é muito diferente da nossa. Tens duas hipóteses: ou ficas como eles ou te manténs como és e às vezes é um bocadinho difícil de lidar. (...) eles são muito frios e muito distantes. Nós não, nós começamos logo a falar, nós convidamos logo as pessoas para virem a nossa casa. Eles têm uma proximidade social muito diferente: “conheço-te agora porque estamos no *pub* a beber uma *pint* mas amanhã se calhar já não temos assim muita ligação”. E acho que nós portugueses, conhecemos uma pessoa numa altura e já é nosso amigo e temos outra maneira de lidar com isso. Pronto, essa foi a grande diferença cultural que eu me apercebi em relação a eles.

Bárbara, 33 anos, em Londres há 2 anos e meio

A discrepância entre as expectativas pré-migratórias e realidade é um dos fatores potenciadores da migração de retorno. O recente artigo de Isabel Tiago de Oliveira *et al.* acerca do retorno dos emigrantes portugueses no século XXI evidencia que “mais de que um projeto imaginado, os fluxos [de regresso] são numerosos e consistentes ao longo da primeira década do século” (Oliveira *et al.* 2016). Segundo os autores, o regresso, à semelhança dos fluxos de saída dos portugueses, adquire novos e complexos contornos e é potenciado pelo crescimento recente das lógicas de circulação migratória (estadias mais curtas, maior frequência dos regressos e maior número de movimentos entre países). Apesar destes trabalhos, todos os portugueses

entrevistados no nosso estudo planeiam permanecer em Inglaterra, malgrado as dificuldades de adaptação que possam surgir²¹.

Obviamente que a seguir a esses dois primeiros anos... Inglaterra, ou Londres, não é um mar de rosas ... nós costumamos dizer que Londres não é Inglaterra, mas chega uma altura em que te vais apercebendo que é realmente Inglaterra, independentemente de ser tão cosmopolita é Inglaterra: há regras, cânones, regras sociais a respeitar. Tem o seu quê. Não é tudo um mar de rosas.

(...)

Há uma classe social muito grande. Uma classe social super estrita: qual é a tua educação, qual é o teu *background*, se vens de uma família que é *middle class*, *working class*, *upper class* ... ou seja, há sempre uma grande divisão e transpor uma classe [social] portuguesa para uma classe [social] inglesa é um bocadinho difícil. Às vezes sabes dizer “Ah, eu não sou realmente *middle class* mas também não sou *working class*... então não sabes muito bem onde te situas e com o passar dos anos, quando te apercebes da realidade social inglesa, às vezes sentes-te um bocadinho desfasado de tudo aquilo que existe. No entanto, nunca me senti excluído, ou o que quer que seja. Nunca senti que os ingleses fossem frios, ou mal-educados, sempre fui bem acolhido, não tenho nada a apontar. Daí ter ficado tanto tempo.

João, 31 anos, em Londres há 8 anos

Como dissemos anteriormente, apesar do *gap* entre expectativas e realidade, a grande maioria destes jovens não tenciona voltar a Portugal num futuro próximo. Os fatores motivadores desta decisão prendem-se com a insegurança e precariedade laboral e a falta de oportunidades de progressão na carreira. Londres, ainda que não seja um “mar de rosas”, oferece a estes jovens segurança no trabalho, perspetivas de carreira e emancipação. A relutância dos jovens portugueses em regressar a Portugal

²¹ Já em 1994 Paulo Filipe Monteiro falava do *Eterno Mito do Retorno*, desafiando o paradigma dos estudos sobre a emigração que assentavam na mistificação das ideias de «comunidade» e do retorno dos emigrantes portugueses.

atesta a presunção que, pesadas as vantagens e desvantagens, emigrar para Londres continua a compensar. Estes dados vão de encontro ao estudo de Peixoto *et al.* (2016) que apontam a emigração definitiva como a opção mais frequente entre os três países europeus analisados (Reino Unido, França e Luxemburgo). Segundo os autores, a opção da emigração definitiva é influenciada pela proximidade geográfica com Portugal, que permite viagens mais regulares, a proximidade cultural e a estabilidade económica e social nestes países (Peixoto *et al.* 2016, 66).

Estabelecidos

Perguntamos aos portugueses estabelecidos em Lambeth quais as principais alterações na vida da cidade e do bairro desde o momento da sua chegada a Londres. As principais mudanças identificadas pelos emigrantes estabelecidos dizem respeito a: i) morfologia de Londres; ii) perfil e concentração dos portugueses em Lambeth; iii) políticas sociais do governo britânico.

A maioria dos portugueses estabelecidos entrevistados residia em contexto não-urbano ou em pequenas cidades e vilas antes de emigrarem para Londres. Nos anos 1980, aquando a sua chegada a Londres, a cidade foi palco de um extraordinário *boom* económico e financeiro, e progressivamente, Londres tornou-se num importante nóculo de sistemas de informação e capital globais (Sassen 1991: 4). De igual forma, as mudanças no tecido económico da cidade implicaram uma alteração acelerada da sua morfologia, situação que foi acompanhada pelos emigrantes portugueses estabelecidos.

[A cidade era] completamente diferente. Claro, vim da Madeira, depois de Jersey, cheguei aqui foi completamente diferente. Mas fez-me ... tinha a ilusão que eu ao estudar no secundário... via aquelas imagens de Picadilly Circus e isso tudo... e ficava “ah! como é que será isto?”, eu sonhava, depois encontrei-me ali em Picadilly Circus “Ah isto são os meus livros”. Foi uma realização daquilo que eu sonhava. Foram umas férias, foi uma experiência, foi... encontrei muitas amigas aqui também,

formei muitas amigas que até hoje ainda o são. E as experiências, fui-as agarrando (...) Nessa altura dos 20 anos eu entrei a estudar na hotelaria e vinha com a ideia de viajar, mas só fui a Maiorca, não fui muito longe. A minha ideia era viajar, ter experiências noutros lados. Mas, entretanto, conheci o meu marido, casei, tive os meus filhos... aí já mudei de rumo.

Ângela, 44 anos, em Londres há 22 anos

Outra das mudanças apontadas pelos portugueses estabelecidos, diz respeito não só à morfologia de *Little Portugal* (tema discutido no próximo ponto), mas também ao aumento do número de portugueses em Lambeth. *Little Portugal*, além dos inúmeros cafés, restaurantes e mercearias portuguesas conta com agências de emprego, notariados e a missão católica portuguesa.

Pedro: A cidade cresceu muito para cima. O que era Londres há 20 anos e o que é agora...

Ana Luís: Mas ao mesmo tempo é um cantinho de Portugal...

Pedro: Um cantão.

Ana Luís: Quer dizer, não é um canto muito grande porque estamos na cidade de Londres mas é um grande cantinho.

De facto, o progressivo aumento do número de portugueses a residir em Lambeth originou divisões entre os emigrantes portugueses (vd. infra). Por outro lado, existe um estigma associado aos que beneficiam do apoio do estado britânico e a percepção de que esses apoios têm diminuído ao longo dos anos em resultado de situações de abuso protagonizadas por portugueses.

Antigamente havia mais ajudas. Mas eu também não vim para aqui por causa das ajudas. Sempre trabalhei. Mas agora mudou muito, já não é a mesma coisa. Porque havia gente que vinha de Portugal pensando que

chegam aqui e tinham logo casa, benefícios e tudo mais. Só que eles cortaram com isso tudo. Agora tu vens para aqui e tens de trabalhar dois anos, descontar... e então aí, se eles virem que tu realmente precisas de ajuda, eles ajudam-te. Mas já não é a mesma coisa. E acho muito bem. Porque há uns a trabalhar e a matarem-se a trabalhar para outros estarem em casa a fazer boa vida e a receberem do estado. Isso acabou, de há dois, três anos para cá cortaram completamente e acho muito bem.

Ana, 43 anos, em Londres há 26 anos

Na verdade, as políticas sociais no Reino Unido sofreram mudanças significativas em 2012 após a aprovação do Welfare Reform Act. Em traços gerais, a reforma do sistema social altera as condições de acesso ao apoio à habitação, sistema de reformas, abono de família, reforma do fundo social e do apoio ao desemprego. Agravam-se também as penalizações por fraude. Na área do apoio às famílias e às crianças, foram cortadas as subvenções para as grávidas, o subsídio a famílias carenciadas que têm o primeiro filho, e a ajuda nas despesas com os cuidados infantis. Os abonos de família foram congelados e os pais solteiros têm hoje um controlo mais apertado do governo para procurarem ativamente trabalho. Os requerentes de apoio à habitação, que estejam a residir em habitações privadas foram alvo de pesados cortes o que significa que, em algumas áreas centrais de Londres, 7 em cada 10 alojamentos privados em qualquer área, serão inacessíveis a pessoas com menores rendimentos, quer estejam a trabalhar ou não (Child Poverty Action Group 2013).

Estas mudanças poderão ser perspetivadas como reflexo de uma crise generalizada nos mecanismos de integração. Como podemos antever, os cortes no apoio social afetam sobretudo a população das classes média e baixa, na qual se incluem os portugueses residentes em Lambeth que beneficiam de habitação subsidiada. A maior dificuldade em recorrer aos apoios do estado britânico afeta os portugueses principalmente em dois aspetos: em primeiro lugar, e com um carácter mais transversal, aumentando a vulnerabilidade das famílias mais carenciadas; em segundo lugar, as alterações à política de habitação social poderão ter um impacto a médio prazo na própria presença dos portugueses em Lambeth. A permeabilidade dos

portugueses residentes em Lambeth a estas medidas, e em especial aos processos de regeneração urbana no centro de Londres, será discutida com maior detalhe no quarto capítulo desta dissertação.

Redes de sociabilidade

À semelhança de Chicago dos anos 20 e 30, também Londres é um laboratório vivo, neste caso para o estudo da diversidade da cidade. É natural, face a este contexto, que as redes de sociabilidade dos emigrantes portugueses sejam compostas por indivíduos de várias nacionalidades e proveniências, uma vez que é impossível escapar à imigração quando se está Londres. Os Censos de 2011 mostram que quase 3 milhões de residentes em Londres nasceram fora do Reino Unido, ou seja, 1 em cada 3 habitantes de Londres nasceu no estrangeiro, esta média é de 1 para 10 fora da capital. Londres, é o mundo numa cidade, e estima-se que estejam presentes na cidade mais de 270 nacionalidades e mais de 300 idiomas²². Esta diversidade linguística manifesta-se desde cedo, nas escolas e creches, onde atenção é redobrada para as crianças que não têm o inglês como primeira língua. Os Censos Escolares²³ mostram que na cidade de Londres 43,2% dos alunos não têm o inglês como língua materna, sendo o bengali, urdu e somali as três línguas mais faladas na metrópole além do inglês.

A creche do meu menino tem meninos de todas as nacionalidades... eles agora estão a aprender espanhol, uma palavra por dia, vão aprendendo outras línguas.

Ângela, 44 anos, em Londres há 22 anos

Os filhos dos portugueses entrevistados, já nascidos no Reino Unido, estudam na sua maioria na escola inglesa, frequentando depois da escola aulas extraordinárias

²² Dados do Annual School Census (ASC)

²³ Os Censos Escolares, ao contrário dos Censos nacionais, permitem uma análise dos dados desagregados. O facto de os Censos britânicos agregarem a informação (nacionalidade, idioma, identidade ou religião, por exemplo) em grandes categorias esconde a diversidade cultural e linguística existente em Londres.

de língua portuguesa. O português é falado em casa, embora por vezes, a comunicação seja feita nas duas línguas de forma a facilitar o entendimento.

A minha filha anda na escola inglesa, e tem aulas de português nessa mesma escola. É uma hora depois da escola, uma vez à semana. Em casa falamos metade-metade. Ela começou há pouco tempo. Em casa falamos metade-metade, como ela fala para nós é como falamos para ela, para nos entendermos.

AM, 31 anos, em Londres há 9 anos

A diversidade manifesta-se em todos os serviços, desde os transportes, comércio e restauração, ao policiamento das ruas. Também nos contextos laborais e escolares dos emigrantes e seus familiares, nas relações de vizinhança e nas vivências quotidianas. Os contactos multiculturais estão presentes no dia-a-dia dos emigrantes portugueses e quando questionados, todos os entrevistados tinham, sem exceção - e independentemente de fatores como a idade, género ou educação - relações de amizade ou de trabalho com pessoas de nacionalidades europeias e extraeuropeias. É a existência desta diversidade demográfica, associada ao dinamismo da cidade, que é apontada como um fator motivacional para a escolha de Londres enquanto destino migratório. No caso dos entrevistados que emigraram há mais tempo a diversidade e o dinamismo da cidade são apontados como fatores mais atrativos da cidade.

Dentro da academia, foram várias as abordagens feitas à diversidade num determinado espaço, e convém para a nossa análise salientarmos algumas dessas teorizações. Tal como Baumann (1996), Gilroy almejava ultrapassar o pensamento centrado na raça, cultura, identidade e etnicidade, e analisar a diversidade das cidades britânicas segundo o conceito de convivialidade (Gilroy 2004). O autor definia convivialidade como:

Process of cohabitation and interaction that have made multicultural an ordinary feature of social life in Britain's urban areas and in postcolonial cities elsewhere... It introduces a measure of distance from the pivotal term

“identity”, which has proved to be such an ambiguous resource in the analysis of race, ethnicity, and politics.

(Gilroy, 2004, xi)

No caso de Londres, é fácil percebermos que a diversidade tem a sua génese, como vimos atrás, no aumento exponencial da população imigrante no Reino Unido nas últimas décadas. Esta população é absolutamente distinta entre si, e vemos nela uma multiplicação de variáveis sociodemográficas e de características migratórias, algo que Vertovec denomina “superdiversidade” (2007, 1925):

In the last decade the proliferation and mutually conditioning effects of additional variables shows that it is not enough to see diversity only in terms of ethnicity, as is regularly the case both in social science and the wider public sphere. Such additional variables include differential immigration statuses and their concomitant entitlements and restrictions of rights, divergent labour market experiences, discrete gender and age profiles, patterns of spatial distribution, and mixed local area responses by service providers and residents. Rarely are these factors described side by side. The interplay of these factors is what is meant here, in summary fashion, by the notion of ‘super-diversity’.

A ideia não é nova, tratando-se, no fundo, da justaposição de inúmeras variáveis num mosaico complexo que pretende apresentar uma alternativa à forma como a diversidade é convencionalmente concebida. Ainda que tenha proposto o conceito como forma de ultrapassar os inconvenientes da utilização do conceito *etnicidade*, Vertovec não desenvolve uma metodologia que seja capaz de analisar esta “super-complexidade”. Ao invés, lança o repto para que se desenvolvam novas técnicas para aplicar em testes quantitativos e exercícios etnográficos multi-situados e multi-grupais (Vertovec 2007, 1047). Na resposta a este repto surge o trabalho de Beatriz Padilla *et al* (2015) que através de mini-etnografias multi-situadas avalia a forma como a interculturalidade é vivida em diferentes bairros. O contributo das autoras reside essencialmente na operacionalização dos suprarreferidos conceitos teóricos, e a sua aplicação a um contexto de cidades multiculturais.

No nosso estudo de caso, pudemos averiguar que os emigrantes residentes em *Little Portugal* (à exceção dos que trabalham fora da área) têm sobretudo amigos e colegas portugueses e estabelecem contacto com pessoas de outras nacionalidades através das relações de vizinhança e noutros contextos esporádicos (por exemplo, professores dos filhos, clientes habituais de restaurantes portugueses que são de outra nacionalidade). Já os portugueses mais jovens estabelecem redes de sociabilidade mais diversificadas, quer na composição das suas amizades quer através dos contactos no local de trabalho. Por outro lado, estes portugueses mais jovens mantêm uma relação próxima a pessoas (família, amigos, colegas) que ainda residem em Portugal, ao contrário dos emigrantes chegados há mais tempo que têm na sua maioria a família no país de destino.

A propósito destes resultados, é importante referenciar o trabalho de John Eade que avaliou os impactos da globalização a nível local no quotidiano dos habitantes de Londres. Através da análise da interação entre população autóctone e migrante, o autor enfatiza que conceitos como comunidade, cultura, classe, pobreza e identidade são re-contextualizados perante os processos globais e locais. Assim, a cidade é apresentada como um espaço político e social heterogéneo no qual, face às mudanças da globalização, as «comunidades» se redefinem e criam novos conceitos e formas de localidade (Eade 1996). À semelhança do trabalho de Eade, é possível observar em *Little Portugal* a recontextualização do local (e até do nacional) em Londres. Através da socialização, da manutenção de redes de familiares e amigos em Londres, ou dos contactos e visitas frequentes a Portugal (no caso dos emigrantes recém-chegados) são criadas novas formas de localidade e globalidade. Também a proficiência linguística no momento da chegada poderá influenciar não só a integração económica dos migrantes, como também o desenvolvimento de contactos com a população nativa e com migrantes de outras nacionalidades (Esteves e Sampaio 2013), contribuindo para o diferencial entre emigrantes recém-chegados que tendencialmente têm maior proficiência na língua do país de destino que os primeiros emigrantes.

5. O “Bairro”

Localizado na margem sul do Tamisa, no centro geográfico de Londres, encontra-se Lambeth. Até ao século XVIII este *borough*²⁴ tinha uma baixa densidade populacional, e a maioria dos seus habitantes vivia e trabalhava nas margens do rio. Face à sua proximidade ao coração de Londres, Lambeth tornou-se um importante centro de manufatura a partir do século XVIII, com a fixação de indústrias ligadas ao vidro, cerâmica e construção naval na margem do rio²⁵. Além da forte componente industrial, a paisagem de Lambeth era marcada pela existência de jardins públicos, que mais tarde foram fechados e substituídos por prédios habitacionais aquando o início da urbanização da capital.

Durante os séculos XIX e XX os processos de expansão urbana em Lambeth tiveram maior impacto no sul – em zonas como Brixton, Herne Hill, Clapham, Streatham e Norwood – onde a rede ferroviária estava mais desenvolvida. Por esse motivo, estas áreas tornaram-se cada vez mais atrativas para os membros das classes trabalhadoras e para os imigrantes recém-chegados que construía alojamentos temporários clandestinos. Nesta época, a zona norte mantém o seu carácter predominantemente industrial enquanto no sul vão surgindo aglomerados de edifícios destinados à habitação.

No decurso da Segunda Guerra Mundial as áreas junto ao rio foram bombardeadas e grande parte das edificações foi destruída. No rescaldo do conflito estas zonas foram regeneradas e ergueram-se departamentos governamentais como o County Hall e alguns escritórios comerciais junto da grande estação ferroviária de Waterloo. Com o fim da guerra inicia-se também um processo de “limpeza” dos bairros de construção clandestina e começam a ser edificados blocos para habitação social.

Até há 20 anos atrás, Lambeth era considerada uma zona escura e perigosa. Hoje, é um *borough* jovem (em 2015 a média de idades situava-se nos 34,2 anos), com uma atmosfera diversificada marcada pela presença de imigrantes (33,6%) - em

²⁴ Optámos por usar a designação na sua língua original por não existir uma tradução para português desta divisão administrativa.

²⁵ Encyclopedia Britânica :<http://www.britannica.com/place/Lambeth>

especial jamaicanos (3,2%) e portugueses (2,3%)²⁶ e pelo seu comércio tradicional. Além da zona comercial, Lambeth tem muitos bairros residenciais, jardins e atrações turísticas. A zona ribeirinha de Lambeth é um dos maiores centros culturais da Europa, o complexo de artes do *South Bank* congrega o *Royal Festival Hall*, *Queen Elizabeth Hall*, o *Royal National Theatre*, *National Film Theatre* e *Hayward Gallery*. Outras atrações incluem o *Imperial War Museum*, o *London Aquarium* e o *London Eye*.

Processos de nobilitação urbana

Segundo as autoridades locais, Londres está a viver hoje a pior crise de habitação da história, justificada pela impossibilidade do mercado imobiliário em conseguir acompanhar o aumento exponencial da população na capital. Boris Johnson, prefeito de Londres (*mayor*, no termo original), entre maio de 2008 e maio de 2016, defendeu que a abertura da cidade ao investimento estrangeiro facilitará o desenvolvimento de mais empreendimentos para a habitação e a longo prazo resolverá a crise do setor imobiliário. Mas este, como veremos mais à frente, é um discurso simplista que pretende escamotear uma realidade que preza a entrada de investimento estrangeiro em detrimento das necessidades da população.

Em 2014 é inaugurada em Londres uma feira internacional (MIPIM UK – *Le Marché International des Professionnels de l’Immobilier*) que reúne os grandes atores do mercado imobiliário e os líderes das autoridades locais, que tem como objetivo promover o *networking* e as oportunidades de investimento imobiliário na cidade. Aquando a abertura da expo em 2015, centenas de manifestantes reivindicavam o seu direito à habitação social. Os ânimos exaltaram-se e formou-se um cordão policial para impedir a entrada dos manifestantes no evento. Linda Wade do partido dos Liberais Democratas disse em declarações ao *The Guardian*²⁷:

This is the wrong type of housing. It’s fuelling the appetite for overseas investment rather than providing the homes that we desperately need. We’ve

²⁶ Dados do Office for National Statistics, QS203EW - *Country of birth (detailed)*.

²⁷ <https://www.theguardian.com/society/2014/oct/15/protests-mipim-property-fair-london>

arrived at a toxic position, where developers are masterminding and dictating urban planning – not for the common good, but for their profit.

Na verdade, e como diz a entrevistada, não é o conceito de regeneração urbana que está errado, mas a forma como a regeneração está a ser implementada. Com a valorização galopante dos imóveis em Londres, o governo tem-se preocupado mais com a venda de propriedade que com a resolução do problema de escassez de habitação, sobretudo de habitação social. Segundo dados da BBC²⁸, os imóveis londrinos valem o mesmo que metade do PIB do Brasil, e os números mostram que em 2013, 85% desses imóveis tinham sido adquiridos como forma de investimento. Se olharmos ainda em 2013 para o número de habitações que estão a ser efetivamente ocupadas podemos observar um acréscimo de 40% nas propriedades vazias. Estes dados reforçam a tese da má gestão dos processos de regeneração urbana feita pela mão de Boris Johnson, e a sua contribuição para o agravamento da crise do mercado imobiliário.

A escassez de habitação social, e mesmo de habitação a um preço comportável para o cidadão comum afeta sobretudo as classes mais baixas e as populações mais vulneráveis. No caso dos beneficiários de apoio social, após a ordem de despejo é-lhes dado uma indemnização, mas que se revela insuficiente para pagar o aluguer de uma habitação nas zonas próximas ao local onde viviam, o que as obriga a abandonarem o centro da cidade e a deslocarem-se para áreas periféricas. As críticas mais crispadas à administração de Boris Johnson falam numa tentativa de “limpeza social”, o que nos parece uma utilização exagerada do termo incomparável especialmente se tivermos em consideração os acontecimentos trágicos que ocorreram na América Latina que cunharam o termo. É, contudo, bastante claro que estamos perante um processo de nobilitação urbana que a curto prazo terá impactos no tecido social da capital britânica.

O conceito *gentrificação*²⁹, cunhado por Ruth Glass em 1964, tem a sua origem precisamente em Londres, onde foram observados movimentos de transição

²⁸ http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/01/150127_moradia_londres_hb

²⁹ Optámos por utilizar o termo “nobilitação urbana” por esta tradução se aproximar à etimologia da palavra *gentrification*, derivada da arcaica *gentry* que se referia aos membros da pequena nobreza e aristocracia.

residencial de indivíduos de classe média de áreas nobres para as áreas populares da cidade de Londres.

One by one, many of the working-class quarters of London have been invaded by the middle-classes – upper and lower. Shabby, modest mews and cottages – two rooms up and two down – have been taken over, when their leases have expired, and have become elegant, expensive residences. Larger Victorian houses, downgraded in an earlier or recent period – which were used as lodging houses or were otherwise in multiple occupation – have been upgraded once again... Once this process of “gentrification” starts in a district it goes on rapidly until all or most of the original working-class occupiers are displaced and the whole social character of the district is changed

(Glass 1964, xviii)

Ainda que nos últimos sessenta anos tenham surgido variações da sua definição, nobilitação urbana refere-se, grosso modo, aos processos de requalificação de bairros pobres e/ou de classes trabalhadoras, evidenciados tanto através da entrada de fluxos de capital privado como da chegada de inquilinos e proprietários das classes média e média-alta (Malheiros *et al* 2012). Os processos de reestruturação urbana não são mais que a manifestação social e espacial da passagem de uma economia industrial para uma economia pós-industrial³⁰. A “nova” economia, muito mais terceirizada, modifica a natureza e o local de trabalho, rendimentos e salários, a estrutura de classes, estilo de vida e conseqüentemente transforma a estrutura do mercado imobiliário (Hamnett 2003). Face à evolução da terciarização do setor produtivo no centro de Londres, o mercado imobiliário evoluiu no sentido de dar resposta à demanda por estruturas habitacionais e serviços nas zonas centrais de Londres. Justifica-se assim o elevado número de projetos levados a cabo nos *boroughs* de Lambeth e Wandsworth, e em outras áreas centrais da cidade.

A meia hora de distância da *city*, o atual centro económico e financeiro da Europa, Lambeth tem sido alvo de uma extraordinária regeneração urbana. Num pequeno passeio pelas suas imediações podemos observar os grandes empreendimentos habitacionais em construção um pouco por toda a parte³¹. Na *South*

³⁰ Ver Barata Salgueiro (1998).

³¹ Ver anexo 3: Fotos dos grandes empreendimentos em construção em *Little Portugal*.

Lambeth Road, a principal rua de *Little Portugal*, o edifício Keybridge House, considerado o “prédio mais feio de Londres”, foi vendido ao grupo Allies and Morrison por 90 milhões de libras (ver fotos 2 e 3 em anexo). Apesar do seu aspeto inestético o edifício ocupava uma zona estratégica daquilo que será o maior projeto de reestruturação urbana entre as zonas de Vauxhall e Nine Elms. Este projeto inclui além da construção de mais de 5 blocos de 36 andares de apartamentos de luxo, a reabilitação da antiga estação de eletricidade de Battersea e a sua conversão também em apartamentos de luxo e *penthouses*, bem como a construção da nova embaixada dos Estados Unidos. Perguntamos aos nossos entrevistados sobre este fenómeno e, embora este não seja um problema atual dos portugueses residentes em Lambeth os moradores receiam as mudanças estruturais no bairro.

Alexandra: E aqui no bairro tem havido novas construções?

Ângela: Sim, está constantemente [em construção]. Agora, numa coisa de há quatro anos para cá, depois deste novo governo, muito tem mudado, têm construído muitos prédios novos.

Alexandra: São prédios habitacionais?

Ângela: Sim, a maior parte sim. Mas são muito mais caros. Uma zona ali em Vauxhall, naquela estrada é tudo novo, ali perto da nova embaixada americana [localizada em Nine Elms], vão mudar tudo ali. Está tudo modificado, o que era antes não tem nada a ver. Antigamente eram só indústrias, que foram acabando, foram fechando e aquilo acabou por ficar vazio, à beira do rio, agora são prédios, tem muita mudança. Está se a transformar mais nos ricos virem para o centro e a classe média, média mais alta.

Alexandra: E na sua zona?

Ângela: Já está a chegar. Devagar, mas já está a chegar. Os prédios antigos... estão muitos a ir abaixo e estão a fazer novos que vão ser privados e mais caros.

A chegada dos mais ricos ao centro da cidade é vista com receio, uma vez que o aumento do interesse e da especulação no território poderia significar a expulsão ou recolocação daqueles que residem nas habitações sociais, como é o caso dos portugueses em estudo. Esta foi uma realidade enfrentada pelos moradores de Cressingham Gardens, uma zona residencial de Lambeth. Aqui, aproximadamente 43% da população recebe apoio à habitação por parte do governo britânico e em 2012 a autoridade local de Lambeth iniciou um projeto que propunha demolir 300 habitações por alegada incapacidade de suportar os custos associados à renovação das habitações degradadas. O objetivo da câmara após as demolições seria o de atrair residentes com “*higher income and higher capital assets*”³² através da construção de habitações modernas de custo mais elevado, à semelhança dos planos para o resto do *borough*. Isto implicaria, a seu prazo, o desalojamento dos atuais residentes de Cressingham Gardens, que não teriam capacidade para acompanhar os preços das rendas dos novos complexos habitacionais regenerados. O processo deu origem a uma campanha que tem como objetivo conservar as habitações dos moradores³³, naquilo que poderá ser o exemplo prático da reivindicação do *direito à cidade* (Lefebvre 2001).

Ainda que nenhum dos nossos entrevistados tenha reportado a existência de problemas semelhantes em Lambeth, a nobilitação urbana avança galopante. O projeto *Nine Elms on the South Bank* que nasceu de uma parceria entre as câmaras de Lambeth e Wandsworth, os grandes senhorios e investidores, a autoridade de Londres e o serviço de transportes de Londres, tem projetado a construção 20.000 habitações e 25.000 postos de trabalho na construção, educação, espaços verdes e atrações. Outros empreendimentos incluem a extensão da *Northern Line*³⁴, com a criação de duas

³² Entrevista completa em: <http://www.morningstaronline.co.uk/a-9ed3-Lambeth-opts-for-gentrification-on-rotting-estate>

³³ Para mais informações sobre a campanha dos moradores de Cressingham Gardens contra a recolocação consultar <https://savecressingham.wordpress.com/>

³⁴ Ver anexo 4: Mapa de extensão da *Northern Line* ao abrigo do projeto de reestruturação urbana.

estações de metro adicionais (Nine Elms e South Bank) e a construção de ciclovias³⁵.

The new Nine Elms on the South Bank will be characterised by striking modern architecture, attractive public space and spectacular views of the River Thames. It will be a busy, culturally stimulating place with a broad range of visitor attractions, shops, community facilities and internationally recognised landmarks. It will be a remarkable new addition to Central London.³⁶

Esta descrição do projeto imobiliário aproxima-se das imagens da cidade pós-moderna, enquanto “espaço privilegiado de consumo de mercadorias, imagens e estilos de vida em contraste com a cidade moderna, que se definia primordialmente em função do seu papel na produção industrial” (Mendes 2006, 60). Também é importante aqui recuperarmos a noção de nobilitação urbana, entendida como o “movimento de chegada de grupos de estatuto socioeconómico mais elevado, geralmente jovens e de classe média, a áreas centrais desvalorizadas da cidade” (Malheiros *et al* 2012, 101).

É expectável que a reestruturação venha alterar o tecido socio-espacial do bairro, uma vez que atrai a fixação de novos moradores com maior poder económico e leva, a médio-prazo, ao desalojamento dos antigos residentes por incapacidade de acompanhar a subida do preço das rendas. Como vimos anteriormente, estes processos têm impacto à escala local e existem fortes indícios que a reestruturação urbana iniciada pelo projeto *Nine Elms on the South Bank* influenciará os padrões residenciais dos portugueses em Londres. É interessante, para a nossa reflexão, retomarmos o *direito à cidade*, e observarmos o poder de encaixe das suas considerações sobre o mercado imobiliário e regeneração urbana na realidade observada nestes bairros.

The postmodernist penchant for encouraging the formation of market niches, both in urban lifestyle choices and in consumer habits, and cultural forms, surround the contemporary urban experience with an aura for freedom of choice in the market, provided you have the money and can protect yourself from the privatization of wealth redistribution through burgeoning criminal activity and predatory fraudulent practices (which have everywhere escalated). Shopping

³⁵ Ver anexo 5: Mapa de planificação das construções em *Little Portugal*.

³⁶ <http://nineelmslondon.com/vision>

malls, multiplexes, and box stores proliferate (the production of each has become big business), as do fast-food and artisanal market places, boutique culture and, as Sharon Zukin notes, “pacification by cappuccino”.

(Harvey 2012, 14)

De facto, os novos empreendimentos não têm em vista as necessidades das populações locais e a regeneração urbana poderá significar a crispação das relações sociais e das tensões entre a população e o governo local. Todavia, perante o forte dinamismo da vida urbana e a relativa fase inicial destes processos, seria imaturo avançarmos com tais considerações.

Resta ainda dizer que, por detrás do discurso das autoridades locais acerca da nobilitação, está a assunção clara de que esta ajudaria a aumentar e a promover a mistura social e, assim, a incrementar o capital social e a coesão entre os residentes. Contudo, são vários os estudos que enfatizam o facto de serem poucas as evidências que mostrem interações significativas entre a população residente estabelecida e os *gentrifiers* (ver, por exemplo, Rose 2004; Davidson 2010; Arbaci e Rae 2013; Malheiros *et al.* 2012). O estudo empírico de Davidson em três bairros de Londres (Wandsworth, Brentford e Thamesmead West), alerta precisamente para a relação proporcionalmente inversa entre o nível de capital social e mistura social. O autor observou que os contactos entre a população estabelecida e os recém-chegados eram sobretudo residuais e os seus trajetos raramente se cruzavam. Segundo Davidson, os novos empreendimentos imobiliários em Londres criaram novos espaços urbanos que potenciam a sua fragmentação e a segregação urbana microescala.

Doravante, seria fundamental perceber de que forma é que as iniciativas da câmara em promover o investimento imobiliário estrangeiro conciliam os interesses dos vários grupos residentes nestes bairros. Em particular, e como nota para projetos futuros, seria também interessante perceber a relação dos portugueses estabelecidos e recém-chegados com os futuros habitantes destes grandes empreendimentos.

Os portugueses em Lambeth

A concentração de portugueses no *borough* de Lambeth está intimamente ligada a dois fatores: em primeiro lugar à atribuição de habitação social por parte do governo britânico e em segundo, à importância das redes enquanto agentes que formam e reiteram a própria «comunidade» portuguesa.

A história dos portugueses em Londres começa em Portobello onde, segundo J. Carlos Freitas, Delegado do Conselho Permanente das Comunidades Madeirenses na Europa (Reino Unido e Ilhas do Canal), se instalaram as primeiras comunidades portuguesas. Mais tarde, às famílias portuguesas que se candidataram ao apoio, foram-lhes cedidas casas nas zonas de Stockwell e Vauxhall, o que levou à fixação e concentração de emigrantes portugueses na área conhecida popularmente como *Little Portugal*. A chegada de portugueses àquele espaço desencadeou um efeito bola de neve, onde redes de contactos foram acionadas de forma a trazer mais famílias portuguesas para junto dos que já lá estavam. Por outro lado, as casas dos primeiros emigrantes portugueses agora reformados e/ou retornados passaram para os seus filhos, o que de certa forma contribuiu para a (auto) propagação dos portugueses no tempo e no espaço, formando o que muitos habitantes identificam como uma «comunidade». Afirmar-se, neste caso, a pergunta: o que é então uma «comunidade»? Quem a define? Podemos falar de «comunidade» quando nos referimos à população portuguesa residente em Lambeth?

«Comunidade» é uma ideia-chave nas ciências sociais, uma palavra frequentemente utilizada na academia e no discurso corrente, mas a sua definição enquanto conceito e noção ideológica, acarreta inúmeras questões. A este respeito é frequentemente citado o teorema do sociólogo W. I. Thomas que postula que se as pessoas definem situações como reais, elas são reais nas suas consequências. Assim, a partir do momento em que os portugueses identificam a existência de uma «comunidade» emigrante em Lambeth esta torna-se real, na medida em que tem implicações práticas na vida quotidiana destes migrantes. O poder deste teorema não advém do seu carácter explicativo, mas do facto de nos mostrar a forte dimensão simbólica que a ideia de certos conceitos (leia-se, neste caso, de «comunidade»),

evidenciados através de símbolos, valores e ideologias, têm na vida social das pessoas.

O ensaio de Anthony P. Cohen (1985) insiste precisamente na dimensão simbólica da «comunidade», que, enquanto sistema de valores, normas e códigos sociais, confere um sentimento de pertença aos seus membros e ao mesmo tempo de distinção entre os demais.

Community is just such a boundary-expressing symbol. As a symbol, it is held in common by its members; but its meaning varies with its members' unique orientations to it. In the face of this variability of meaning, the consciousness of community has to be kept alive through manipulation of its symbols. The reality and efficacy of the community's boundary – and, therefore, of the community itself – depends upon its symbolic construction and embellishment.

(Cohen 1985, 15)

Assim, e como poderemos ver ao longo deste capítulo, a «comunidade» portuguesa em Lambeth significa coisas diferentes para pessoas diferentes. A utilização de aspas ao longo desta dissertação pretende precisamente evidenciar da definição que cada entrevistado lhe confere.

Importa agora falar sobre os limites geográficos, ou neste caso a sua inexistência, do «bairro» mais português em Londres. Ao contrário dos seus congéneres canadianos (Brettell 1981), o *Little Portugal* londrino não tem uma delimitação espacial precisa. Mais do que um bairro, podemos caracteriza-lo como uma nuvem (ou nuvens) de pequenos aglomerados de cafés, residências e restaurantes portugueses dispersos entre si. Para “encontrá-lo” tomamos em consideração aquilo que nos foi reportado pelos nossos entrevistados: para eles *Little Portugal* localiza-se em Vauxhall e Stockwell, e um pouco em Camden, embora aqui a presença dos portugueses seja menos significativa³⁷.

³⁷ Além de Stockwell e Vauxhall, existe uma presença considerável de portugueses no sul de Lambeth (Brixton e Clapham). É interessante notar a diferença entre a percepção da concentração de portugueses e a realidade estatística. Muitos dos entrevistados apontaram Camden como parte integrante do “*Little Portugal*”, contudo a presença portuguesa neste *borough* não é muito significativa (3%), ao contrário de outras zonas que não foram mencionadas como Brent (7%) e Westminster (5%), onde a presença dos portugueses é menos “visível”.

A nossa caminhada pelo Little Portugal londrino inicia-se no seu epicentro – a *South Lambeth Road*- em Stockwell e termina na rua Albert Embankment em Vauxhall. Esta não é uma etnografia do “bairro” de *Little Portugal*, nem pretendemos que o seja. O objetivo aqui é o de enriquecer a nossa pesquisa agregando alguns dados etnográficos que nos permitirão afinar este retrato dos portugueses em Londres.

Figura 5.1 Mapa de recolha de dados em Little Portugal



©Mariana Campos

Ao longo da *South Lambeth Road* podemos encontrar vários estabelecimentos de comércio, cafés, restaurantes, cabeleireiros e escritórios de advogados geridos por e direcionados aos portugueses³⁸. O aglomerado de serviços com um forte cariz étnico (ou nacional) levou a que esta zona se tornasse popularmente conhecida como *Little Portugal*.

Começamos a recolha de sul para norte, e a nossa primeira paragem é no cabeleireiro L&M. Gerido por um casal de portugueses oriundo da região norte do

³⁸ Anexo 6: Fotografias da presença portuguesa em *Little Portugal*.

país, o estabelecimento tem na sua grande maioria clientes portugueses, embora apareçam ocasionalmente clientes de outras origens. Mais acima na rua encontramos a *Lisboa Patisserie*, para muitos “a melhor pastelaria do bairro”. Aqui fala-se português com sotaque da madeira. Apesar de o dono ser originário da capital, tanto os empregados como parte dos clientes são madeirenses. São frequentes as entradas de pessoas que vêm comprar pastéis de nata e outros bolos e doces comuns da pastelaria portuguesa. A maior parte das vendas de bolos são para fora, e ao balcão sentam-se homens que falam de futebol e de outros assuntos da vida quotidiana na pausa para café. As mulheres, representadas em menor número, são sobretudo mais velhas e sentam-se nas mesas a tomar o pequeno almoço: galão e torradas. A *Lisboa Patisserie* é um “típico café português em Londres”: anexo à zona de café e pastelaria encontramos uma pequena mercearia com produtos portugueses ou comumente consumidos em Portugal.

Mais acima localiza-se o restaurante e o café *Grelha d’Ouro*. Com cardápio bilingue, o restaurante serve refeições típicas da gastronomia portuguesa. No café vemos portugueses sentados à mesa, televisão está ligada na SIC Notícias, o café é de marca Camelo e as revistas e jornais em cima das mesas são portugueses. Os que entram no café cumprimentam os que já lá estão dentro, evidenciando o carácter local e restrito do estabelecimento que contrasta com a parte de restaurante onde a clientela é mais diversificada.

Terminamos o nosso percurso em Vauxhall, na rua Albert Embankment. Aqui encontramos dois estabelecimentos muito frequentados pelos portugueses em Londres: o *Pico Bar & Grill* e a *Casa da Madeira*. O *Pico Bar & Grill* obedece à mesma lógica de organização de espaço que encontramos noutros estabelecimentos portugueses, dividindo a zona de café da zona de restaurante. A zona do restaurante recebe clientes de várias origens e a ementa é composta sobretudo por grelhados. A zona de café assemelha-se a qualquer “tasca” portuguesa: a televisão transmite jogos de futebol, no menu encontramos bifanas e petiscos e a cerveja é também ela portuguesa.

Ao lado, localiza-se a *Casa Madeira*, apontada pelo jornal *Mundo Português* como uma “referência do empreendedorismo” português em Londres. Esta sociedade

familiar criada por um português oriundo da Madeira reúne vários estabelecimentos entre cafés, restaurantes, padaria e pastelaria. No seu interior a lógica é semelhante à que temos vindo a encontrar nos restantes espaços comerciais portugueses: zona de restaurante/bar, café e mercearia com produtos nacionais.

Em todos estes espaços observamos uma espécie de reprodução da dinâmica social em Portugal. Embora a “tasca” não seja um elemento comum na paisagem londrina, os portugueses importaram-na e adaptaram-na ao mercado inglês através da separação da zona de restauração da zona do café e da criação de mercearias com produtos nacionais. Em *Little Portugal* residem sobretudo portugueses que emigraram para o Reino Unido nas últimas décadas do século passado e seus reagrupados. Estes emigrantes ocupam posições nos segmentos menos qualificados do mercado de trabalho como as limpezas industriais ou domésticas, a construção e o comércio.

Mas não são só os moradores de *Little Portugal* que frequentam estes cafés portugueses. Para aqueles que residem fora do “bairro” (tendencialmente os emigrantes mais jovens e mais qualificados), os cafés representam parte de uma dinâmica que muitos encaram com saudosismo.

(...) da simples coisa que é ires a um café e podere comer e beber uma cerveja e beber um café e cá não tens disso... a base do teu dia-a-dia muda de uma maneira brutal porque eles [os britânicos] são completamente diferentes. A maneira como eles veem o dia-a-dia. Lembro-me de quando nós viemos ao centro a umas entrevistas de trabalho e nós queríamos comer qualquer coisa e onde passávamos, os sítios para comer, estavam cheios de pessoal que estava a trabalhar e estava na altura do *break* da hora de almoço, era só *Pret-a-Manger*, *Starbucks*... essas casas todas de sanduiches, estavam cheias de gente e filas enormes de pessoal para almoçar e para nós – que eu nunca tinha cá estado – não há aquele restaurante, não há aquela... a tasca ou qualquer sítio que um gajo vai comer. É tudo à base das sandes e desse tipo de coisas. Agora já estou habituado. Vais ao pub para beber uma cerveja e quando queres comer, se quiseres um restaurante tens de ir para certos sítios onde há restaurantes e pagas um balúrdio para comer qualquer

coisa ou então comes sandes. É o que há aqui. Não aquela coisa de tu encontrares ... ali ao pé de Kingston há a Casa da Madeira que também é de portugueses e tu entras logo e notas logo a diferença. Tem mesas, tem a mercearia, tens televisão, vendem-te a cerveja na mesma ... pronto, é aquele conjunto que nós estamos habituados, servem-te uma refeição... e cá não há nada disso. Das coisas básicas foi o que mais me chocou.

Rafael, 33 anos, em Londres há 2 anos e meio

O café está evidentemente associado à sociabilidade que ocorre no seu espaço: o encontro com os amigos, partilha de refeições e outras atividades de carácter lúdico. E são exatamente os cafés que atraem outros portugueses a *Little Portugal*, quer seja para ver uma partida de futebol ou para festejar o Dia de Portugal ou Dia da Madeira. Estes eventos são, como apontou Leal (2014), um espelho da manifestação das diferentes camadas de identidade dos migrantes e a exteriorização destas identidades (cosmopolitas, nacionalistas ou regionalistas). No seu estudo, Leal observou que o facto de existir uma festa concorrente às festas do Dia de Portugal em Toronto, levava à manifestação de identidades regionalistas entre os emigrantes portugueses. Embora a festa não seja objeto de estudo da presente dissertação encontramos discursos semelhantes de rivalidade entre a festa do Dia de Portugal e o Dia da Madeira. A nossa análise será feita em termos de discursos sobre identidade, uma vez que além do par *continentais/insulares* encontramos outros binómios de diferenciação entre a os portugueses como *estabelecidos/ recém-chegados* e *emigração tradicional/ emigração recente*.

6. O Emigrante

A próxima secção do nosso estudo é dedicada às perceções dos emigrantes portugueses sobre o «outro» e sobre si próprios. Neste sentido, reunimos os discursos de emigrantes portugueses e expusemos as diferenças de identidade em três categorias: continentais/ insulares, estabelecidos/ recém-chegados e emigração tradicional/ nova emigração.

Continentais versus insulares

Durante as entrevistas, perguntámos aos portugueses qual a nacionalidade dos seus principais amigos e colegas de trabalho, de forma a perceber a composição das suas redes. Mais de que uma vez os portugueses emigrados há mais tempo responderam “portugueses e madeirenses”. Esta diferenciação tornou-se cada vez mais recorrente ao longo das entrevistas feitas a emigrantes chegados a *Little Portugal* há mais tempo, dando o mote para a identificação da primeira tipologia de dissemelhança entre os nossos entrevistados.

Alexandra: Costuma ir a Portugal muitas vezes?

Pedro: Não, não vou a Portugal, vou à Madeira.

Ana Luís: Oh!

Pedro: Então, estou-lhe a dizer que não vou a Portugal, vou à Madeira, de vez em quando.

Ana Luís: Então não vais a Portugal?

Pedro: Mas nos últimos anos onde é que tens ido? À Madeira!

Ana Luís: Às duas.

Pedro: É à Madeira.

Ana Luís: Eu vou-lhe bater. (risos)

Além do *nacionalismo de longa distância* (Anderson 1989) ou do *transnacionalismo* (Basch *et al* 1994; Glick-Schiller 2003; Vertovec 2009), as diásporas favorecem outro tipo de ligações com o país de origem, entre as quais o regionalismo. Na sequência dos estudos que apontavam a importância dos laços locais e regionais no transnacionalismo migrante (Levitt 2001; Moya 2005), João Leal analisa as configurações de identidade e pertença dos portugueses emigrados no Canadá, que se assemelham bastante ao que encontramos em *Little Portugal* (Leal 2006).

As is evident through the activities in the Portugal Day parade, social clubs, folklore groups and Portuguese language classes are of paramount importance among mainlanders. Among Azoreans however, public performances of ethnic identity are mainly organized among religious based institutions, like the Portuguese churches – whose parishioners are mostly Azoreans – and Holy Ghost brotherhoods. One could thus speak of two distinct different traditions of diasporic organisation. One is mostly religious and operates, as in other migrant contexts through religion and the recreation of religious *festas* as markers of identity. The other one is mostly secular and tends to privilege identity markers based on language and stylised depictions of homeland folk culture.

(Leal 2014, 210)

A diferenciação assente no regionalismo entre os portugueses residentes em *Little Portugal* foi percecionada sobretudo ao nível do discurso, que não surgiu entre os emigrantes portugueses mais jovens, o que nos leva a crer que são particularmente os emigrantes estabelecidos que exaltam a sua identidade regionalista. Percebemos também, através das entrevistas e conversas informais, que os emigrantes madeirenses são frequentemente associados a um tipo de emigração (mais) «tradicional», mais conservadora e autocentrada em torno da «comunidade», pelos emigrantes que residem em Londres há menos tempo, quer residam dentro de *Little Portugal* ou fora dele. Do outro lado, os continentais são estereotipados em torno de uma imagem altiva de snobismo, em que estes se consideram a eles próprios como “cidadãos de primeira” e os madeirenses como “cidadãos de segunda”.

Há muita rivalidade entre madeirenses e continentais. Porque há muitos continentais que têm a mania da superioridade, e que nós, madeirenses somos portugueses de segunda. Eu dou-me mais com os continentais do que com os madeirenses, porque não me identifico com os madeirenses. A maior parte dos meus amigos são continentais, eu não lido com os madeirenses... nem me identifico com eles... Há muito boa gente que vem para um país desenvolvido, mas em vez de desenvolverem aqui também [aponta para a cabeça] continuam [gesto de burro com palas nos olhos] ... ‘tás a ver? As pessoas têm de evoluir.

Ana, 43 anos, em Londres há 26 anos

Estabelecidos versus recém-chegados

Em *Little Portugal* a antiguidade é um posto. A diferença geracional entre os que chegaram na década de oitenta e noventa e os que chegaram no novo milénio gera um discurso de diferenciação entre um tipo de emigração, perspetivada pelos mais velhos como mais trabalhadora e cumpridora e a nova emigração de portugueses que é vista pelos antigos como menos “nobre”.

Nessa altura tínhamos aqui nem 10.000 portugueses, os ingleses preferiam os portugueses, era tudo sério e trabalhadores e respeitavam as autoridades. Hoje é totalmente diferente. É muito diferente, principalmente na nossa comunidade (...) porque o português vem para cá, não para trabalhar, mas por interesses financeiros. Para a boa vida. Não [são] todos, [são] poucos. Mas estragam a imagem que nós tínhamos antes.

Acha que existe uma diferença muito grande entre os primeiros emigrantes e os de agora?

Sim. Como de um dia de sol para uma noite de trovoadas. Mas não todos! Porque o que vem aí agora ultimamente só vem atrás dos benefícios. Tem

um grande problema aqui que são as mães solteiras, elas não são solteiras. E se as vão buscar a casa e as apanham ou vão para a cadeia ou têm de desembolsar todo o dinheiro que receberam. (...) os principais problemas que temos aqui é que vêm para cá pessoas que não têm habilitações nenhuma, umas têm qualificações muito altas e empregam-se nos restaurantes. Outros, vêm só à procura da boa vida, e faltam ao respeito às autoridades...

JC, em Londres há 48 anos

Face a estes relatos, acreditamos estar perante uma situação em que a antiguidade da chegada ao país e a formação de laços entre os portugueses estabelecidos, contribuiu para a estigmatização dos recém-chegados numa lógica de (des)equilíbrio das relações de poder. Esta estigmatização manifesta-se no medo dos mais velhos em que os recém-chegados arruinem a reputação dos estabelecidos e consequentemente estes tenham maior dificuldade em aceder a determinados recursos (sociais e laborais). O apoio social do Estado britânico, como explicamos atrás, foi essencial a muitas famílias de portugueses que se instalaram em *Little Portugal*, tendo contribuído em larga escala para a concentração de portugueses em Lambeth. Hoje o processo de obtenção de casa social é muito mais burocrático. A informação sobre os procedimentos, o preenchimento dos requisitos e formulários e o conhecimento adequado da língua são elementos valiosos para quem pretende aceder a estes apoios governamentais. Pelo auxílio ao preenchimento destes papéis, os serviços notariais geridos por portugueses podem chegar a cobrar vinte euros. No caso de se conhecer algum facilitador de contactos, o serviço é gratuito. Importa aqui recuperar a definição de capital social Bourdieu (1985, 248):

Social capital is the aggregate of the actual or potential resources which are linked to a possession of a durable network of more or less institutionalized relationships of mutual acquaintance and recognition – or in other words, to membership in a group – which provides each of its members with the backing of the collectivity-owned capital, a ‘credential’ which entitles them to credit, in the various senses of the word.

Ainda que visto com algumas reservas (Portes 2000), o conceito serve o propósito de explicar a forma através da qual os portugueses mobilizam uma rede de relações dentro de *Little Portugal* em favor de uma ação ou de um objetivo que pretendam alcançar. Este capital social não está acessível a todos os residentes do «bairro», mas a sua influência manifesta-se a vários níveis e em diversos setores. Tomemos o exemplo do mercado laboral. Numa situação em que o migrante recém-chegado não tem conhecimento da língua inglesa a ativação da rede de contactos poderá significar o acesso a postos de trabalho ou o auxílio em encontrar habitação.

Encontramos outro exemplo da abrangência desta rede no agendamento de atendimentos no consulado. A morosidade dos serviços consulares em Londres, bastante noticiada na imprensa portuguesa³⁹, foi um tema recorrente trazido pelos entrevistados. Ouvimos relatos de portugueses que esperam meses por um atendimento para a renovação do cartão de cidadão e que, face à lentidão do serviço, decidem comprar uma passagem para Lisboa apenas com o intuito de verem a sua situação regularizada rapidamente. Outros já nem recorrem ao consulado e aproveitam as viagens anuais a Portugal para renovarem o passaporte, carta de condução e outros documentos essenciais. Contudo, para os emigrantes que residem há mais tempo em *Little Portugal* e/ou que têm acesso a este capital social, o processo é diferente. Ouvimos relatos de portugueses que nos contaram, num misto de orgulho e vergonha, que por terem acesso a esta rede de relações não passavam pelo habitual processo kafkiano e conseguiam celeremente tratar da sua situação no consulado.

O acesso ao capital social em *Little Portugal* é um recurso que discrimina os primeiros portugueses dos que chegaram depois, contribuindo para a propagação da imagem da diferenciação entre os dois grupos. As dinâmicas entre os portugueses emigrantes em Londres, não são muito diferentes das relações observadas por Elias e Scotson (1994) na pequena localidade de nome fictício Winston Parva. No ensaio teórico sobre as relações de poder entre “*Os Estabelecidos e os Outsiders*” os autores mostram as divisões entre um grupo de moradores estabelecido e um grupo de moradores recém-chegados. A força da sociologia de Elias e Scotson vem da sua contribuição para uma teoria geral das relações de poder entre grupos marginalizados

³⁹ <http://expresso.sapo.pt/internacional/2016-05-25-Londres-portugueses-queixam-se-de-atendimento-tempos-de-espera-e-falta-de-organizacao-no-consulado>

e dominantes, e do elevado foco na percepção da diferença. Ainda que Winston Parva fosse uma «comunidade» “cientificamente” homogênea (a nível do rendimento, escolaridade, etnia, entre outros...), os seus habitantes não a percecionavam assim e a diferença residia na antiguidade da chegada à localidade. Face ao exposto, os autores ingressaram num esforço de compreender os laços de interdependência que uniam, separavam e hierarquizavam estes indivíduos e o papel do grupo enquanto agente fortificador destes laços.

Entre Little Portugal e Winston Parva podemos encontrar algumas semelhanças: o grupo dos estabelecidos constrói a sua autoimagem em torno de um ideal exemplar e normativo (o ideal do português trabalhador, cumpridor e respeitador das normas sociais); os recém-chegados são vistos como uma ameaça a esta ordem, não porque tenham qualquer intenção em perturbá-la, mas porque os residentes mais antigos acreditam que a sua chegada ia desprestigiar a sua imagem; e a importância do critério da antiguidade. Mas também encontramos diferenças, sobretudo na autoimagem do grupo dos “outsiders”. Existem dois fatores que contribuem para a manutenção de uma autoimagem menos estigmatizada. Em primeiro lugar as relações entre recém-chegados e estabelecidos em *Little Portugal* não são tão crispadas como em Winston Parva: apesar dos casuais comentários menos positivos, a estigmatização existente entre os grupos não impede o seu convívio nem origina situações marcadamente discriminatórias. Em segundo lugar, os portugueses que residem no bairro há menos tempo não se consideram inferiores aos que chegaram há mais tempo, tendo uma opinião por vezes marcadamente negativa face aos estabelecidos o que está intimamente ligada à diferença geracional entre os dois grupos.

Já vivi aqui [em Stockwell] em casa da minha mãe. É mau, parece que estamos em Portugal. É português, português, português a toda a hora, porque a comunidade portuguesa é aqui. É bom, mas depois de estarmos aqui um “xis” anos é mau. Porque a gente veio para Londres para mudar de cultura, mas viemos para o nosso meio, então parece que estamos em Portugal. Torna-se muito família, e depois toda a gente se conhece, e a minha intenção não é viver onde toda a gente vive. Eu até gosto de estar onde estou para não estar no meio da comunidade portuguesa, já trabalho

com eles, e ter de viver com eles é um bocadinho... Não posso trocar [de casa] mas por mim não trabalhava nem vivia com eles.

AM, 31 anos, em Londres há 9 anos

Segundo os relatos dos nossos entrevistados, as vantagens de viver na grande cidade como o anonimato, a variedade de contactos e o menor controlo social, são completamente diluídas na vivência do bairro mais português de Londres.

É muito mau, é muito português. Eu já não estou habituado a isto. É o típico português, falam muito, comentam muito... Quando tenho dias de folga saio daqui, prefiro ficar mais do lado dos ingleses.

Marcos, 21 anos, em Londres há 7 anos

É interessante sublinhar esta associação entre “português” e “mau” feita pela nova geração de portugueses, por nos apontar para aquilo que consideramos ser a rutura com os laços étnicos como estratégia de integração. Face a uma concentração de portugueses já estabelecidos, os recém-chegados, querendo distanciar-se destes, desenvolvem redes de relações com outros imigrantes e com a própria população autóctone. Aqui, a estratégia de integração parece ter uma lógica geracional ou de período de chegada, onde os mais velhos se viram para os portugueses residentes em Londres e os recém-chegados têm uma atitude mais cosmopolita. Esta divisão parece surgir independentemente de se viver ou não em *Little Portugal* com as gerações mais novas a evidenciarem o carácter negativo de viverem dentro de redes de conterrâneos onde a etnicidade é essencial, promovendo e fomentando em contrapartida contactos multiculturais.

A relação entre recém-chegados e estabelecidos não se resume ao distanciamento dos primeiros face aos segundos. Num contexto em que um recém-chegado não tem conhecimento da língua, do mercado de trabalho e da vivência na grande metrópole, Lambeth apresenta-se como um bote salva-vidas face a um mar desconhecido. Muitos portugueses recém-chegados têm a sua primeira morada em casa de portugueses estabelecidos e conseguem trabalhos em cafés portugueses, beneficiando desse apoio nos primeiros tempos do seu trajeto migratório.

Estou na casa de uma família que está cá há 30 anos. Tenho amigos que já estão cá há 3 ou 4 anos... Como comecei logo a trabalhar não me deu para conhecer muito, foi mais dedicar-me ao trabalho logo. (...) como cheguei há pouco tempo, ainda não estou bem dentro do meio então ... gostava de depois de mais tarde, quando tivesse mais dentro do meio, de procurar mais na minha área.

Nuno, 31 anos, em Londres há 2 meses

Indiscutivelmente, para os recém-chegados, a vantagem principal do “bairro” prende-se com as oportunidades de trabalho: viver ou procurar trabalho em *Little Portugal* permite uma rápida inserção laboral junto dos portugueses quando ainda não existe um domínio da língua inglesa ou perspectivas no mercado de trabalho inglês. Os emigrantes conseguem assim ter um período transitório em serviços direcionados para ou geridos por portugueses (cafés, restaurantes, hotéis) que antecede a entrada no mercado de trabalho inglês. Mas, apesar do apoio na procura de habitação e trabalho, nem sempre a relação com os estabelecidos corre da melhor maneira.

Foi complicada [a relação com os portugueses]. É muito complicada a comunidade de portugueses aqui, parece que é tal e qual como se estivéssemos em Portugal. Olham só para eles, não olham para mais ninguém e parece que o mundo lhes foge a eles debaixo dos pés. E nesse aspeto tive que me aventurar, sabendo que não tinha quase conhecimentos nenhuns de inglês. (...) quando cheguei aqui fui-me habituando à cultura dos ingleses, aprendi com os ingleses, só com eles. Já vivi em Stockwell, atualmente não vivo, vivo em Battersea [bairro de Wandsworth]. Fui para Stockwell para entrar aqui entre os portugueses, arranjar trabalho, consegui arranjar casa no meio dos portugueses, mas assim que me consegui livrar dos portugueses eu livro-me deles!

Carlos, 42 anos, em Londres há 1 ano

Os portugueses chegados há menos tempo adotam aspetos da cultura dominante, que lhes permitem funcionar dentro dos meios socioeconómicos da sociedade do país de origem, sem, contudo, renunciarem aos laços étnicos, que

acionam forma racionalizada quando estes lhes trazem mais vantagens. A instrumentalização intercalada entre identidade étnica e identidade cosmopolita remete-nos para a próxima secção do nosso capítulo, onde aplicaremos o modelo de assimilação segmentada desenvolvido por Portes, Haller e Fernández-Kelly (2008), ao caso português.

Emigração «tradicional» versus Emigração recente

A dicotomia emigração tradicional/ nova emigração foge aos limites de *Little Portugal* e alarga-se a todo o espectro de emigrantes entrevistados naquilo que nos parece ser uma lógica geracional. Os novos emigrantes, que não são apenas as camadas mais jovens da população, mas também aqueles que nasceram nos finais da década de sessenta e na década de setenta, querem fugir aos estereótipos associados à emigração tradicional portuguesa. Para estes, a vantagem de emigrar para uma cidade grande está exatamente no contacto com a diversidade cultural e cosmopolitismo.

De forma a percebermos a imagem que os jovens emigrantes portugueses têm de *Little Portugal* perguntamos aos nossos entrevistados porque razão não foram viver para Stockwell ou Vauxhall. As repostas evidenciam uma tentativa de se descolarem da imagem do “típico emigrante português”. Esta geração mais jovem procura retirar o máximo partido da diversidade de Londres, sendo adversa à ideia de pertencer a uma «comunidade» emigrante numa cidade global.

Para começar porque é uma zona bastante feia. Acho que essa seria possivelmente a primeira razão. Também o facto de estar rodeado de portugueses de certa forma... se eu vim para Londres... para depois ir viver num mini Portugal... estava um bocadinho a perder a experiência. Eu queria um sitio mais multicultural com pessoas de todo o mundo e Stockwell é um bairro português para todos os efeitos. Eu queria fugir um bocadinho a isso. Não por ser português, também por ser português, mas especialmente por ter apenas uma cultura, uma nacionalidade... depois há ingleses também mas é uma zona marcadamente portuguesa.

Jorge, 31 anos, em Londres há 9 anos

Os jovens procuram afastar-se da «comunidade» portuguesa por lhe atribuírem uma conotação negativa. A «comunidade» para eles, é sítio fechado e estanque, uma ilha numa capital dinâmica.

Eu compreendo, compreendo perfeitamente o pessoal que procura a comunidade porque querem estar junto das pessoas que lhes são mais iguais. Mas ao mesmo o tempo acho errado. Não deveria ser assim. Porque ao mesmo tempo esses vão criticar outras comunidades, e não o deveriam fazer, dizem “Ah vêm para cá para o país”, é o que está a acontecer agora com os muçulmanos no país... Eles também têm as comunidades deles. E se for preciso os portugueses nessas comunidades criticam e dizem que eles fazem mal. Acho que é errado fechares-te numa comunidade quando vais para outro país. No meu país eu não gostava quando isso acontecia. (...) Isso incentiva discordâncias e afastamentos. Eu não concordo com isso, não quero fazer parte disso.

Rafael, 33 anos, em Londres há dois anos e meio

Os jovens portugueses adotam uma estratégia de integração que não passa pelo recurso à «comunidade» de portugueses, mas pela instrumentalização de uma identidade cosmopolita. Devemos, contudo, evitar generalizações: apesar de termos encontrado discursos sobre padrões de assimilação segmentada junto dos emigrantes portugueses mais jovens e/ou chegados há menos tempo, nada exclui que os seus antecessores não tenham adotado padrões de assimilação semelhante. A nossa constatação é feita à luz da tendência geral das entrevistas realizadas, e do atual contexto globalizado, não pretendendo ser uma análise dicotómica entre novos emigrantes e emigrantes tradicionais.

Não queria morar em comunidades portuguesas. Uma das coisas que eu queria também era vir para cá não naquela onda de viver com portugueses, e estar só com portugueses. Ter uma experiência um bocadinho mais diferente. Se não, vives aqui, vais ao café, estás com

portugueses a falar na rua, também não vais ganhar muito com isso. Claro que a maioria dos nossos amigos é português, mas não fazemos questão de ter o grupinho português.

Bárbara, 33 anos, em Londres há 2 anos e meio

As vantagens de emigrar para uma cidade global são, como vimos no capítulo anterior, a diversidade cultural e o leque de oportunidades oferecidas, que vão de encontro às expectativas de ter uma “experiência diferente”. Circunscreverem-se a uma rede de relações constituída apenas por portugueses limitaria, aos olhos destes jovens, a sua plena integração na sociedade de acolhimento, balizando as oportunidades laborais e sociais.

Eu não queria ficar única e exclusivamente relacionado com essa... isto vai soar horrivelmente mal..., mas não queria. Imagina: em Roma, sê romano. E eu acho que a experiência de viver cá é podermos realmente estar *under the blanket*, podermos comunicar com outras pessoas. E a sociedade portuguesa de Vauxhall e Stockwell é muito fechada e muito de compadres. E fiquei com um bocadinho de receio de ficar sobre essa asa de ter um registo português...

João, 31 anos em Londres há 8 anos

A tentativa de não ser mais um português entre portugueses em Londres, inscreve-se, como dissemos atrás numa lógica de assimilação seletiva (Portes *et al.* 2008). O modelo, aplicado à segunda geração de emigrantes, pretende avaliar as diferentes formas de assimilação (ascendente, estática e descendente) dos filhos dos imigrantes nos Estados Unidos e consiste em três partes: a) identificação dos três principais fatores exógenos em ação (capital humano, contexto social e composição da família); b) descrição dos principais obstáculos que os filhos dos imigrantes atravessam; c) previsão das trajetórias previstas a partir da articulação das duas alíneas anteriores (Portes *et al.* 2008, 15). Dentro do modelo interessa-nos particularmente a última alínea, onde os autores traçam três perfis de aculturação: aculturação consonante, em que os migrantes se adaptam à língua e culturas do país

anfitrião; aculturação dissonante na qual a “introjeção dos valores e da língua da sociedade anfitriã é acompanhada pela rejeição daqueles trazidos por seus pais e associados”; e aculturação seletiva, onde os imigrantes aprendem os costumes e língua do país de origem mas que, concomitantemente, preservam os elementos-chave da cultura parental (Portes *et al.* 2008, 19). O *boom* migratório português para o Reino Unido é relativamente recente. Assim sendo, é preciso adaptar o modelo à realidade atual portuguesa. Não falamos em segundas gerações, como na teoria de Portes, mas das primeiras gerações de emigrantes, que instrumentalizam os seus laços étnicos, alternando entre dois modelos de aculturação.

As diferenças entre os modelos de aculturação advêm, a nosso ver, do *gap* geracional existente entre os primeiros emigrantes e a nova geração de emigrantes.

Sou-te sincera, às vezes passo lá [em Camden] e não quero falar português. Porque é mesmo... é essa a imagem que nós ficamos, são tão fechados que não há muito a tirar dali. Estão ali a falar de futebol, pouco mais, não partilham experiências com outras pessoas... obviamente que depois tens portugueses mais abertos e menos com aquela cena de só falarem de Portugal e têm conversas mais diferentes. Mas não te consigo dizer uma conotação que eu tenha das pessoas, obviamente que é tudo diferente. Aqueles emigrantes que estão cá há anos são diferentes de nós, é inevitável.

É importante ressaltar que estes emigrantes mais jovens não renegam os seus laços étnicos, embora o possa parecer numa primeira análise superficial. Se olharmos com atenção para os discursos destes jovens percebemos que a sua *portugalidade* de um modo diferente, adaptado ao contexto de um mundo globalizado.

Tenho saudades como o caraças! Tenho saudades da minha família, tenho saudades dos meus amigos, tenho saudades do meu dia-a-dia lá e tenho saudades da comida, muitas saudades da comida... e do vinho. Costumo ir a Portugal. No primeiro ano em que estive cá fui lá onze vezes. Depois no segundo ano, só lá fui duas vezes porque estava mais concentrado no

trabalho cá e avançar com as coisas cá. Este ano espero ir lá três ou quatro vezes... Duas foi muito pouco. Eu acho que de 3 em 3 meses preciso de ir lá.

Rafael, 33 anos em Londres há 2 anos e meio

Além das viagens frequentes (uma média de 3 vezes por ano entre os entrevistados), estes emigrantes mantêm laços fortes com o país de origem em outros níveis. Encontramos percursos de emigrantes que vão mensalmente a Portugal em trabalho, e que fomentam a relação com o país dentro das suas empresas.

Vou lá em trabalho, tenho lá muitos amigos, tenho lá a minha família toda. A grande maioria da minha família vive em Portugal. E tenho saudades obviamente. Eu sinto que sou muito português, e gosto muito de ser português. Tenho uma relação fortíssima com Portugal.

João, 31 anos, em Londres há 8 anos

Estes jovens estão bem informados relativamente ao que se passa em Portugal, quer seja pelo consumo de informação (através da televisão *online*, jornais, redes sociais) quer por força das amizades que mantêm à distância com pais, amigos e antigos colegas de trabalho, que estão hoje muito mais facilitadas graças às novas plataformas de comunicação e à democratização da *internet*. Em Londres, deslocam-se pontualmente a *Little Portugal* para ver jogos de futebol, comer refeições e produtos portugueses, ou para mostrar o bairro aos portugueses que os visitam. A relação com aquela que descrevem como «comunidade» é bastante superficial, ativada em situações específicas (como jogos de futebol ou festas nacionais) naquilo que acreditamos serem demonstrações de etnicização ocasional.

A diferença entre dois discursos sobre etnicidade foi observada em geografias onde a emigração portuguesa tem uma longa história. Mapril (2016), aponta para a existência de dois discursos sobre a etnicidade, um primeiro efetuado por emigrantes de primeira geração que (re)produzem o seu regionalismo à distância, e um segundo discurso de filhos de imigrantes que se baseia na noção de *portugalidade* expressa

“através de elementos como o fado e futebol, mas também através de elementos associados ao imaginário Lusófono, juntando heranças culturais e referências do Brasil, Macau e Cabo Verde”⁴⁰ (Mapril 2016, 13). Esta diferenciação aproxima-se à realidade observada em Londres, em que a *portugalidade* é vivida de diversas formas pelos diferentes tipos de emigrantes e depende de inúmeros fatores (classe social e económica, instrução, idade, percurso migratório, momento de chegada ao país de destino, etc.). As noções de *portugalidade* são, como Klimt (2000) aponta no seu estudo na Alemanha, moldadas não só pelas experiências individuais, mas também pelas mudanças nas relações internacionais:

Location must be understood in social, political and cultural, not just geographic terms, and each location presents particular representational problems, options, and relations of power with which to contend. Each particular enactment emerges in dialogue with the various conflicting strands of national self-representation of Portugal, debates about membership in Germany, and arguments about forms of national belonging within the new Europe.

(Klimt 2000, 515).

Assim, ao analisarmos os discursos sobre *portugalidade* é necessário que os contextualizemos na realidade social e política de Londres. Apenas desta forma é possível compreender as diferenças entre os emigrantes que chegaram à cidade nos anos 1980 e 1990, numa época anterior à revolução tecnológica, e os que chegaram ao Reino Unido no atual contexto da globalização.

A relação dos emigrantes recém-chegados com o seu país de origem é bastante complexa. Adotando uma estratégia de integração e um discurso sobre identidade multicultural e cosmopolita, recusam a segmentação baseada na etnicidade. Mas, se por um lado, conservam e promovem laços com o país de origem como vimos atrás, por outro parecem mais relutantes em regressar a Portugal do que os seus antecessores.

⁴⁰ Tradução livre.

A relação que tenho com Portugal é... vai ser sempre o país onde nasci, os meus filhos falam português, e tenho orgulho em Portugal mas não me ajudou muito, é mais um destino de férias e eu aconselho sempre as pessoas a irem lá de férias. Mas não é um sítio que eu quisesse tão depressa voltar a viver porque não compensa. Não tens muitas oportunidades. Aqui vais ao MacDonnald's e vês uma pessoa mais velha, de 50 anos a trabalhar no balcão... Ou a mente é aberta a isso ou cá há oportunidades. Enquanto cá não vês isso. Acho que cá tens sempre mais oportunidade para fazer um bocadinho de vida independente. Enquanto lá, tenho muitos amigos que vivem ainda com os pais, e isso eu não quero.

Rita, 31 anos, em Londres há 8 anos

Portugal é, aos olhos destes emigrantes recém-chegados, sinónimo de precariedade e insegurança. Para o seu regresso, estes emigrantes esperam ver concretizadas algumas condições: salários acima dos mil euros; possibilidade de progressão na carreira; maior inserção laboral dos jovens e maior estabilidade económica e profissional. Emigrar para Londres é acima de tudo fugir à precariedade e optar por um futuro mais seguro.

Aplicado aos migrantes, a categoria de direito de fuga cumpre dois efeitos maiores. Por um lado, contrariando a redução, hoje em dia muito em voga, do migrante ao «exponente típico» de uma «cultura», de uma «etnia», de uma «comunidade», tende a destacar a individualidade, a irredutível singularidade das mulheres e dos homens que são protagonistas das migrações: longe de poderem ser encaradas enquanto pressupostos naturais de identidade dos migrantes, «cultura» e «comunidade» relevam-se assim como construções sociais e políticas específicas, tornando necessário interpelar os seus processos de produção e reprodução.

Por outro lado, é precisamente essa insistência na singularidade concreta dos migrantes que nos permite iluminar o carácter exemplar da sua condição e da sua experiência definida no ponto de interseção entre uma poderosa tensão subjetiva de liberdade e a ação das barreiras e confinamentos a que correspondem

determinadas técnicas de poder, a figura do migrante concentra em si, e dito de outra fora, um conjunto de contradições estruturalmente inerentes à liberdade de movimentos celebrada como um dos eixos decisivos da “moderna” civilização ocidental.

(Mezzadra 2012, 11)

A formulação de Mezzadra parece resumir de certa forma o que fomos encontrando ao longo das nossas entrevistas: discursos variados, por vezes contraditórios e diferenciadores, de emigrantes que dificilmente podem ser vistos como uma «comunidade». Estas diferenças manifestam-se em diversos parâmetros: na auto e hétero identificação, nas conceções sobre a cidade, o país de origem e de destino, e na perceção do próprio ato migratório. Encarada ora como uma inevitabilidade ora como “direito de fuga”, a migração de portugueses para Londres é, como vimos, em todos os seus aspetos, reflexo da singularidade e complexidade das migrações contemporâneas.

Conclusão

Ao longo desta dissertação, e tendo como base a revisão bibliográfica e a análise das entrevistas, procurámos contribuir para o conhecimento geral sobre a recente emigração portuguesa, e em especial, para o conhecimento da relação dos portugueses com o espaço (a cidade e o “bairro”), com os seus habitantes e com a «comunidade» portuguesa emigrante.

A nossa primeira hipótese de trabalho pressupunha que o local de residência estava intimamente ligado à relação do indivíduo com a «comunidade» portuguesa. Ou seja, se um emigrante vivesse em *Little Portugal* teria uma relação mais positiva com a «comunidade», em comparação com um emigrante que residisse noutra zona de Londres. Esta hipótese não se confirmou. Através da análise das entrevistas aos residentes em *Little Portugal* percebemos que as relações dentro da «comunidade» são bastante complexas e por vezes conflituosas. Os discursos dos emigrantes espelham diferentes níveis de diferenciação (continentais/insulares; estabelecidos/recém-chegados; emigrantes «tradicionais» / «novos» migrantes). Ainda que estas diferenças não originem processos de exclusão ou conflito semelhantes às situações observadas em Winston Parva (Elias e Scotson 1994), elas espelham as tensões existentes entre os vários segmentos da população emigrante. Torna-se então evidente a impossibilidade de retratar a «comunidade» emigrante portuguesa como sujeito monolítico. Ainda que durante as entrevistas alguns migrantes reiterem a existência de «uma comunidade portuguesa», depois de analisados os discursos e as práticas, pudemos constatar que esta se manifesta sobretudo na instrumentalização de redes de interajuda que não estão necessariamente centradas na nacionalidade ou origem geográfica. Antes, e como discutimos anteriormente, podem ser vistas como formas e expressões de *capital social* (Bourdieu 1985) – um recurso individual que advém da mobilização de uma rede de relações com o objetivo de atingir um fim específico – que, no nosso estudo de caso se traduz no auxílio à emigração e à empregabilidade, o agendamento de atendimentos no consulado, entre outros.

A segunda hipótese assumia que os emigrantes mais jovens tinham redes de sociabilidade mais diversificadas que os migrantes estabelecidos. Esta hipótese veio a

confirmar-se. É preciso, no entanto, contextualizar Londres e a diversidade da sua população, para podermos confirmar esta hipótese, ou seja, assumimos que, comparativamente a outras cidades na Europa os estabelecidos tenham redes bastante diversificadas (o contacto com vizinhos, pais dos colegas dos filhos, comerciantes). Contudo, e no que respeita aos dois fatores analisados (relações com amigos e colegas de trabalho), os estabelecidos desenvolvem sobretudo as suas relações com portugueses dentro do “bairro”, criando, dentro da cidade global novos conceitos e formas de localidade (Eade 1996), contrariamente aos emigrantes recém-chegados.

Consequentemente, levantamos a hipótese da existência de um discurso sobre a identidade assente no cosmopolitismo e multiculturalismo entre os emigrantes recém-chegados, por oposição ao discurso dos emigrantes chegados há mais tempo que teriam um discurso identitário mais próximo do nacionalismo. Sobre esta hipótese levantam-se duas questões. Em primeiro lugar, se é verdade que os jovens desenvolvem redes de sociabilidade mais diversificadas, também verificámos que estes migrantes, apesar de não residirem na «comunidade», têm uma relação mais próxima com Portugal que se traduz nas visitas ao país, contactos recorrentes com familiares e amigos que residem no país e uma maior atenção à realidade portuguesa. Em conversas informais alguns emigrantes estabelecidos referenciaram que voltar para Portugal era mais uma ideia simbólica do que um desejo «real», quer por não terem laços (familiares e de amizade) em Portugal, quer por acreditarem que não se conseguiriam adaptar à atual realidade portuguesa. O retorno seria, portanto, uma nova imigração. Já para os emigrantes mais jovens o retorno é uma possibilidade que, embora não esteja nos planos da maioria dos entrevistados, não constituiria hoje uma mudança muito dramática, uma vez que mantém laços transnacionais (económicos, sociais e culturais) com o país de origem e estão atualizados sobre a realidade do país. A bem dizer, estes dois grupos de migrantes desenvolvem a sua *portugalidade* de maneira diferente e «ser português» significa coisas diferentes para pessoas diferentes (Mapril 2016; Klimt 2000).

Dito isto, é pertinente abordarmos outras questões que surgiram ao longo do nosso estudo. Em primeiro lugar, importa salientar o claro afastamento, evidenciado através discursos e práticas, da emigração mais recente daquilo que eram os padrões de emigração «tradicional». Os recém-chegados procuram distanciar-se do estereótipo

do que é «ser português» e este exercício tem implicações nas suas estratégias de integração, através do desenvolvimento de redes e espaços de sociabilidade fora de *Little Portugal* e da adoção de um discurso sobre uma identidade cosmopolita e multicultural. A qualificação desempenha aqui um papel fundamental pois permite que alguns destes jovens se insiram noutros sectores laborais até então “vedados” aos velhos emigrantes. Como pudemos observar ao longo deste trabalho, a segmentação da emigração portuguesa em Londres é bastante complexa, algo que já tinha sido evidenciado por Malheiros, que referiu que a fragmentação entre emigrantes resulta de uma “muito mais complexa segmentação da emigração portuguesa que contempla distinções profissionais, de qualificação, de regiões de destino/origem, de áreas residenciais, etc.” (Malheiros *et al* 2016, 292).

Em segundo lugar, importa perceber a estreita ligação entre a decisão voluntária de emigrar e a construção de imagens positivas acerca da cidade e do próprio trajeto migratório. Notámos, ao longo das nossas entrevistas, que os projetos migratórios involuntários potenciados pelo reagrupamento familiar contribuíram para a construção de uma imagem negativa da cidade de Londres (retratada como escura, fria, chuvosa e pouco amistosa) que se traduz para a experiência migratória negativa dos primeiros anos vividos na metrópole, onde estava bastante presente o corte drástico dos laços com o país de origem. Por contraste, os emigrantes recém-chegados que escolheram a cidade voluntariamente e de acordo com as suas preferências pessoais, transmitem imagens positivas da cidade: liberdade, autonomia, diversidade, inserção no mercado de trabalho e melhores remunerações. Existe igualmente uma diferença entre emigrantes recém-chegados e estabelecidos no que respeita as imagens do país de origem. Para os estabelecidos, que visitam o país com menos frequência, Portugal representa a nostalgia da infância ou adolescência. Já os emigrantes recém-chegados têm visões complexas sobre Portugal. Por um lado, identificam-se como portugueses, têm apreço pela língua e gastronomia, mantêm laços com o país e visitam-no frequentemente. Por outro lado, sentem-se “empurrados” para fora do país após uma ou mais experiências precárias no mercado de trabalho e da impossibilidade de se autonomizarem, e Portugal ainda traz à memória situações bem reais de subemprego, desemprego e emprego precário.

No outro dia sonhei que estava em Portugal e acordei angustiado... não foi um sonho bonito, sonhei que estava lá e não tinha trabalho.

Rafael 33 anos, em Londres há 2 anos e meio

*

Chegamos ao fim deste trabalho com mais perguntas do que quando o iniciámos. Após os recentes desenvolvimentos e a saída do Reino Unido da União Europeia restam muitas dúvidas no ar sobre quais as consequências do “Brexit” nas políticas de imigração e nos direitos dos imigrantes já estabelecidos no país. Da mesma forma, e como fomos evidenciando ao longo da nossa dissertação, é preciso perceber de que forma as políticas de reestruturação e nobilitação urbana irão afetar a «comunidade» portuguesa em Lambeth e que novas dinâmicas e sociabilidades trarão a este contexto. Neste sentido, seria interessante desenvolver um estudo longitudinal que tivesse em atenção todas estas questões e visasse, à semelhança do presente estudo, perceber os meandros da complexidade da atual emigração portuguesa.

Bibliografia

- Abu-Lughod, Lila. 1991. "Writing Against Culture." In *Recapturing Anthropology. Working in the Present*, editado por Fox, 137-162. Santa Fe: School of American Research Press.
- Adler, Sy e Johanna Brenner. 1992. "Gender and Space: Lesbians and Gay Men in the City". *International Journal of Urban and Regional Research* 16 (1): 24-34.
- Almeida, José Carlos. 2004. "Portugal, o Atlântico e a Europa. A Identidade Nacional, a (re)imaginação da Nação e a Construção Europeia." *Nação e Defesa* 107, 2ª série: 147-172.
- Almeida, José Carlos. 2005. *Celebrar Portugal: A Nação, as Comemorações Públicas e as Políticas de Identidade*. Lisboa: Editora Piaget.
- Almeida, José Carlos. 2007. "Citizens of the world: migration and citizenship of the Portuguese in the UK." *Portuguese Studies* 23 (2): 208-229.
- Almeida, José Carlos e David Corkill. 2010a. "Portuguese Migrant Workers in the UK: A Case Study of Thetford, Norfolk." *Portuguese Studies* 26 (1): 27-40.
- Almeida, José Carlos e David Corkill. 2010b. "Uma vida melhor? Portuguese migrant workers in a rural community." *Immigrants & Minorities* 28 (1): 70-85.
- Anderson, Benedict. 1989. "Long-distance nationalism." In *The Spectre of Comparisons. Nationalism, Southeast Asia and the World*, editado por Anderson, 58-75. London and New York: Verso.
- Andreson, Nels. 1923. *The Hobo*. Chicago: University of Chicago Press.
- Appadurai, Arjun. 1996. *Modernity at Large: Cultural Dimensions of Globalization*. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press.
- Araújo, Emília e Filipe Ferreira. 2013. "A "Fuga de Cérebros": um discurso multidimensional". In *Para um Debate sobre a Mobilidade e Fuga de Cérebros* (eBook), editado por Araújo, Fontes e Bento, 58-82. CECS – Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.
- Arbaci, Sonia e Ian Rae. 2013. "Mixed tenure neighbourhoods in London: policy myth or effective device to alleviate deprivation?" *International Journal of Urban and Regional Research* 37 (2): 451-479.
- Arroteia, Jorge. 2001. "As comunidades portuguesas no mundo." *Janus*: 136-137.
- Baganha, Maria Ioannis and Pedro Góis. 1998/1999. "Migrações internacionais de e para Portugal: o que sabemos e para onde vamos?" *Revista Crítica de Ciências Sociais* 52-53: 229-280.

- Baganha, Maria Ioannis. 2001. "A cada Sul o seu Norte: Dinâmicas migratórias em Portugal". In *Globalização: Fatalidade ou Utopia*, editado por Boaventura de Sousa Santos, 135-159. Porto: Edições Afrontamento.
- Barata Salgueiro, Teresa. 1998. "Cidade Pós-Moderna: Espaço Fragmentado." *Revista TERRITÓRIO*, ANO III (4): 39-53.
- Basch, Linda *et al.* 1994. *Nations Unbound. Transnational Projects, Postcolonial Predicaments and Deterritorialized Nation-States*. Basel: Gordon and Breach.
- Baumann, Gerd. 1996. *Contesting culture: discourses of identity in multi-ethnic London*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Beswick, Janie. 2005. "The Portuguese diaspora in Jersey." In *The Consequences of Mobility*, editado por Brent Preisier *et al.*, 93-105. Roskilde: Roskilde University, Department of Language and Culture.
- Bourdieu, Pierre. 1985. "The forms of capital." In *Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education*, organizado por J. G. Richardson, 241-258. Nova Iorque: Greenwood.
- Brenner, Neil. 2000. "The Urban Question as a Scale Question: Reflections on Henri Lefebvre, Urban Theory and the Politics of Scale." *International Journal of Urban and Regional Research* 24 (2): 361-379.
- Brenner, Neil e Nik Theodore. 2002. "Cities and Geographies of 'Actually Existing Neoliberalism.'" *Antipode* 34 (3): 348-379.
- Brettell, Caroline. 1981. "Is the ethnic community inevitable? A comparison of the settlement patterns of Portuguese immigrants in Toronto and Paris". In *Anthropology and Migration: Essays on Transnationalism, Ethnicity and Identity*, editado por Caroline Brettell, 109-126. Walnut Creek: Altamira Press.
- Brettell, Caroline. 2000. "Urban History, Urban Anthropology, and the Study of Migrants in Cities." *City & Society* XII (2): 129-138.
- Brettell, Caroline. 2003. "Bringing the City Back In: Cities as Contexts for Incorporation." In *American Arrivals: Anthropology Engages the New Immigration*, editado por Nancy Foner, 163-196. Santa Fe: School of American Research Press.
- Brettell, Caroline. 2011. "Scalar Positioning and Immigrant Organizations: Asian Indians and the Dynamics of Place." In *Locating Migration: Rescaling Cities and Migrants*, editado por Glick-Shiller e Çağlar, 85-103. Ithaca and London: Cornell University Press.
- Candeias, Pedro, Jorge Malheiros, José Carlos Marques e Ermelinda Liberato. 2016. "A nova emigração para Angola: integração diferenciada e forte ligação a

- Portugal.” In *Regresso ao Futuro: A nova emigração e a sociedade portuguesa*, organizado por Peixoto *et al*, 199-234. Lisboa: Gradiva.
- Candeias, Pedro, Bárbara Ferreira e João Peixoto. 2014. “Emigração portuguesa: o que temos vindo a estudar e o que nos falta saber – uma análise bibliométrica entre 1980 e 2013.” *População e Sociedade* 22: 11-31.
- Castells, Manuel. 1977. *The Urban Question: a marxist approach*. London: Edward Arnold.
- Castells, Manuel. 1983. *The City and the Grassroots: A Cross-Cultural Theory of Urban Social Movements*. London: Edward Arnold.
- Child Poverty Action Group. 2013. “Welfare Reform: what it means for families at risk of poverty”. http://www.cpag.org.uk/sites/default/files/CPAG_factsheet_the%20cuts_May13.pdf. Acedido a 31 de Julho de 2016.
- Cohen, Anthony P. 1985. “The Future of Self: Anthropology and the City.” In *Humanising the City? Social Contexts of Urban Life at the Turn of the Millennium*, editado por Anthony P. Cohen e Katsuyoshi Fukui, 201-221. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Cordeiro, Graça Índias. 2003. “A Antropologia Urbana, entre a tradição e a prática.” In *Etnografias Urbanas*, editado por Graça Cordeiro, Luís Vicente Baptista e António Firmino da Costa, 3-32. Oeiras: Celta Editora.
- Cressey, Paul. 1932. *The Taxi Dance-Hall: A Sociological Study in Commercialized Recreation and City Life*. Chicago: University of Chicago Press.
- Delicado, Ana. 2008. “Cientistas portugueses no estrangeiro: factores de mobilidade e relações de diáspora.” *Sociologia, Problemas e Práticas* 58: 109-129.
- Delicado, Ana. 2010. “International mobility of researchers: policies, trends and impacts.” In *Portugal in the Era of the Knowledge Society*, editado por Belyaev e Roca, 155-188. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.
- Delicado, Ana e Nuno de Almeida Alves. 2013. ““Fuga de Cérebros”, “Tetos de Vidro” e “Fugas na Canalização”: mulheres, ciência e mobilidade.” In *Para um Debate sobre a Mobilidade e Fuga de Cérebros* (eBook), editado por Araújo, Fontes e Bento, 8-32. CECS – Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.
- Dias, Nuno. 2016. *Remigração e Etnicidade: Trânsito Colonial Entre a África de Leste e a Europa*. Lisboa: Mundos Sociais.
- Duffy, Bobby e Tom Frere-Smith. 2014. *Perceptions and Reality – Public Attitudes to Immigration*. Londres: IPSOS MORI – Social Research Institute.

- Eade, John. 1996. *Living the Global City – globalization as a local process*. London and New York: Routledge.
- Elias, Norbert e John L. Scotson. 1994. *Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Engels, Friedrich. 1975 [1845]. *A Situação da Classe Trabalhadora em Inglaterra*. Porto: Edições Afrontamento.
- England, Kim e Kevin Ward. 2007. *Neoliberalization: States, Networks, People*. Oxford: Blackwell.
- Esteves, Alina e Dora Sampaio. 2013. “Language Proficiency Among Immigrants and the Establishment of Interethnic Relations: A Comparative Analysis of Bilbao, Lisbon and Rotterdam.” *Finisterra XLVIII* 96: 65-88.
- Estrela, Maria Amélia. 2003. “As Mulheres na Comunidade Portuguesa Emigrante do Reino Unido – Trajetórias de Vida.” Relatório submetido ao Departamento de Educação Básica, Portugal.
- Foner, Nancy. 1987. “Introduction: New immigrants and changing patterns in New York City.” In *New Immigrants in New York*, editado por Foner, 1-33. New York: Columbia University Press.
- Foner, Nancy. 2005. *In a New Land: A Comparative View of Immigrants*. New York: New York University Press.
- Foner, Nancy, Jan Rath, et al. 2014. “Introduction: New York and Amsterdam: Immigration and the new urban landscape.” In *New York and Amsterdam: Immigration and the new urban landscape*, editado por Foner et al., 1-22. New York: New York University Press.
- Fontes, Margarida e Emília Araújo. 2013. “(I)Mobilidades e redes científicas internacionais: Contextos e relações em mundança.” In *Para um Debate sobre a Mobilidade e Fuga de Cérebros* (eBook), editado por Araújo, Fontes e Bento, 97-124. CECS – Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.
- Fontes, Margarida. 2007. “Scientific mobility policies: how Portuguese scientists envisage the return home.” *Science and Public Policy* 34 (4): 284-298.
- Fox, Richard, 1972. “Rationale and Romance in Urban Anthropology.” *Urban Anthropology* (1): 205-233.
- Fox, Richard. 1977. *Urban Anthropology, Cities and Their Cultural Settings*. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall, Inc.

- Giddens, Anthony. 1991. "Structuration theory: past, present and future." In *Giddens' Theory of Structuration: A critical appreciation*, editado por Bryant e Jary, 201-221. New York: Routledge.
- Gilroy, Paul. 2004. *After Empire: Melancholia or Convivial Culture?* London: Routledge.
- Glass, Ruth. 1964. *London: Aspects of Change*. London: Centre for Urban Studies and MacGibbon and Kee.
- Glick-Schiller, Nina. 2003. "The centrality of ethnography in the study of transnational migration: seeing wetland instead of the swamp." In *American Arrivals. Anthropology Engages the New Immigration*, editado por Nancy Foner, 99-128. Santa Fe: School of American Research Press.
- Glick-Schiller, Nina, Ayse Çağlar e Thaddeus C. Guldbrandsen. 2006. "Beyond the ethnic lens: Locality, globality, and born-again incorporation." *American Ethnologist* 33(4): 612-633.
- Glick-Schiller, Nina e Ayse Çağlar. 2009. "Towards a Comparative Theory of Locality in Migration Studies: Migrant Incorporation and City Scale." *Journal of Ethnic and Migration Studies* 35 (2): 177-202.
- Glick-Schiller, Nina e Ayse Çağlar. 2011. "Locality and Globality: Building Comparative Analytical Framework in Migration and Urban Studies." In *Locating Migration: Rescaling Cities and Migrants*, editado por Nina Glick Schiller e Ayse Çağlar, 60-84. Ithaca and London: Cornell University Press.
- Gluckman, Max. 1940. "Analysis of a social situation in modern zululand." *Bantu Studies* 14 (1-30): 147-74.
- Góis, Pedro, José Carlos Marques, Pedro Candeias, Bárbara Ferreira e Alexandra Ferro. 2016. "Novos destinos migratórios: a emigração portuguesa para o Reino Unido". In *Regresso ao Futuro: A nova emigração e a sociedade portuguesa*, organizado por Peixoto et al, 71-107. Lisboa: Gradiva.
- Gomes, Rui et al. 2014. "Mobility of High Skilled Professionals: The Brain Waste and the Brain Gain", INTCESS14 – *International Conference on Education and Social Sciences*: 173-181.
- Gomes, Rui. 2015. *Fuga de Cérebros: Retratos da emigração portuguesa qualificada*. Lisboa: Bertrand.
- Goody, Jack. 1966. "The prospects for social anthropology." *New Society* 13 October: 574-576.
- Greenhouse, Carol J. 1985. "Anthropology at home: whose home?" *Human Organization* 44(3): 261-264.
- Hamnett, Chris. 2003. "Gentrification and the Middle-class Remaking of Inner

- London, 1961-2001” *Urban Studies* 40 (12): 2401-2426.
- Hannerz, Ulf. 1980. *Exploring the City: Inquiries Toward an Urban Anthropology*. New York: Columbia University Press.
- Hansen, Randall e Weil Patrick. 2001. *Towards a European Nationality: Citizenship, Immigration and Nationality Law in the EU*. New York: Palgrave.
- Harvey, David. 1989. *The Condition of Postmodernity: An Enquiry into the Origins of Cultural Change*. Cambridge and Oxford: Blackwell.
- Harvey, David. 2012. *Rebel Cities – From Right to the City to the Urban Revolution*. London and New York: Verso.
- Homobono, José Ignacio. 2000. “Antropologia urbana: itinerários teóricos, tradições nacionais y ámbitos temáticos en la exploración de lo urbano.” *Zainak, Cuadernos de Antropología-Etnografía* 19: 15-50.
- Insee. 2014. “Les immigrés récemment arrivés en France: Une immigration de plus en plus européenne.” *Insee Première* n° 1524, Nov. 2014.
- Jackson, Anthony. 1987. *Anthropology at Home*. New York: Tavistock Publications.
- Klimt, Andrea. 2000. “Enacting national selves: Authenticity, adventure, and disaffection in the Portuguese Diaspora.” *Identities: Global Studies in Culture and Power* 6(4): 513-550.
- Lamphere, Louise. 1992. *Structuring diversity: Ethnographic perspectives on the new immigrants*. Chicago: University of Chicago Press.
- Leal, João. 2007. *Açores, EUA, Brasil: Imigração e Etnicidade*. Horta: Direção Geral das Comunidades.
- Leal, João. 2013. “Modos de produção da etnicidade: emigração, ritual, etnogénese.” In *As Lições de Jill Dias: Antropologia, História, África e Academia*, coordenado por Maria Carneira da Silva e Clara Saraiva, 207 -222. Lisboa: CRIA.
- Leal, João. 2014. “What’s (not) in a parade? Nationhood, ethnicity and regionalism in a diasporic context.” *Nations and Nationalism* 20 (2): 200–217.
- Lefebvre, Henri. 1970. *La Révolution urbaine*. Paris: Éditions Gallimard
- Lefebvre, Henri. 2001. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro.
- Lévi-Strauss, Claude. 1961. “La crise moderne de l’anthropologie.” *Le Courr* (UNESCO) 14 (11): 12-17.
- Lévi-Strauss, Claude. 1962. *La Pensée Sauvage*. Paris: Plon.

- Levitt, Peggy. 1998. "Social Remittances: Migration Driven Local-Level Forms of Cultural Diffusion." *International Migration Review* 32 (4): 926-948.
- Levitt, Peggy. 2001. *The Transnational Villagers*. Berkeley, CA: University of California Press.
- Lewis, Diane. 1973. "Anthropology and colonialism." *Current Anthropology* 14(5): 581-602.
- Lewis, Oscar. 1979 [1961]. *Os Filhos de Sanchez*. Lisboa: Moraes.
- Lin, Jan e Paul Robinson. 2005. "Spatial Disparities in the Expansion of the Chinese Ethnoburb of Los Angeles". *Geojournal* 64 (1): 51-61.
- Lopes, João Teixeira. 2014. *Geração Europa? Um estudo obre a jovem emigração qualificada para França*. Lisboa: Mundos Sociais.
- Low, Setha. 1996. "The Anthropology of Cities: Imagining and Theorizing the City." *Annual Review of Anthropology* 25: 383-409.
- Low, Setha. 2006. "The Erosion of Public Space and the Public Realm: paranoia, surveillance and privatization in New York City." *City and Society* 18 (1): 43-49.
- Malheiros, Jorge. 2011. "Portugal 2010: o regresso do país de emigração?" Notas e Reflexões, *JANUS.NET e-journal of International Relations* 2 (1): 133- 142. http://observare.ual.pt/janus.net/images/stories/PDF/vol2_n1/pt/pt_vol2_n1_not3.pdf. Acedido a 20 de outubro de 2015.
- Malheiros, Jorge, Rui Carvalho e Luís Mendes. 2012. "Etnicização residencial e nobilitação urbana marginal: processo de ajustamento ou prática emancipatória num bairro do centro histórico de Lisboa?" *Sociologia*, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Número temático: Imigração, Diversidade e Convivência Cultural: 97-128.
- Malheiros, Jorge, José Carlos Marques e Pedro Góis. 2016. "Geografias, processos migratórios e dinâmicas sociográficas da emigração contemporânea portuguesa: respondendo a algumas questões ..." In *Retorno ao Futuro: A nova emigração e a sociedade portuguesa*, organizado por Peixoto et al, 273-296. Lisboa: Gradiva.
- Mapril, José. 2016. "Travelling Spirits, Localizing Roots: Transnationalisms, Home and Generation among Portuguese-Canadians in British Columbia." *International Migration & Integration*: 1-21. doi:10.1007/s12134-016-0502-0
- Marques, José Carlos. 2009. "E continuaram a partir: as migrações portuguesas contemporâneas." *Ler História* 56: 27-44.

- Marques, José Carlos. 2011. "A emigração portuguesa em tempos de imigração." *POLÍGONOS. Revista de Geografia* 20: 115-129.
- Marry, Sally Engle. 2001. "Spatial Governmentality and the New Urban Social Order: Controlling Gender Violence through Law." *American Anthropologist* 103 (1): 16-29.
- Mattos, Carlos A. 2001. "Metropolización y suburbanización." *EURE* 27 (80): 1-7.
- May, Tim, Beth Perry, Patrick Le Galès, Saskia Sassen e Mike Savage. 2008. "The Future of Urban Sociology." *Sociology* 39 (2): 343-370.
- Mendes, Luís. 2006. "Nobilitação urbana no Bairro Alto: análise de um processo de recomposição sócio-espacial." *Finisterra* XLI 81: 57-82.
- Mezzadra, Sandro. 2012. *Direito de Fuga: migrações, cidadania e globalização*. Lisboa: Edições Unipop.
- Migration Watch UK. 2014. *A summary history of immigration to Britain*. Briefing Paper 6.1. <http://www.migrationwatchuk.org/briefing-paper/6.1> Acedido a 8 de junho de 2016.
- Mitchell, J. Clyde. 1956. *The Kalela Dance: Aspects of Social Relationships among Urban Africans*. Manchester: University of Manchester Press.
- Mitchell, J. Clyde. 1969. *Social Network in Urban Situations*. Manchester: University of Manchester Press.
- Moya, Jose. 2005. "Immigrants and associations: a global and historical perspective." *Journal of Ethnic and Migration Studies* 31 (5): 833-864.
- Monteiro, Paulo Filipe. 1994. *O Eterno Mito do Retorno*. Oeiras: Celta Editora.
- Mullings, Leith. 1987. "Introduction: Urban anthropology and U.S. cities." In *Cities of the United States: Studies in Urban Anthropology*, editado por Mullings, 1-18. New York: Columbia University Press.
- OIM. 2015. "Migrants and Cities: New Partnerships to Manage Mobility." *World Migration Report*. http://publications.iom.int/system/files/wmr2015_en.pdf. Acedido a 16 de julho de 2016.
- Oliveira, Isabel Tiago de, Pedro Candeias, João Peixoto, Joana Azevedo e Jorge Malheiros. 2016. "Regresso e circulação de emigrantes portugueses no início do século XXI." *Sociologia, Problemas e Práticas* 81: 11-35.
- Padilla, Beatriz, Joana Azevedo e Antonia Olmos-Alcaraz. 2014. "Superdiversity and conviviality: exploring frameworks for doing ethnography in Southern European intercultural cities." *Ethnic and Racial Studies* 38 (4): 621-635.

- Park, Robert E. e Ernest W. Burgess. 1925. *The City: Suggestions for Investigation of Human Behavior in the Urban Environment*. Chicago: University of Chicago Press.
- Peirano, Mariza. 1998. "When Anthropology is at home: The Different Contexts of a Single Discipline." *Annual Review of Anthropology* 27: 105-128.
- Peixoto, João. 1999. *A Mobilidade Internacional dos Quadros: Migrações Internacionais, Quadros e Empresas Transnacionais em Portugal*. Oeiras: Celta Editora.
- Peixoto, João. 2004. "País de emigração ou país de imigração? Mudança e continuidade no regime migratório em Portugal." *SOCIUS Working Papers* 2.
- Peixoto, João *et al.* 2016. *Retorno ao Futuro: A nova emigração e a sociedade portuguesa*. Lisboa: Gradiva.
- Pereira, Cláudia, Nuno Pinto e Rui Pena Pires. 2015. "Portuguese nurses in the UK 2014." *Oem Fact Sheets 3*, Observatório da Emigração, CIES-IUL, ISCTE-IUL.
- Phillips, Mike e Trevor Phillips. 1998. *Windrush: The Irresistible Rise of Multi-Racial Britain*. London: Hoper Collins Publishers.
- Pires, Rui Pena. 2016. "Saldo migratório menos negativo pelo segundo ano consecutivo." *Observatório da Emigração*. <http://observatorioemigracao.pt/np4/5567.html>
- Pires, Rui Pena, Cláudia Pereira, Joana Azevedo e Ana Cristina Ribeiro. 2014. *Emigração Portuguesa. Relatório Estatístico 2014*. Lisboa: Observatório da Emigração e Rede Migra, Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), CIES-IUL e DGACCP.
- Portes, Alejandro, William Haller e Patricia Fernandez-Kelly. 2008. "Filhos de imigrantes nos Estados Unidos." *Tempo social* 20 (1): 13-50.
- Price, Marie e Lisa Benton-Short. 2008. *Migrants to the Metropolis: The Rise of Immigrant Gateway Cities*. New York: Syracuse University Press.
- Redfield, Robert. 1947. "The Folk Society." *American Journal of Sociology* 53 (4): 293-308.
- Ribeiro, Joana *et al.* 2013. "Health professionals moving to... and from Portugal." *Health Policy* 144 (2-3): 97-108, <http://dx.doi.org/10.1016/j.healthpol.2013.05.009> Acedido a 20 de novembro de 2015.
- Rollwagen, Jack. 1975. "Introduction: The City as Context: A Symposium." *Urban Anthropology* 4 (1): 1-4.

- Rose, Damaris. 2004. "Discourses and experiences of social mix in gentrifying neighbourhoods: A Montreal case study." *Canadian Journal of Urban Research* 13 (2): 278-316.
- Salzbrunn, Monika. 2011. "Rescaling Processes in Two "Global" Cities: Festive Events as Pathways of Migrant Incorporation." In *Locating Migration: Rescaling Cities and Migrants*, editado por Nina Glick Schiller e Ayse Çağlar, 166-189. Ithaca and London: Cornell University Press.
- Sassen, Saskia. 1991. *The Global City: New York, London, Tokyo*. Princeton: Princeton University Press.
- Sassen, Saskia. 1996. "New employment regimes in cities: the impact on immigrant workers." *New community* 22(4): 579-594.
- Simmel, Georg. 1997 [1903]. "A metrópole e a vida do espírito." In *Cidade, Cultura e Globalização* organizado por Carlos Fortuna, 45-65. Oeiras: Celta Editora.
- Smith, Neil. 2002. "New Globalism, New Urbanism: Gentrification as Global Urban Strategy." *Antipode* 34 (3): 427-450.
- Susser, Ida. 1982. *Norman Street*. New York: Oxford University Press.
- Thomas, William I. e Florian W. Znaniecki. 1918-1920. *The Polish Peasant in Europe and America*. Chicago: University of Chicago Press and Boston: Gorham Press.
- Trasher, Frederic M. 1927. *The Gang: A study of 1313 gangs in Chicago*. Chicago: University of Chicago Press.
- Valença, Márcio. 2014. "Desenvolvimento urbano e centralidade metropolitana: Londres hoje, segundo Peter Hall." *Revista de Geografia e Ordenamento do Território* 6: 13-21.
- Van der Veer, Peter. 2001. *Imperial Encounters: Religion and modernity in India and Britain*. Princeton: Princeton University Press.
- Velho, Gilberto. 2009. "Antropologia Urbana: Encontro de tradições e novas perspectivas." *Sociologia, Problemas e Práticas* 59: 11-18.
- Vertovec, Steven. 2007. "Super-diversity and its Implications." *Ethnic and Racial Studies* 30 (6): 1024-1054.
- Vertovec, Steven. 2009. *Transnationalism*. London and New York: Routledge.
- Wacquant, Loïc e William Julius Wilson. 1989. "The Cost of Racial and Class Exclusion in the Inner City." *Annals of American Academy of Political and Social Science* 501: 8-25.

- Whyte, William Foote. 1943. *Street Corner Society: The Social Structure of an Italian Slum*. Chicago: University of Chicago Press.
- Wilson, Godfrey. 1941-42. An Essay on the Economics of Detribalization in Northern Rhodesia. *Rhodes Livingstone Papers*, 5. Livingstone: Rhodes-Livingstone Institut.
- Wimmer, Andreas e Nina Glick-Schiller. 2002. "Methodological Nationalism and Beyond: Nation-State Building, Migration and the Social Sciences." *Global Networks* 2 (4): 301-334.
- Wirth, Louis. 1928. *The Ghetto*. Chicago: University of Chicago Press.
- Wirth, Louis. 1997 [1938]. "O urbanismo como modo de vida." In *Cidade, Cultura e Globalização*, organizado por Carlos Fortuna, 45-65. Oeiras: Celta Editora.
- World Bank. 1999. "Knowledge for Development." *World Development Report*. Oxford: Oxford University Press.
- Zorbaugh, Harvey W. 1929. *The Gold Coast and the Slum*. Chicago: University of Chicago Press.

Anexos

Anexo 1 – Caracterização dos entrevistados

<u>Entrevistas a jovens emigrantes qualificados</u>			
Nome	Idade	Ano de chegada	Setor de atividade
Rita	31	2008	Saúde
Jorge	31	2007	Banca financeira
Rafael	33	2013	Cozinha
João	31	2008	Design e moda
Bárbara	33	2013	Arquitetura

<u>Entrevistas realizadas em <i>Little Portugal</i></u>			
Nome	Idade	Ano de chegada	Setor de atividade
Fábio	30	2012	Hotelaria
Ângela	44	1994	Educação
Ana	43	1990	Restauração e Limpezas
Ana Luís	55	1982	Restauração
Carlos	42	2015	Restauração
Pedro	39	1995	Restauração
JC	84	1968	Reformado
Marcos	21	2009	Estudante
AM	31	2007	Comércio
Nuno	31	2016	Restauração

Anexo 2 – Mapa da distribuição geográfica dos indivíduos nascidos em Portugal residentes no Reino Unido (2011).



(Cada ponto representa 20 indivíduos)

Fonte: Peixoto *et al.* 2016, 82.

Anexo 3 - Fotos dos grandes empreendimentos em construção em *Little Portugal*

Foto 1: Construção de apartamentos com 570 quartos destinados a estudantes na estrada A203 que intersecta com a South Lambeth Road.



©Alexandra Ferro

Foto 2: Edifício *Keybridge House*, South Lambeth Road (i)



©Alexandra Ferro

Foto 3: Edifício *Keybridge House*, South Lambeth Road (ii)



©Alexandra Ferro

Foto 4: Vista para da rua de South Lambeth para a construção dos Sky Gardens, Wyvil Road.



©Alexandra Ferro

Foto 5: “Merano Residences”, Rua Albert Embankment (i)



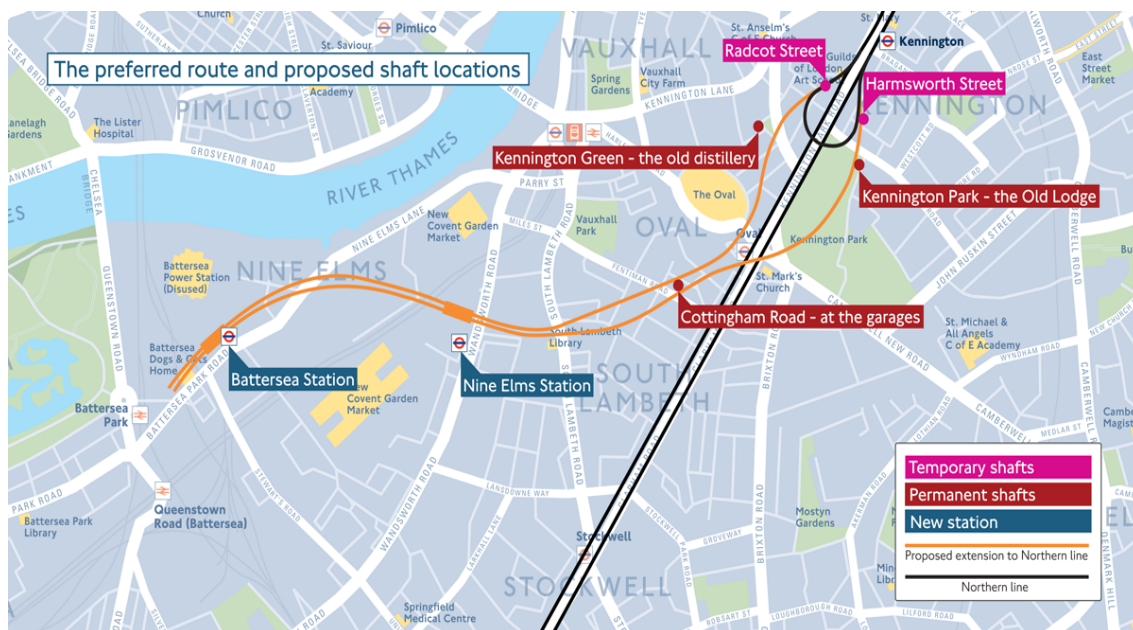
©Alexandra Ferro

Foto 6: “Merano Residences”, Rua Albert Embankment (ii)



©Alexandra Ferro

Anexo 4: Mapa de extensão da *Northern Line* ao abrigo do projeto de reestruturação urbana



Fonte: Nine Elms Vauxhall Partnership

<http://www.nineelmslondon.com/wp-content/uploads/2012/07/route-overlay.png>

Anexo 5 – Mapa de planificação das construções em *Little Portugal*.



©Mariana Campos

Anexo 6 – Fotografias da presença portuguesa em *Little Portugal*

Foto 7: Casa da Madeira, Rua Albert Embankment



©Alexandra Ferro

Foto 8: “Tony’s Delicatessen”, restaurante de comida portuguesa e italiana na South Lambeth Road



©Alexandra Ferro

Foto 9: “Ricardina Bridges Solicitors”, South Lambeth Road



©Alexandra Ferro

Foto 10: Café/Restaurante “Estrela”, South Lambeth Road



©Alexandra Ferro

Foto 11: Vista da rua de South Lambeth.



©Alexandra Ferro